



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

ZENILEIDE REJANE DE AZEVEDO

ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUCESSO ESCOLAR:
Estudo realizado com jovens do Agreste Potiguar através de Narrativas
Autobiográficas.

Mossoró/RN

2017

ZENILEIDE REJANE DE AZEVEDO

ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUCESSO ESCOLAR:
Estudo realizado com jovens do Agreste Potiguar através de Narrativas
Autobiográficas.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Políticas e Gestão da Educação

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa

Mossoró/RN

2017

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A994e Azevedo, Zenileide Rejane de
ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUCESSO
ESCOLAR: Estudo realizado com jovens do Agreste
Potiguar através de Narrativas Autobiográficas. / Zenileide
Rejane de Azevedo. - UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE
DO NORTE - UERN, 2017.
135p.

Orientador(a): Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Sucesso Escolar. 2. IFRN. 3. Pesquisa
(auto)biográfica. 4. Narrativas Autobiográficas. I. Barbosa,
Joaquim Gonçalves. II. Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ZENILEIDE REJANE DE AZEVEDO

ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUCESSO ESCOLAR:
Estudo realizado com jovens do Agreste Potiguar através de Narrativas
Autobiográficas.

Esta dissertação será julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: _____
Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa – FE/DE/UERN

Banca examinadora:

Prof.^a. Dr.^a Simone Maria da Rocha, UFERSA
(Examinador Externo)

Prof. Dr Constantin Xypas, UERN
(Examinador Interno)

Prof.^a. Dr.^a Maria da Conceição Ferrer Botelho Passeggi, UFRN
(Examinador Externo, suplente)

Prof.^a. Dr.^a Arilene Maria Soares de Medeiros, UERN
(Examinador Interno, suplente)

Mossoró/RN

2017

À meu esposo e filhos, que sendo partes de mim dão todo significado às escolhas e conquistas.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer durante está caminhada, que não foi fácil, mais foi muito gratificante, agora estou feliz colhendo os seus frutos. Sou grata à Deus primeiramente, pelo dom da vida, pelos seus cuidados incondicionais e por ter me dado essa oportunidade e forças para iniciar, continuar e concluir esse desafio. Além Dele, muitas pessoas contribuíram para esta conquista. Meus sinceros agradecimentos:

Aos meus pais, por terem me incentivado, desde cedo, a sempre seguir em frente, dando um passo de cada vez e pelo seu amor e carinho;

A meu esposo, que de uma forma muito especial, sempre me apoiou, me incentivou e me compreendeu, principalmente nas minhas ausências durante toda essa caminhada. Sem você ficaria mais difícil chegar até aqui;

A meus filhos Sarah e Stevam que me acompanharam durante esse percurso, por todo o apoio, mesmo durante as minhas ausências de mãe em que deixei de lhes dar o meu carinho e atenção para me dedicar aos estudos e a meu genro Nelson, mais um filho que Deus nos deu para completar a nossa família;

A meus irmãos, familiares e amigos que sempre torceram pela minha vitória;

Ao Professor Doutor Joaquim Barbosa, que sendo meu orientador, sabiamente soube respeitar o meu processo de formação do conhecimento, partilhou seus saberes em todos os momentos e encontro após encontro atribuiu forma a ideia, possibilitando a realização desse trabalho, ao qual sempre serei grata;

A todos os professores e colegas de curso pelas contribuições dadas durante essa minha trajetória pessoal e profissional, principalmente, nos momentos presenciais em que vivemos muitos momentos de alegria e descontração;

A amiga Lúcia Lima (in memoriam), que conheci durante o mestrado e que guardarei a sua lembrança comigo durante toda a minha vida;

A Adiza, secretária do Mestrado em Educação, pelo seu atendimento sempre cordial e eficiente;

Agradeço a Professora Doutora Maria da Conceição Passeggi e aos membros do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades - GRIFARS pelo acolhimento no grupo em que tive o prazer de dividir muitos momentos de aprendizado;

À Gestão anterior e atual do *Campus* Nova Cruz que viabilizaram a minha participação nos períodos presenciais em Mossoró/RN e em Natal/RN; Aos colegas de trabalho,

especialmente, aos meus colegas da Secretária Acadêmica, que tanto contribuíram para a realização da pesquisa de campo e as amigas Fábiana Jaiany e Bruna Rafaela, que sempre me incentivaram e se mostraram interessadas na pesquisa.

A minha amiga Celma, servidora do IFRN *Campus* Mossoró que sempre me apoiou e acreditou que eu conseguiria;

Aos participantes e familiares que acolheram a mim e a pesquisa, permitindo que conhecêssemos um pouco de suas vidas para a concretização desse trabalho;

E enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta, fica registrado aqui, o meu muito obrigada!

“Há uma aprendizagem a ser reescrita em nosso inconsciente. A aprendizagem da própria escrita. Seja com o computador ou com a caneta, a escrita tem o seu lugar: o de organizar nossas sensações e nossos pensamentos e de organizar nosso mundo inconsciente”.

(Joaquim Barbosa)

RESUMO

A presente pesquisa busca refletir sobre a percepção do sucesso escolar de jovens, com idade entre 18 e 22 anos, oriundos da região do Agreste Potiguar, egressos do curso oferecido na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, com ênfase no curso Técnico Integrado em Administração, na primeira turma iniciada no segundo semestre letivo em 2012 e concluída no segundo semestre letivo em 2015, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, *Campus* Nova Cruz. O sucesso escolar nessa dissertação deve ser entendido como casos de conclusão com êxito do curso e que estão na graduação. A pesquisa é qualitativa, seguimos o caminho da pesquisa (auto)biográfica, acompanhando um movimento cultural e científico que se ampliou nos anos de 1980, com o sociólogo francês Franco Ferrarotti, defensor do método biográfico. Como metodologia da pesquisa utilizou-se a narrativa autobiográfica e como principal recurso para a coleta das fontes foi usada a entrevista autobiográfica narrativa. Entrevistou-se cinco egressos do curso e através das narrativas ouviu-se o que os jovens tinham a nos contar sobre seu percurso no Instituto, delimitando a experiência vivida por eles durante o curso técnico de nível médio. O estudo nos revela as estratégias e mobilizações pessoais usadas por eles e suas famílias para superarem as dificuldades e viabilizar esse sucesso. Pretende-se com esse estudo, contribuir de alguma maneira no entendimento desses casos “improváveis” de sucesso escolar, visto que eles vêm de famílias com baixa renda e pais com pouca escolaridade e baixo capital cultural.

Palavras-chave: Sucesso Escolar. IFRN. Pesquisa (auto)biográfica. Narrativas autobiográficas.

ABSTRACT

The present research seeks to reflect on the perception of school success among young people, aged between 18 and 22 years old, from the Agreste Potiguar region graduating from the course offered by the Technical Professional Education of Medium Level, with emphasis on the Integrated Technical Course in Administration, with the first group which started in the second semester of 2012 and completed in the second semester of 2015, offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte - IFRN, Nova Cruz Campus. School success, in this dissertation, should be understood as cases of successful completion of the course at under graduation level. The research is qualitative. We follow the path of (auto) biographical research, accompanying a cultural and scientific movement that expanded in the 1980s with French sociologist Franco Ferrarotti, defender of the biographical method. As methodology of the research, an autobiographical narrative was used and, as the main resource of collection of the sources, an autobiographical narrative interview was used. Five graduates of the course were interviewed and, we listened to what the young people had to tell us about their trajectory in the Institute, delimiting the experience lived by them during the mid-level technical course. This study reveals the strategies and personal mobilizations used by these students and their families to overcome the difficulties and make this success possible. This study intends to contribute, in some way, to the understanding of these "unlikely" cases of school success, since they come from families of low income and parents with little schooling and low cultural background.

Key words: School Success. IFRN. Research (auto) biographical. Autobiographical narratives.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ensino Médio propedêutico.....	20
Quadro 2 – Ensino Profissionalizante.....	23
Quadro 3 – Organização curricular do curso Técnico Integrado em Administração.....	27
Quadro 4 – Matriz Curricular do Curso Técnico de Nível Médio em Administração, na forma integrada, presencial do IFRN.....	28
Quadro 5: Pesquisa efetuada no banco de Teses e Dissertações da CAPES.....	32
Quadro 6 -Municípios atendidos pelo <i>Campus</i>	53
Quadro 7 – Ambientes Pedagógicos disponíveis no <i>Campus</i>	54
Quadro 8 – Algumas informações sobre os participantes da pesquisa.....	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de professores por área de conhecimento.....	29
Tabela 2 – Nível de escolaridade dos docentes e Regime Trabalhista	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da Escola Ambulatório Matias Moreira	43
Figura 2 – Foto da Escola Estadual Padre Miguelinho	44
Figura 3 – Foto da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte.....	46
Figura 4 – Foto do IFRN/ <i>Campus</i> Nova Cruz	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Expansão da Rede Federal	56
Gráfico 2 – Município de residência x Distância de Nova Cruz.....	59
Gráfico 3 - Meio de locomoção utilizado pelos jovens.....	60
Gráfico 4 - Participação em programas de assistência estudantil.....	61
Gráfico 5 – Escola de origem.....	62
Gráfico 6 - Frequência de horas de estudo em casa.....	63
Gráfico 7 - Participação em projetos de pesquisa ou extensão.....	64
Gráfico 8 – Escolaridade dos pais.....	65
Gráfico 9 – Distribuição da renda familiar	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM	Administração
AMBEV	Companhia Brasileira de Bebidas LTDA
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEE	Coordenação de Estágios e Egressos
CONNEPI	Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação
CONSUP	Conselho Superior
COPLAN	Coordenação de Planejamento
DRE	Demonstração do Resultado do Exercício
EAA	Escola de Aprendizes e Artífices
EAD	Ensino à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ETFRN	Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte
FACEX	Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte
FIC	Formação Inicial e Continuada
GRIFARS	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IF	Instituto Federal
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
LDB	Lei de Diretrizes de Base
NC	Nova Cruz
PB	Paraíba
PNE	Plano Nacional de Educação
PosEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PROUNI	Programa Universidade para Todos
RN	Rio Grande do Norte
SEMADEC	Semana de Arte, Cultura e Desporto
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SUAP	Sistema Unificado de Administração Pública
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TELERN	Telecomunicações do Rio Grande do Norte
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UF	Universidade Federal
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	12
II ENSINO PROFISSIONALIZANTE DE NÍVEL MÉDIO: UM POUCO DE HISTÓRIA.....	17
BREVE HISTÓRICO DO ENSINO MÉDIO PROPEDÊUTICO E DO ENSINO PROFISSIONALIZANTE	17
CONHECENDO O CURSO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE DE NÍVEL MÉDIO EM ADMINISTRAÇÃO, NA FORMA INTEGRADA.	25
III NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: PERCEPÇÕES TEÓRICAS E ANOTAÇÕES.	30
SUCESSO ESCOLAR DE JOVENS DOS MEIOS POPULARES.....	30
PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO.....	33
PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO.....	34
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	36
ENTREVISTA AUTOBIOGRÁFICA NARRATIVA	39
IV PERCURSO METODOLÓGICO	42
A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	42
PROXIMIDADE PESSOAL COM O TEMA.....	42
O CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO.....	52
O MUNICÍPIO DE NOVA CRUZ	56
CONSTITUIÇÃO DAS FONTES DA PESQUISA	57
CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	59
V A CONSOLIDAÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR ATRAVÉS DE NARRATIVAS	68
A MOTIVAÇÃO E ATUAÇÃO PESSOAL DE CINCO JOVENS PARA A CONQUISTA DO SUCESSO ESCOLAR.....	69
• <i>Ana: Do campo para a cidade grande rumo a conquista da longevidade escolar.....</i>	<i>69</i>
• <i>Beatriz: A maternidade como incentivo para a concretização do sucesso escolar.....</i>	<i>77</i>
• <i>Carla: O gosto pelos estudos em prol da realização de um sonho.....</i>	<i>85</i>
• <i>Diana: Motivação pessoal na busca do sucesso escolar e o apoio familiar.....</i>	<i>99</i>
• <i>José: Enfrentamento e mobilização em busca do sucesso escolar.....</i>	<i>109</i>
VI REFLETINDO SOBRE O VIVIDO E O SENTIDO.....	119
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICES.....	128
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	130

I INTRODUÇÃO

As mudanças vividas, atualmente, no país, ocorridas no contexto político, econômico, social e cultural, têm impactos diretamente na escola e na sua organização e, conseqüentemente, na vida de muitos jovens que procuram na sua formação escolar um caminho para mudar a sua realidade social, principalmente os jovens da zona rural ou interiorana do nosso Estado, visto a concentração das universidades nos grandes centros urbanos, especificamente nas capitais. Considerando a minha realidade, surgiu em mim o interesse de realização de tal estudo, resultado das inquietações decorridas das experiências vividas na antiga ETFRN, durante o período de 1986 a 1989, como aluna no curso Técnico Profissionalizante de Nível Médio em Edificações, na modalidade Integrada, onde conclui o curso profissionalizante integrado ao ensino médio propedêutico, desejando uma formação técnica para um futuro ingresso no mercado de trabalho. Egressa de um primeiro grau, cursado na Escola Estadual Padre Miguelinho, no Bairro do Alecrim, em Natal, e pertencente a uma família constituída de pai, mãe e dois irmãos, tendo os pais pouco letramento e renda, pois apenas meu pai trabalhava e diante dessa realidade difícil, sempre sonhei em mudar o meu caminho através dos meus estudos e através dele consegui a tão sonhada qualificação, sendo ela o passaporte de entrada para o campo profissional. Atualmente, trabalho como servidora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN, desde o ano de 2013, quando ingressei através de concurso público, no *Campus* Nova Cruz e experimentando uma mistura de sentimentos dentre eles o de felicidade por ter conseguido a vaga tão sonhada e um sentimento de pertencimento, por estar fazendo parte do quadro de servidores na instituição em que um dia estudei. Tenho observado no *Campus* a inquietação dos alunos do Integrado, modalidade de ensino onde eles passam quatro anos estudando no *Campus* para concluir o curso e diante do desafio e da indecisão de terminar o curso ou ingressar numa faculdade, visto que a conclusão do ensino médio, se dá por volta do terceiro ano do curso, habilitando-o a fazer a prova do ENEM e tentar a possibilidade de ingressar em uma faculdade ou continuar até a conclusão do mesmo, que ocorre ao final do quarto ano, quando ele está apto a receber o diploma de Técnico em Administração e se inserir no mercado de trabalho ou decidir em continuar os estudos na graduação. O mercado de trabalho é bastante competitivo e cada vez mais, exige do jovem que ele tenha experiência prévia, passando por estágios e programas de primeiro emprego até a certificação do ensino médio.

Diante desse panorama competitivo decidiu-se ouvir o que esses jovens, após a conclusão do curso, têm a dizer sobre a sua formação, suas experiências e o seu sucesso escolar. Sucesso esse caracterizado pela conclusão do curso técnico profissionalizante de nível médio integrado ao ensino médio.

Neste trabalho busca-se refletir sobre a percepção do sucesso escolar por jovens, com idade entre 18 e 22 anos, oriundos da região do Agreste Potiguar, concluintes do curso oferecido na educação profissional técnica de nível médio, com ênfase no curso Técnico Integrado em Administração, na primeira turma iniciada no segundo semestre letivo em 2012 e concluída no segundo semestre letivo em 2015, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN/*Campus* Nova Cruz.

Dentre os cursos técnicos profissionalizantes de nível médio oferecidos no *Campus* (Administração, Informática e Química), escolhemos a turma em questão, no contexto acima descrito, por se tratar de uma turma com melhor índice de permanência e sucesso escolar do turno vespertino, pois iniciada com 40 alunos, 25 deles conseguiram concluir o curso, destacando que 17 destes, já estão cursando a graduação, continuando assim a permanência no sistema escolar. Não estamos levando em consideração na pesquisa os 15 alunos que não concluíram, pois esse número foi construído ao longo do percurso de quatro anos de andamento do curso, visto que alguns foram reprovados nos anos anteriores, alguns mudaram de curso e de turno, outros se evadiram e outros saíram na conclusão do terceiro ano, apenas com a certificação do ensino médio, por terem sido aprovados na graduação para continuarem os estudos em uma faculdade, levou-se nessa pesquisa em consideração a formação inicial da turma e sua continuidade.

Não desconhecemos, entretanto, que questões ligadas a família e a escola, na forma de seu funcionamento, podem influenciar diretamente no sucesso escolar alcançado pelos jovens pesquisados, porém não compõe objetivo desse trabalho investigar a forma das presenças dessas dimensões nos percursos desses jovens. Por esse motivo, não aparece em nossas entrevistas autobiográficas narrativas a narrativa de familiares ou servidores da escola, eles aparecem de forma indireta em citações feitas pelos participantes.

O *Campus lócus* da pesquisa foi contemplado na segunda fase da expansão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Localizado na cidade de Nova Cruz, a 98 km de Natal, capital do Estado, com a oferta de três cursos técnicos de nível médio e atualmente, com a oferta de dois cursos de graduação, uma completa estrutura física, com salas de aula, laboratórios, área de lazer, ginásio poliesportivo e piscina, além de um competente quadro de professores e técnicos administrativos trabalhando em prol do sucesso

escolar de cada jovem matriculado na Instituição. Oferece a comunidade oportunidade para muitos jovens que não teriam condições de estudar na Capital, em uma escola que oferecesse educação de qualidade e oportunidade de permanecerem em sua região, próximos da família enquanto estudam. Diante deste cenário, surge o problema básico que norteia a investigação, qual seja, a busca da compreensão do sucesso escolar de jovens de classe humilde, algo quase improvável, levando em consideração sua condição social, econômica e cultural, devido ao meio de seu pertencimento, vivendo situações que poderiam leva-los ao fracasso e mesmo diante desse cenário, eles conseguem ter sucesso em seus estudos. O sucesso escolar nesta pesquisa está representado na permanência e conclusão do curso.

A Pergunta norteadora da pesquisa foi: o que motivou esses jovens a permanecerem até a conclusão do curso técnico? Como Objetivo geral, a proposta foi ouvir o que esses jovens dizem sobre o alcance do seu sucesso escolar através da permanência e conclusão do curso técnico profissionalizante de nível médio. Assumimos como Objetivos específicos: a) Quais as experiências que esse jovem traz consigo e o que agregou no IFRN? b) Quais os saberes construídos no decorrer do curso? c) O baixo capital cultural dos pais, nesses casos, tem se apresentado como uma dificuldade ou barreira na construção desse sucesso escolar de seus filhos? e d) Como esses jovens compreendem o sucesso escolar alcançado?

Este estudo através de narrativas autobiográficas, dessa experiência singular de sucesso escolar desses jovens, se justifica pela necessidade concreta de entendermos como jovens de classe popular, pertencentes à famílias com poucas condições econômicas, culturais e escolares, em que a leitura e a escrita não tem ou pode não ter tanta relevância, com dificuldades de transporte, tendo que se locomoverem, muitas vezes da zona rural para a zona urbana, para um município vizinho para poder utilizar-se de um transporte público, sendo acolhido por uma prefeitura que não era a do seu município de residência, dependendo, muitas vezes, de carona para poder chegar até a escola ou voltar para casa, passando horas dentro de um ônibus, devido a distância entre sua casa e a Instituição. Como conseguiram permanecer na instituição? Como não ficaram desestimulados? O que os impulsionou para esse percurso pessoal de sucesso?

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, por se tratar de um fenômeno social, que não pode ser mensurado, é algo subjetivo, levando em consideração o humano, não há como precisar matematicamente sentimentos, memórias ou experiências vividas. Acompanhando um movimento cultural e científico que se ampliou nos anos de 1980, com o sociólogo francês Franco Ferrarotti, defensor do método biográfico, faremos o uso da pesquisa (auto)biográfica, que conforme Passeggi (2011), considera o sujeito como autor e protagonista da própria vida. Procurou-se ouvir o que os jovens egressos têm a nos contar através de narrativas

autobiográficas, delimitando a experiência vivida por eles durante o curso profissionalizante. A narrativa autobiográfica solicita primeiramente, o uso da memória, para voltar ao momento passado, através de uma experiência vivida e trazê-lo para o momento presente, sem no entanto, alterar essa vida. A narrativa autobiográfica pode ser dividida em oral ou escrita, neste trabalho interessou-se apenas pela narrativa escrita.

Vencida a etapa da escolha da turma a ser pesquisada, fizemos um primeiro contato com todos os 25 concluintes, através do telefone, enviamos um questionário por e-mail, que foi aplicado com todos, esses dados e outros que conseguimos coletar através do Sistema Q-Acadêmico do IFRN, serviram para caracterizar melhor a turma. Após a devolução dos questionários, avaliou-se as suas respostas e escolheu-se os participantes da pesquisa. Num segundo momento, após definidos os participantes, marcou-se uma entrevista autobiográfica narrativa com eles para escutarmos as suas histórias de dificuldades, perspectivas, leituras, vivências, formação e sua percepção do sucesso. A entrevista autobiográfica narrativa, conforme Michael Appel (2005), se trata da narração da vida pessoal do entrevistado sem prévia preparação. O entrevistador começa a entrevista com apenas uma pergunta inicial que motiva o entrevistado a narrar as experiências e acontecimentos de sua vida pessoal. O entrevistador não intervem na narração. Só quando o entrevistado termina a narração de sua vida, então o entrevistador fará mais perguntas.

Esse trabalho está estruturado em quatro capítulos intermediários. Os capítulos constarão da seguinte sequência: o primeiro capítulo *Ensino profissionalizante de nível médio: um pouco de história*. Neste primeiro capítulo descreveu-se um breve histórico do ensino propedêutico e do ensino profissionalizante, citando algumas leis que regulamentam a organização do ensino médio propedêutico e suas mudanças até o ensino profissionalizante de nível médio, buscou-se fazer um breve recorte do ano de 1909, quando teve início o ensino profissionalizante no Brasil, através das Escolas de Aprendizes e Artífices, passando por 1915, pela República Velha, quando o ensino médio era chamado de ensino secundário, até os dias atuais, apresentando a proposta do Governo Federal chamada de Novo Ensino Médio. Na segunda parte chamada de conhecendo o curso técnico profissionalizante de nível médio em Administração, na forma Integrada, apresentou-se uma visão geral do curso com base em seu Projeto Pedagógico.

Já no segundo capítulo *Narrativas Autobiográficas: percepções teóricas e anotações*, apresentaremos as percepções teóricas utilizadas na pesquisa, esse capítulo está subdividido em: 1) Sucesso Escolar de jovens dos meios populares, 2) Pesquisa Qualitativa em educação, 3) Pesquisa (auto)biográfica em Educação, 4) Narrativas autobiográficas e 5) Entrevista

autobiográfica narrativa. Neste capítulo dialogamos com PASSEGGI (2011), FERRAROTTI (2014a/2014b) e DELORY-MOMBERGER (2014) aspectos importantes da pesquisa (auto)biográfica e sobre os conceitos teóricos que orientam nossa pesquisa.

O terceiro capítulo intitulado *Percurso Metodológico*. Neste capítulo apresentamos o método utilizado na realização da pesquisa a partir de: 1) Proximidade pessoal com o tema, 2) O cenário da investigação: o *Campus* do IFRN – Nova Cruz, 3) O município de Nova Cruz, 4) Constituição dos dados e fontes da pesquisa e 5) Caracterização dos participantes da pesquisa, explicando os percursos metodológicos da pesquisa, caracterizando os sujeitos participantes e os instrumentos utilizados para a coleta de dados e fontes, seguindo o referencial teórico utilizado na pesquisa.

Finalizando, no quarto capítulo *A consolidação do sucesso escolar através de narrativas*, apresentaremos as narrativas dos cinco jovens participantes que foram coletadas oralmente e transcritas, sobre como eles vivenciaram e sentiram as suas experiências durante o percurso de formação no IFRN e o êxito do sucesso escolar obtido na conclusão do curso.

Faremos a conclusão do trabalho, após a explanação do mesmo, com a perspectiva de que a narrativa dos jovens sobre o sucesso escolar alcançado na conclusão do curso possa servir de incentivo a tantos outros jovens que buscam nos estudos uma oportunidade para um futuro promissor e esperamos com o presente estudo contribuir para a compreensão dessa realidade educacional em questão, e que possa servir de base para o desenvolvimento de novos estudos sobre essa temática tão relevante e tão presente no contexto da educação em nosso país, qual seja, a compreensão desse êxito escolar a partir de seus percursos, experiências e histórias.

II ENSINO PROFISSIONALIZANTE DE NÍVEL MÉDIO: UM POUCO DE HISTÓRIA.

Este capítulo está dividido em duas partes, na primeira denominada de “Breve histórico do Ensino Médio Propedêutico e do Ensino Médio Profissionalizante”, descreveu-se algumas leis que regulamentam a organização do ensino médio propedêutico e suas mudanças até o ensino profissionalizante de nível médio, buscou-se fazer um breve recorte do ano de 1909, quando teve o início do ensino profissionalizante no Brasil, através das Escolas de Aprendizes e Artífices, passando por 1915, pela República Velha, quando o ensino médio era chamado de ensino secundário, até os dias atuais, trazendo-se a proposta do Governo Federal chamada de Novo Ensino Médio. Na segunda parte chamada de “Conhecendo o curso Técnico de Nível Médio em Administração na forma Integrada, apresentou-se uma visão geral do curso com base em seu Projeto Pedagógico.

Breve histórico do Ensino Médio Propedêutico e do Ensino Profissionalizante

Longo foi o caminho do ensino médio propedêutico e do ensino profissionalizante no Brasil, desde o Decreto nº 7.566/1909, criando as Escolas de Aprendizes e Artífices, primeiras escolas profissionalizantes brasileiras e desde o Decreto nº 11.530/1915 que já regulamentava o ensino médio na época chamado de ensino secundário, cuja objetivo era o de preparar o aluno para o ensino superior enquanto as Escolas de Aprendizes e Artífices o preparavam para o mercado de trabalho. O Brasil, conforme Costa (2013, p. 127),

é emblemático na dicotomia histórica entre formação geral e profissional, haja vista que, desde o nascedouro, a educação formal, principalmente em sua fase intermediária, atual nível médio da educação básica, constitui, legalmente e na prática, um tipo de ensino propedêutico, de caráter geral, destinado aos filhos da classe dirigente, e um ensino profissional, de caráter técnico, com ênfase na atividade mecânica, voltado para os filhos das classes subalternas.

Em virtude desse pensamento de separação das classes através da oferta da educação, educação esta que deveria acabar ou minimizar as desigualdades sociais, sendo oferecida à todos da mesma forma e com o mesmo propósito, possibilitando ao jovem a oportunidade de um futuro melhor.

O Ensino Médio, na Primeira República ou República Velha, era chamado de Ensino Secundário, conforme o Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915, criado para regularizar o ensino secundário e superior no País, seu objetivo principal era o de preparar o aluno para o

ensino superior, ou seja, tinha a função propedêutica¹, com duração de cinco anos. A grade curricular era composta pelas matérias: Português, Francês, Latim, Inglês ou Alemão, Aritmética, Álgebra Elementar, Geografia e Elementos da Cosmografia, História do Brasil, História Universal, Física, Química e História Natural, o aluno ainda poderia fazer um curso facultativo de Psicologia, Lógica e História da Filosofia, oferecidos pelas principais escolas Filosóficas e nos quatro primeiros anos também tinham aulas de Ginástica e Desenho.

Ao longo da história da educação no Brasil, o ensino médio teve diversas denominações e alterações em sua grade curricular. No ano de 1942, em 9 de abril, foi instituído o Decreto Lei nº 4.244, que decretou a Lei Orgânica do Ensino Secundário, dividindo o Ensino Secundário em Curso Científico e Curso Clássico, cada um com a duração de três anos. O Curso Científico com uma formação voltada para um estudo maior das ciências e o Curso Clássico voltado para uma preparação intelectual, em ambos os alunos ao terminarem estariam aptos a ingressar no ensino superior, suas grades curriculares são a mesma com exceção do Latim e do Grego que são apenas para o Curso Clássico e a disciplina de Desenho que é ministrada apenas no Curso Científico. Disciplinas comuns: Português, Francês, Inglês, Espanhol, Matemática, Física, Química, Biologia, História Geral, História do Brasil e Filosofia. A disciplina de Educação Física é obrigatória para todos os alunos com idade até 21 anos. O ensino religioso também constitui parte integrante do ensino na adolescência e o ensino da Educação Moral e Cívica deve ser uma prática constante na educação dos alunos, não terá um tempo limitado nem um programa específico, mas seria aplicado junto com outras disciplinas objetivando a formação do pensamento patriota nos alunos. Nessa Lei, em destaque o seu Título III, Art. 25, que discorre sobre o ensino secundário feminino, sendo ele ministrado separado da educação masculina, com inclusão de disciplinas exclusivamente femininas:

1. É recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina.
2. Nos estabelecimentos de ensino secundário frequentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério de Educação.
3. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginasial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica.
4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar.

¹ Referente ao ensino, é um termo que fornece ensinamentos introdutórios, chamados conhecimentos mínimos.

Em 20 de dezembro de 1961, é decretada a Lei nº 4.024, também considerada a primeira Lei de Diretrizes de Bases – LDB do Brasil, ela inclui a família cabendo a esta escolher o tipo de educação que deve ser dada a seus filhos e institui que a educação é um direito de todos e que deve ser dada no lar e na escola. Em seu Título VII, da Educação de Grau Médio, que objetiva a formação geral do adolescente e está dividido em quatro capítulos, sendo apenas dois voltados ao Ensino Médio que será aplicado em dois ciclos – Ginásial e Colegial, com o Colegial dividido em Ensino Secundário e Ensino Técnico, todos com três anos de duração. Nos dois primeiros anos do Ensino Secundário seriam ensinadas oito disciplinas e no terceiro ano, último ano do Ensino Secundário, teria um currículo diversificado objetivando a preparação para o vestibular, sendo ministradas disciplinas com aspectos linguísticos, históricos e literários. O Ensino Técnico seria ministrado abrangendo cursos técnicos Industriais, Comerciais e Agrícolas, tendo em sua base curricular disciplinas do ensino técnico e cinco disciplinas do Colegial, sendo uma optativa.

A promulgação da Lei nº 5.692, em 11 de agosto de 1971, considerada a segunda Lei de Diretrizes de Bases – LDB, em seu Art. 1º tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. Apresenta uma nova denominação para o ensino médio ele passa a se chamar 2º Grau, com uma base curricular com um núcleo comum e uma parte diversificada conforme as peculiaridades da região. O currículo pleno oferecerá uma parte de educação geral e outra de formação especial, sendo essa com o objetivo de habilitação profissional em consonância com as necessidades do mercado local ou regional. Inclui a obrigatoriedade no currículo das disciplinas de: Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e programa de Saúde, além do Ensino Religioso, esse de matrícula facultativa. Terá a duração de três ou quatro séries anuais, conforme previsto para cada habilitação (Capítulo III, Art. 22).

A promulgação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, atual Lei de Diretrizes de Bases – LDB, em seu Art. 2º enfatiza que a Educação, é dever da família e do Estado e tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Em seu Artigo de nº 35, o antigo 2º Grau passa a denominar-se de Ensino Médio e passa a fazer parte da educação básica, não sendo mais um intermediário entre ensino fundamental e ensino superior. O currículo deve ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. Abrangendo, obrigatoriamente, as disciplinas de Português,

Matemática e Arte, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil. Educação Física será integrada a proposta pedagógica da escola e poderá ser facultativa no turno noturno. Terá, obrigatoriamente, o ensino de uma língua estrangeira moderna, sendo sua escolha a cargo da comunidade escolar.

Quadro 1 – Ensino Médio Propedêutico

Lei/Decreto	Nomenclatura	Objetivo	Duração do curso
Dec. nº 11.530/1915	Ensino Secundário	Preparar o aluno para o ensino superior com sólida instrução fundamental.	5 anos
Dec. Lei nº 4244/1942	Curso Colegial (Científico e Clássico)	Preparar o aluno com conhecimento humanista, patriota e cultura geral para o exame superior. Inclusão de ensino feminino separado do ensino masculino.	3 anos cada
Lei nº 4.024/1961	Ensino Médio (Colegial), dividido em Curso Secundário e Técnico	Prosseguimento do ensino primário, destina-se a formação do adolescente. Acesso ao nível superior para egressos do Ensino Secundário e Técnico.	3 anos
Lei nº 5.692/1971	2º Grau	Formação integral do adolescente qualificando-o para o trabalho e para o exercício da cidadania.	3 ou 4 anos
Lei nº 9.394/1996	Ensino Médio	Pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho	3 anos

Fonte: Elaboração da autora.

Após essa breve apresentação do ensino médio vamos falar um pouco sobre o ensino técnico enquanto ensino profissionalizante de nível médio que era ofertado em escolas destinadas a essa aprendizagem diferenciada. O ensino técnico-industrial no Brasil teve início

em 1906, quando o Presidente do Estado do Rio de Janeiro (na época eram assim chamados os Governadores), Nilo Peçanha, assina o Decreto nº 787, de 11 de setembro, instituindo quatro escolas profissionais naquele Estado, sendo três destinadas ao ensino de ofícios e uma destinada à aprendizagem agrícola. (Ministério da Educação – Histórico da educação profissional no Brasil).

Entretanto o ensino profissional no Brasil foi oficializado a partir de 23 de setembro de 1909, através da assinatura do Decreto nº 7.566, Dr. Nilo Peçanha, na época Presidente da República, criando em todo o Brasil, em cada uma de suas capitais, 19 Escolas de Aprendizizes e Artífices - EAA, oferecendo à jovens entre 10 e 13 anos, ensino profissional, primário e gratuito, em sistema de externato, funcionando das 10h00min às 16h00min, com duração de acordo com o tempo que o curso de oficina precisasse, sendo o cronograma aprovado pelo Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, e aos que não soubessem ler, escrever ou contar, era oferecido ensino primário obrigatório, no turno noturno. As escolas são criadas em atendimento a necessidade de um contexto político e social da época, entendimento esse que podemos conhecer conforme o esclarecimento de Bezerra (2010, p. 15), transcrito, abaixo:

Antes de qualquer consideração é importante lembrar que as instituições educacionais estão situadas num contexto político e social e conseqüentemente refletem as políticas públicas praticadas pelos governos e dão respostas condizentes com os estímulos recebidos. Tratando-se do ensino técnico no Brasil, a afirmação é procedente uma vez que no momento em que foram criadas, as Escolas de Aprendizizes e Artífices atenderam a uma demanda que surgiu no país por ocasião da concepção positivista, adotada no país, com a proclamação da república e que se constituíram como instituições voltadas para o assistencialismo.

Diante dessa explanação acima, Bezerra (2010, p. 17-18), ainda complementa, que “Os governos, nesta fase inicial da república, se empenharam no esforço de controle social, fortalecendo o aparato policial e por outro lado, criando instituições asilares e educacionais, no caso específico, as Escolas de Aprendizizes e Artífices”. Essas escolas tinham como propósito, conduzir o jovem para a aprendizagem de ofícios, ao mesmo tempo em que o tirava da rua e da marginalidade. Percebe-se que as EAA são criadas com o objetivo inicial de oferecer a jovens de uma classe desfavorecida da sociedade, carentes de uma educação de qualidade, uma oportunidade de aprenderem uma profissão e dela tirar o seu sustento. Elas chegam trazendo também a esperança de uma vida melhor para os jovens e de uma mudança social, alcançada através da educação profissionalizante, ao mesmo tempo em que prepara mão de obra para as indústrias que começavam a se instalar no país.

A Constituição Brasileira de 1937, no seu Artigo 129, foi a primeira a tratar do ensino industrial.

O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais. É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera da sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado, sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo Poder Público.

A educação do ensino médio seguia separada entre ensino propedêutico e ensino profissionalizante, porém em 1942, conforme Menezes (2001), tivemos no Brasil a Reforma Capanema, sob o comando do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema. O sistema educacional proposto pelo ministro correspondia à divisão econômico-social do trabalho. Assim, a educação deveria servir ao desenvolvimento de habilidades e mentalidades de acordo com os diversos papéis atribuídos às diversas classes ou categorias sociais. A partir dessa reforma no ensino brasileiro, com a promulgação do Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, Lei Orgânica do Ensino Industrial, o ensino profissional passa a ser considerado de nível médio, passando o aluno formado a ter direito a ingressar em um curso superior em área de equivalência com a sua formação técnica. No currículo de toda formação profissional, serão incluídas disciplinas de culturas gerais e práticas educativas, com ensino prático e teórico apoiando-se um no outro. Dá o direito as mulheres de ingressar em cursos industriais, antes frequentados apenas pelos homens.

Em 1982, a Lei nº 7.044, de 18 de outubro, criada com a finalidade de alterar dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau, em seu Art. 1º, retrata que o ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania, porém em seu Art. 4º, inciso 2º, retirou a obrigatoriedade do ensino profissionalizante nas escolas de ensino médio, ficando a sua oferta a critério do estabelecimento de ensino. Contudo em 17 de abril de 1997, o Decreto nº 2.208, no seu Art. 2º, inclui novamente o ensino profissionalizante se desenvolvendo articulado ao ensino médio e tem por objetivos:

I - promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas;

- II - proporcionar a formação de profissionais, aptos a exercerem atividades específicas no trabalho, com escolaridade correspondente aos níveis médio, superior e de pós-graduação;
- III - especializar, aperfeiçoar e atualizar o trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos; e,
- IV - qualificar, reprofissionalizar e atualizar jovens e adultos trabalhadores, com qualquer nível de escolaridade, visando a sua inserção e melhor desempenho no exercício do trabalho.

O Decreto apesar de ter incluído novamente o ensino profissionalizante nas escolas de nível médio em seu Art. 5º implantou a separação entre o ensino médio e a educação profissionalizante, pois a educação profissional de nível técnico teria organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este.

Contudo em 23 de julho de 2004, o Decreto nº 2.208/97 é tornado sem efeito a partir da promulgação do Decreto nº 5.154, que em seu Art. 4º integra novamente o ensino médio ao ensino profissionalizante, essa articulação dar-se-á de forma:

- I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno;
- II - concomitante, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou estejam cursando o ensino médio, na qual a complementaridade entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso;
- III - subsequente, oferecida somente a quem já tenha concluído

Quadro 2 – Ensino Profissionalizante

Lei/Decreto	Nomenclatura	Objetivo
Dec. nº 7.566/1909	Criação das Escolas de Aprendizizes e Artífices	Oferecer ensino profissional, primário, gratuito
Constituição Brasileira de 1937	Ensino Industrial	Fundação de instituições públicas de ensino em todos os seus graus e de institutos de ensino profissional
Decreto-Lei nº 4.073/1942 (Reforma Capanema)	Ensino Industrial	O ensino profissional tem duração de quatro anos e passa a ser considerado de nível médio.
Lei nº 7.044/1982	Ensino Profissionalizante	Retira a obrigatoriedade do ensino profissionalizante nas escolas de ensino médio. Torna a educação profissional optativa.
Dec. nº 2.208/1997	Educação Profissionalizante	Separação entre o ensino médio e o ensino profissionalizante, oferecido de forma concomitante ou sequencial ao ensino médio, em escolas de ensino regular, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho.

Dec. nº 5.154/2004	Ensino Profissionalizante	Integração do ensino médio com o ensino profissionalizante, podendo ser oferecida na forma Integrada, Concomitante ou Subsequente.
--------------------	---------------------------	--

Fonte: Elaboração da autora.

Conforme, Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012, p. 15), o ensino médio integrado pode ser qualificado “como uma proposta de ‘travessia’ imposta pela realidade de milhares de jovens que têm direito ao ensino médio pleno e ao mesmo tempo, necessitam se situar no sistema produtivo”. Eles ainda destacam que [...] este é o sentido de um ensino médio de quatro anos que, de forma articulada e integrada a uma formação científico-tecnológica e ao conhecimento histórico social [...], para que os jovens se permitam entender os fundamentos técnicos, sociais, culturais e políticos do atual sistema produtivo. Diante desse breve histórico, percebemos a distância entre o ensino médio propedêutico e o ensino médio integrado, em alguns momentos separando através de reformas curriculares e em outros momentos unidos, atualizando o currículo escolar para uma base humanitária e tecnológica, proporcionando ao jovem uma educação cidadã e ao mesmo tempo preparando-o para ultrapassar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual.

Atualmente, a Presidência da República, sancionou a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, conversão da Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, propondo para início em 2018 uma nova reforma na atual estrutura do ensino médio, instituindo a política de implantação de escolas de ensino médio em tempo integral e uma mudança no currículo, ele passa a ser mais flexível, com as disciplinas comuns distribuídas ao longo dos três anos de curso, com o ensino da Língua Portuguesa e da Matemática obrigatório em todos os anos, esse novo currículo será composto pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC² e por itinerários formativos, divididos em cinco áreas de conhecimento: I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas; V - formação técnica e profissional. O aluno começa cursando as disciplinas da base comum e depois escolhe um itinerário formativo, ou seja, em qual área do conhecimento ele quer seguir ou se quer fazer um curso técnico, que pode ser oferecido na própria escola em que ele estuda ou em outra instituição de aprendizagem profissional conforme parceria firmada entre a escola e o estabelecimento.

² BNCC – Define os conhecimentos e atividades essenciais que todos os estudantes brasileiros têm o direito de aprender, ano a ano, durante sua trajetória na educação básica.

Conforme a Reforma, as escolas não são obrigadas a ofertar todas as cinco áreas de conhecimento, mas pelo menos uma delas. Em seu Art. 35, inciso §7º, os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção do seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais. O Governo pretende com essa nova mudança no ensino médio conseguir que mais jovens terminem seus estudos e consigam ingressar no curso superior, dando continuidade aos seus estudos ou que entrem no mercado de trabalho melhores qualificados para o desempenho de uma profissão.

O IFRN após a política de expansão e de reestruturação profissional e tecnológica, conforme seu Projeto Político Pedagógico (2012, p. 19),

adquiriu nova institucionalidade dada pelos termos da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, faz parte da rede federal de educação profissional e tecnológica, vincula-se ao Ministério da Educação, possui natureza jurídica de autarquia e detém autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. Trata-se de uma instituição de educação superior, básica e profissional, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, conjugando conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos a ideais pedagógicos de fundamentação histórico crítica.

Atualmente, o IFRN dispõe de 21 *Campi* divididos dentro do Estado do Rio Grande do Norte em regiões estratégicas, visando o desenvolvimento econômico, cultural e social da região, conta também com um *Campus* de Ensino à Distância – EAD, para uma melhor abrangência do ensino, diante desse cenário, os IF por se tratar de uma Instituição de ensino profissionalizante de nível médio não está inserido entre as escolas públicas que implantarão as mudanças da reforma do novo ensino médio promulgadas pela Lei nº 13.145/17. Dentre os *Campi* que compõem o IFRN, nesse trabalho, destacamos o *Campus* Nova Cruz que oferece o Curso Técnico Profissionalizante de Nível Médio em Administração, o qual passaremos agora a conhecer melhor.

Conhecendo o Curso Técnico Profissionalizante de Nível Médio em Administração, na forma Integrada.

O Curso Técnico Profissionalizante de Nível Médio em Administração, na forma Integrada, presencial, integrante do eixo tecnológico Gestão e Negócios do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, forma profissionais que executam as funções de apoio administrativo, foi

aprovado para efetivo funcionamento no *Campus* Nova Cruz através da Resolução nº 38/2012-CONSUP/IFRN, de 26/03/2012.

O curso técnico profissionalizante de nível médio em Administração, ao integrar formação técnica e ensino médio, visa propiciar uma formação humana e integral em que o objetivo profissionalizante não tenha uma finalidade em si, nem seja orientado pelos interesses do mercado de trabalho, mas se constitui em uma possibilidade para a construção dos projetos de vida dos estudantes (FRIGOTTO, CIAVATTA E RAMOS, 2012).

O mercado de trabalho, atualmente, com essa crise financeira que o País atravessa, se mostra cada vez mais competitivo, propondo um desafio para as Instituições de ensino profissionalizante de acompanhá-lo, conforme o Projeto Pedagógico do Curso - PPC (2011, p. 7), por isso justifica-se a oferta desse curso com o objetivo de contribuir com uma melhor formação humana integral e com desenvolvimento da região em que o *Campus* está localizado. “[...] a busca de eficiência e de competitividade industrial, através de novas formas de gestão do trabalho” demonstram as mudanças estruturais que alteram os modos de vida, as relações sociais e as do mundo do trabalho (IFRN, *op. cit.*, p. 7).

Nesse cenário, amplia-se a necessidade e a possibilidade de formar os jovens capazes de lidar com o avanço da ciência e da tecnologia, prepará-los para se situar no mundo contemporâneo e dele participar de forma proativa na sociedade e no mundo do trabalho. (IFRN, *op. cit.*, p. 7).

O curso Técnico Profissionalizante de Nível Médio em Administração, na forma Integrada, objetiva capacitar profissionais capazes de gerenciar atividades de gestão, execução de funções de apoio administrativo, operar sistemas de informação gerenciais de pessoal e materiais e empregar ferramentas da informática básica, como suporte às operações organizacionais.

O acesso ao curso é através de exame de seleção, aberto ao público, para ingresso no primeiro período do curso ou através de transferência para o período compatível. Essa modalidade de curso na forma Integrada, é para alunos egressos do ensino fundamental, portadores de certificado de conclusão do ensino fundamental, podendo no mínimo 50% (cinquenta por cento) das vagas oferecidas no curso, por turno, serem destinadas a alunos que cursaram do 1º ao 9º ano em escolas públicas, conforme Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, Art. 4º. Esses jovens geralmente têm idade entre 14 e 16 anos, farão o curso profissionalizante integrado ao ensino médio na mesma escola, com apenas uma matrícula, por um período de quatro anos, com carga horária total de 4.010 horas, sendo 3.540 horas destinadas às disciplinas

de bases científica e tecnológica, 70 horas aos seminários curriculares e 400 horas à prática profissional. A conclusão do curso culmina com a apresentação de um projeto final, que pode ser o Trabalho de Conclusão de Curso –TCC ou o Relatório de Estágio, para uma banca examinadora, composta por três participantes, membros da comunidade acadêmica que após a integralização de toda a grade curricular, fica o egresso apto a solicitar o diploma onde lhe é conferindo o título de Técnico em Administração.

Prosseguindo com a distinção do curso, o profissional concluinte do curso técnico profissionalizante de nível médio em Administração, sinteticamente, deve apresentar um perfil de concluinte que o capacite a exercer atividades voltadas para apoio administrativo, ajudando a impulsionar o desenvolvimento econômico da região, integrando a formação técnica ao pleno exercício da cidadania.

A organização curricular se dá por núcleos politécnicos, com base nos referenciais que estabelecem as relações por eixos tecnológicos, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso - PPC, conforme podemos verificar no Quadro 3, abaixo:

Quadro 3 – Organização Curricular do Curso de Administração

Núcleo Estruturante	Relativo ao conhecimento do Ensino Médio, contemplando conteúdos de base científica e cultural basilares para a formação humana integral.
Núcleo Articulador	Relativo a conhecimentos do ensino médio e da educação profissional, traduzidos em conteúdo de estreita articulação com o curso, por eixo tecnológico, e elementos expressivos para a integração curricular.
Núcleo Tecnológico	Relativo a conhecimentos da formação técnica específica, de acordo com o campo de conhecimentos do eixo tecnológico, com a atuação profissional e as regulamentações do exercício da profissão.

Fonte: PPC do curso Técnico Profissionalizante de Nível Médio em Administração, 2011.

Ressaltando que essa organização curricular favorece a prática da interdisciplinaridade, possibilitando a integração entre educação básica e profissional, apontando para o reconhecimento da necessidade de uma educação profissional e tecnológica integradora de conhecimentos científicos e experiências e saberes advindos do mundo do trabalho, e possibilitando, assim, a construção do pensamento tecnológico crítico e a capacidade de intervir em situações concretas, segundo PPC do curso.

A matriz curricular do curso apresenta-se organizada por disciplinas em regime seriado anual, e com uma carga-horária total de 4.010 horas, sendo 3.570 horas destinadas às disciplinas

de bases científica e tecnológica, 70 horas aos seminários curriculares e 400 horas à prática profissional. Conforme Quadro 4, abaixo:

Quadro 4: Matriz Curricular do Curso Técnico de Nível Médio em Administração, na forma integrada, presencial do IFRN

DISCIPLINAS	Número de aulas semanal por série/ano								Carga-horária total	
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	Hora/aula	Hora
Núcleo Estruturante										
Língua Portuguesa e Literatura	3	3	3	2					440	330
Inglês			3	3					240	180
Espanhol				3					120	90
Arte	2	2	2						120	90
Educação Física	2	2							160	120
Geografia	4	2							240	180
História			2	4					240	180
Filosofia	2		2	2					120	90
Sociologia		2	2		2				120	90
Matemática	4	3	3						400	300
Física	4	4							320	240
Química	4	4							320	240
Biologia			3	3					280	210
Subtotal de carga-horária do núcleo estruturante	23	25	22	22	16	16	16	16	3.120	2.340
Núcleo articulador										
Informática	3								60	45
Filosofia, Ciência e Tecnologia							2		40	30
Sociologia do Trabalho							2		40	30
Qualidade de Vida e Trabalho				2					40	30
Empreendedorismo (âncora)				2					80	60
Subtotal de carga-horária do núcleo articulador	3	0	0	0	4	2	2	2	260	195
Núcleo Tecnológico										
Fundamentos de Administração	2	3							100	75
Matemática Financeira			3						120	90
Estatística			2						80	60
Contabilidade Geral				2					80	60
Direito de Empresa, Trabalhista e Tributário			2						80	60
Gestão de Pessoas				4					160	120
Gestão Pública e Terceiro Setor	2								80	60
Gestão da Produção e Logística				4					160	120
Marketing e Serviços							4		160	120
Sistema de Informação							4		160	120
Gestão Financeira							4		160	120
Subtotal de carga-horária do núcleo tecnológico	4	5	7	7	10	10	12	12	1.340	1.005
Total de carga horária de disciplinas	30	30	29	29	30	28	30	30	4.720	3.540
PRÁTICA PROFISSIONAL										
Desenvolvimento de Projeto Integrador					30	30			80	60
Atividades relacionadas a prática profissional					85	85	85	85	453	340
Total de carga-horária de prática profissional	0	0	0	0	115	115	85	85	533	400
SEMINÁRIOS CURRICULARES (obrigatórias)										
Seminário de Integração Acadêmica	10								13	10
Seminário de Iniciação à pesquisa			30						40	30
Seminário de orientação para a prática profissional					15	15			40	30
Total de carga-horária dos Seminários Curriculares	10	0	30	0	15	15	0	0	93	70
TOTAL DE CARGA HORÁRIA DO CURSO									5.346	4.010

Observação: A hora-aula considerada possui 45 minutos.

Fonte: PPC do curso Técnico de Nível Médio em Administração, 2011.

As disciplinas que compõem a matriz curricular deverão estar articuladas entre si, fundamentadas nos conceitos de interdisciplinaridade e contextualização.

Quanto a quantidade de docentes que lecionaram, durante os quatro anos do curso, foram na quantidade de 33, conforme tabela 1, abaixo, entre professores da área propedêutica, em maior número, e professores da área técnica.

Tabela 1 – Número de professores por área de conhecimento

Curso	Nº de professores por área propedêutica	Nº de professores por área técnica	Total
Administração	22	11	33

Fonte: IFRN/Q-Acadêmico, 2017.

Outra informação importante sobre os professores do curso de Administração, é quanto a sua escolarização, conforme tabela 2, podemos observar que a maioria deles possuem de especialização a doutorado, inclusive contando com 2 professores afastados do Instituto, para a conclusão do curso de Doutorado. Essa informação é muito relevante para o curso, pois professores mais qualificados se pressupõe que tenham uma melhor performance em sala de aula.

Tabela 2: Nível de escolaridade dos docentes e Regime Trabalhista

Curso	Nível de escolaridade dos docentes				Regime trabalhista	
Administração	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Efetivo	Substituto
Total	4	3	23	3	31	2

Fonte: IFRN/SUAP, 2017.

Entretanto em relação ao Regime Trabalhista, tomando como referência também os quatro anos do curso, verificamos que do quadro de 33 professores, quase 100% dos professores são efetivos, o que motiva os alunos, visto que não há uma rotatividade com professores substitutos durante o curso, por serem docentes efetivos, eles sempre estão em contato com os alunos por um período mais duradouro, visto que permanecem na Instituição.

III NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: PERCEPÇÕES TEÓRICAS E ANOTAÇÕES.

“Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de narrativa”. (ROLAND BARTHES, 1993, apud JOVCHELOVITCH E BAUER, 2002, p.91).

O presente capítulo está dividido em cinco seções: a primeira seção tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre sucesso escolar, após fez-se uma reflexão sobre a pesquisa qualitativa em educação, a pesquisa (auto)biográfica, as narrativas autobiográficas e a entrevista autobiográfica narrativa como suporte teórico a pesquisa realizada.

Sucesso Escolar de jovens dos meios populares

No primeiro semestre letivo de 2016 na disciplina do PosEduc-UERN, intitulada “Seminário de Pesquisa em Políticas e Gestão da Educação”, sob a coordenação da Professora Dr^a Arilene Maria Soares de Medeiros e do professor Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa, os estudos realizados sobre a pesquisa qualitativa em educação, me ajudaram a desenvolver um conhecimento mais amplo sobre o assunto e me direcionaram a avaliar os caminhos a serem seguidos na pesquisa para a construção da dissertação, visto que a intenção inicial era de falar sobre evasão escolar no PRONATEC, depois mudou para evasão escolar em algum dos cursos técnicos profissionalizantes subsequentes oferecidos no IFRN/*Campus* Nova Cruz, mais uma vez, mudou para evasão escolar em algum dos cursos técnicos profissionalizantes do Integrado, entretanto no decorrer da disciplina com as discussões ocorridas em sala de aula, me fizeram perceber a carência de trabalhos realizados sobre sucesso escolar, quando verifica-se o banco de dados da CAPES encontra-se muitas pesquisas sobre (in)sucesso escolar, principalmente com jovens, então nesse momento percebeu-se a necessidade da mudança do objeto da pesquisa buscando-se entender o sucesso escolar ocorrido na turma do curso técnico profissionalizante de nível médio em Administração, na forma integrada, do turno vespertino do referido *Campus*, visto que essa turma teve o melhor índice de conclusão de curso entre as turmas do Integrado que iniciaram em 2012 e que terminaram em 2015.

Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 6º, a educação está definida como um direito social, juntamente com saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção a maternidade e a infância e a assistência aos desamparados, assim o Estado e a família têm o dever de proporcionar a educação consolidada no completo desenvolvimento da pessoa, referente ao preparo para o exercício da cidadania e a

qualificação para o trabalho. Apesar da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014 a 2024, abordar a garantia de acesso, a permanência e o sucesso escolar, atualmente, as escolas no Brasil estão enfrentando um problema quanto a essa questão, principalmente no Ensino Médio regular e no Ensino Técnico Profissionalizante, uma parcela considerável de alunos não permanecem na escola, geralmente as turmas iniciam com uma quantidade de alunos que no decorrer do curso vão se evadindo, durante o ano letivo.

Sucesso, conforme a definição do Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa – Folha/Aurélio, é obter um resultado positivo; algo ou alguém que teve êxito. O sucesso escolar está representado nesse estudo pela obtenção da conclusão do curso e sua certificação.

Segundo ZAGO (2000, apud Pereira, 2005, p. 133), existem alguns fatores que devem ser considerados na construção de percursos singulares de sucesso, como:

a mobilização familiar voltada para as atividades escolares dos alunos, as práticas de socialização e a transmissão de valores, o apoio sistemático de um professor, a demanda escolar relacionada à atividade profissional, o tipo de trajetória social e escolar, entre outras situações, podem tornar-se fatores escolarmente rentáveis na definição de percursos singulares com características distintas das de colegas da mesma idade e origem social. (Ibid, 2005, p. 133).

Pode-se perceber que os motivos que levam ao sucesso escolar do aluno, levando-o a destacar-se de seus pares, pode estar relacionado ao seu êxito escolar e a sua integração com as disciplinas ou o curso escolhido e também recebe a influência da família, da escola, dos professores, do meio social em que vive e da sua motivação pessoal. Portanto podemos entender que o sucesso escolar dos filhos não depende só da escola, da influência familiar, do grau de escolaridade de suas famílias, entende-se que quanto mais longe for a educação dos pais, tipo formação em nível de ensino médio, graduação ou pós-graduação, mais importância vão dar a educação e vão investir na educação dos seus filhos, ou que os pais que não detêm conhecimento ou que estudaram pouco, podem não ver na educação um futuro para seu filho e sim, que o futuro dele está no trabalho, basta aprender a ler e a escrever, fazer as quatro operações básicas na matemática que já é o suficiente. O sucesso escolar é algo que está relacionado a motivação pessoal do próprio aluno, que busca maneiras e caminhos de traçar a sua longevidade escolar independente do meio social em que vive ou da escolaridade de seus pais. Pode-se ver pais com capital cultural elevado, mas que os filhos não se dedicam aos estudos e pode-se constatar pais com baixo capital cultural e que seus filhos se destacam por ocuparem os primeiros lugares da sala.

A família é o primeiro local social em que a criança vive e convive com outras pessoas e os pais são os primeiros professores, de quem ela tem as primeiras lições e o início de sua

vida social, portanto o apoio familiar é importante na formação escolar do jovem, na construção da sua autoestima, desde o apoio econômico até o apoio moral, é de casa que esse jovem vai levar as lições que ele usará na escola para a sua socialização, visto que a escola proporciona esse momento social com suas atividades interativas para o seu desempenho escolar.

O acompanhamento da vida escolar do aluno, pela família, é muito importante para o seu bom desempenho escolar, principalmente quando ele se encontra no ensino fundamental, não consiste apenas em observar a nota que ele tira numa prova, e avalia-lo, usando como base as notas de seu boletim, se está bom ou ruim na escola. Precisa ter o acompanhamento e verificar o que influenciou para chegar a essa nota, conforme Barbosa (2010, p. 56), “a avaliação não é algo tão simples quanto possa parecer ao aluno ou ao professor, ou seja, não basta fazer algumas perguntas ou se propor uma determinada tarefa e aplicar uma nota”.

Iniciamos uma verificação na literatura existente, depois de delimitado o sucesso escolar como objeto de pesquisa para nossos estudos, para entendermos como esse assunto está sendo discutido na atualidade.

Para verificarmos a originalidade da nossa pesquisa com jovens, iniciamos uma investigação no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no dia 1º de junho de 2017, através do endereço eletrônico <http://bancodeteses.capes.gov.br>, colocando no descritor “Narrativas autobiográficas”, refinando a procura para a área da educação e definindo o intervalo de 2014 a 2016 para fazermos a primeira busca, optando-se por uma pesquisa quantitativa. Visualizamos 5.463 registros, com diversos temas de narrativas (narrativas femininas, rurais, de romance...), porém em uma segunda busca, quando refinamos para “sucesso escolar”, o número de registros diminui para 1.313 registros, continuando a busca, digitou-se no descritor “ensino profissionalizante” e obteve-se 156 registros, fazendo-se uma última busca, escrevendo no descritor “IFRN”, refinando mais um pouco a busca, diminuiu consideravelmente para 9 registros.

Quadro 5: Pesquisa efetuada no banco de Teses e Dissertações da CAPES

Banco de Teses e Dissertações da CAPES – Período de 2014 a 2016	
Descritor (es)	Registros
Narrativas	Área de conhecimento Educação: 5.463 registros
Sucesso escolar	Área de conhecimento Educação: 1.313 registros
Ensino profissionalizante	Área de conhecimento Educação: 156 registros
IFRN	Área de conhecimento Educação: 9 registros

Fonte: Elaboração da autora.

A partir dessas informações, concluímos que existe uma quantidade considerável de pesquisas que buscam entender o sucesso escolar de jovens, cujos percursos escolares são por caminhos difíceis e até improváveis de atingir esse objetivo. Portanto, a importância de ouvirmos o que esses jovens têm a nos dizer sobre os seus percursos, escolarização, motivação e experiências vividas na busca desse sucesso escolar.

Pesquisa Qualitativa em Educação

A nossa pesquisa inicialmente seria uma pesquisa quantitativa, visto que estudaríamos a evasão escolar através de análises de dados coletados com a aplicação de questionários respondidos pelos egressos do curso ou tabelas extraídas do SUAP, que é um sistema de gestão usado pelo IFRN, buscando uma precisão matemática para definirmos a evasão escolar, porém esse tipo de pesquisa não se enquadra numa pesquisa onde o fenômeno social do sucesso escolar é algo subjetivo que não pode ser quantificado, singular a cada estudante e plural em sua dimensão social, então a pesquisa qualitativa, presente no campo das Ciências Humanas e Sociais, que leva em consideração a subjetividade do humano e suas relações, será a melhor opção para a nossa pesquisa. Conforme Palmer (1928 apud Poupert 2008), defende que a possibilidade de interrogar os atores e utilizá-los enquanto recurso para a compreensão das realidades sociais constitui uma das grandes vantagens das ciências sociais sobre as ciências da natureza, as quais se interessam por objetos desprovidos de palavra. A pesquisa qualitativa, implica a atividade de um pesquisador que observa pessoalmente e de maneira prolongada situações e comportamentos pelos quais se interessa, sem reduzir-se a conhecê-los somente por meio das categorias utilizadas por aqueles que vivem essas situações (CHAPOULIE, 1984: 585 apud JACCOUD. MAYER, 2008, p. 255). A observação se afirmou, portanto, como uma condição primeira da construção do saber nas ciências sociais por uma relação, mas também por um distanciamento entre o sujeito e o objeto. O cientista francês Frederick LePlay, no final do século dezenove, estudou diversas famílias da classe trabalhadora na Europa, através do método da observação participante, ele e alguns amigos, conviveram com essas famílias estudadas, participaram ativamente de suas rotinas, observando atentamente o que elas faziam no trabalho, na igreja, no lazer e na escola, depois ele escreveu um livro, cujo primeiro volume surgiu em 1879, este trabalho foi publicado com o nome *Le Ouvriers Europeans*, ele inovou, podendo esse trabalho ser mencionado como uma das primeiras pesquisas a usar a observação direta da realidade em campo. (BOGDAN. BIKLEN. 1996, p. 20).

Conforme GODOY (1995a, p.62 apud NEVES, 1996), enumera algumas características fundamentais que diferem a pesquisa qualitativa das demais pesquisas: a) o ambiente natural

como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; b) o caráter descritivo; c) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador e d) enfoque indutivo. NEVES (1996) ainda nos esclarece que a expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significações no campo das ciências sociais, ela envolve um conjunto de diferentes técnicas de interpretação que objetivam descrever e decifrar os elementos de um sistema complexo de significados, tendo por objetivo explicar e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social.

Pesquisa (auto)biográfica em Educação

Nosso estudo sobre o sucesso escolar seguiu dentro da abordagem da pesquisa qualitativa, com a pesquisa (auto)biográfica, acompanhando um movimento cultural e científico que se ampliou nos anos de 1980. A pesquisa (auto)biográfica, conforme Passeggi (2011), “considera o sujeito como autor e protagonista da própria vida”, da sua própria história.

Franco Ferraroti (2014a), sociólogo Francês, que em 1980, acompanhando um movimento científico e cultural, sendo um dos principais defensores do método biográfico, que quer dizer “escrita da vida”, nos ensina que “só sabemos junto com os outros”, que o conhecimento deve ser construído à dois, ou seja, pesquisador e pesquisado estão ligados através de uma construção conjunta do conhecimento, que conhecendo a história do outro através de conversas, de narrativas, que poderemos construir o saber, que ao mesmo tempo é singular, único, plural e universal, um saber que se entrelaça e se identifica, muitas vezes, com o do pesquisador, a história do outro também tem um pouco da minha.

O método biográfico é outra coisa [...] porque conduz o pesquisador a reconhecer que ele não sabe, que só pode começar a saber junto com os outros – com as pessoas –, com o saber das pessoas e, em particular, com o saber que seus interlocutores ou seus “interatores” – constroem com ele ao tomarem a palavra, em conversas, em narrativas. (FERRAROTTI, 2014a).

A pesquisa (auto)biográfica, considera que o seu principal objeto de estudo são as histórias e experiências de vida narradas pelo próprio protagonista dessas histórias. “Ao narrar a sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências, e nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2011). A cada história contada ela é revivida de outra forma, depende do momento que a pessoa está contando, amanhã ela não é mais a mesma pessoa de hoje, visto que já adquiriu novas experiências em sua vida, “a cada nova versão da história a experiência é ressignificada, razão estimulante para a pesquisa

educacional, pois nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica” (Ibid, 2011).

A pesquisa (auto)biográfica trabalha com a percepção do ser humano, que pelo uso da linguagem se constitui, se utilizando de instrumentos semióticos (imagem, fotografia, cinema, gestos, a própria escrita, etc.), para através da narrativa autobiográfica contar a sua história, as suas experiências e os sentidos atribuídos as mesmas. Ferrarotti (2014a), ainda afirma a possibilidade de “conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”, de “ler uma sociedade por meio de uma biografia”. O autor nos chama a atenção para o conhecimento singular, baseado em experiências individuais e toma a proporção para um conhecimento plural, impactando não em apenas uma vida mais em vidas que estão ou passam por situações semelhantes.

Momberger (2014) nos chama a atenção para a maneira a qual os indivíduos dão sentido às situações e aos acontecimentos de sua existência, de que modo eles integram, estruturam, interpretam os espaços e as temporalidades de seu ambiente histórico e social, e como, com base nesse processo de *biografização*³, eles agem em seus contextos e sobre eles. Na perspectiva da pesquisa biográfica, a relação que se estabelece na entrevista abre um *duplo espaço heurístico*:

Por um lado, o do pesquisador e do objeto de sua pesquisa e, por outro lado o do ‘pesquisado’ chamado por meio da narrativa de que ele é convidado a participar a proceder a uma pesquisa sobre ele mesmo e a elaborar sua narrativa. Esse duplo trabalho de pesquisa – o do pesquisado, posto na posição de pesquisador de si próprio, e o pesquisador cujo objeto é compreender o trabalho do pesquisado sobre si mesmo [...]. (MOMBERGER, 2014, p. 22)

O pesquisado é convidado a participar de uma pesquisa sobre ele mesmo, onde vai elaborar sua própria narrativa como ator, personagem e autor. Pesquisador e pesquisado participando juntos da construção do conhecimento. De modo que todo indivíduo é ao mesmo tempo singular e universal, e sua história é única e ao mesmo tempo plural.

O método biográfico defendido por Ferrarotti (2014b, p. 32-33), destaca dois aspectos inovadores que ele trouxe para os estudos na área das Ciências Humanas e Sociais: a) o método biográfico pretende atribuir a subjetividade um valor de conhecimento. Lendo a realidade social a partir de um indivíduo historicamente determinado. Baseando-se em elementos e materiais na maioria dos casos autobiográficos e b) o método biográfico situa-se para além de toda a metodologia quantitativa e experimental. Como aplicar a lógica de um método experimental a

³ Biografização: é entendida como o ato de narrar a sua própria experiência para si ou para o outro.

uma biografia? Numa pesquisa qualitativa os dados têm uma dupla função: a de fornecer descrições estatísticas confiáveis de fenômenos coletivos constituídos pela agregação de comportamentos, de atitudes e até mesmo opiniões individuais e verificar hipóteses (BERTAUX, 2010).

Ferrarotti (2014b), totaliza por uma práxis a história individual como história social, só sendo possível a sua compreensão através de um percurso heurístico visando o universal por meio do singular, ele caracteriza o homem como universal-singular, procurando o objetivo através do subjetivo, descobrindo o geral pelo particular. Ele considera o homem universal por se fazer parte de uma história social e por essa história fazer parte dele, singular por ser um indivíduo que tem uma história e projetos pessoais com propriedades que o tornam único.

Narrativas autobiográficas

Uma narrativa de vida não se constitui um discurso qualquer, mas um discurso narrativo que se esforça ao máximo para relatar uma história real, uma realidade que através da orientação de um pesquisador, descreve uma experiência pertinente ao seu estudo, ao seu objeto de pesquisa.

Para uma melhor compreensão do que isso significa, Bertaux (2010, p. 92), nos apresenta três ordens de realidade: a) A realidade histórico-empírica, sendo a história realmente vivida pelo sujeito, designada pelo autor como percurso biográfico, percurso esse que não inclui apenas as situações objetivas do sujeito, mas a forma como ele as vivenciou, agiu, avaliou, reavaliou e experimentou naquele momento. b) A realidade psíquica e semântica, constituindo-se por aquilo que o indivíduo sabe e pensa de seu percurso biográfico, resultando da totalização subjetiva das experiências vividas até o momento e c) A realidade discursiva: que se refere a narrativa em si mesma, tal qual produzida, na relação dialógica entre o pesquisado e o pesquisador, correspondendo ao que o pesquisado quis dizer do que sabe (ou crê que sabe) e pensa de seu percurso naquele dia, perante o pesquisador que o entrevista

Focaliza-se as narrativas autobiográficas como prática pedagógica, com o objetivo de refletir sobre a resignificação da experiência. (PASSEGGI, 2011). As experiências vividas pelo indivíduo só serão conhecidas pelos outros a partir do momento em que ele narra, em que ele conta a sua história.

Ferrarotti (2014b), também declarou que em suas pesquisas ficava impressionado com o caráter sintético das narrativas autobiográficas, propondo-as como método de pesquisa nas ciências sociais.

Pineau e Le Grand (2012, p. 28), nos chama a atenção de que é sintomático que se realize um movimento de democratização do gênero biográfico. As pessoas despertaram para o interesse em conhecer as histórias das pessoas comuns, não mais da elite, nem dos grandes homens, mas dos operários, idosos, analfabetos... a todos aqueles que não possuem o conhecimento e o domínio da escrita. Entende-se que a reflexão a partir das narrativas é que permitirá uma contribuição para a sociedade e influenciará na sua formação.

Bourdieu (1997), em seu livro *A miséria do mundo*, no capítulo compreender, nos chama a atenção para que tenhamos um olhar acolhedor as narrativas das pessoas humildes, que a gente receba aquela narrativa com o mesmo acolhimento fervoroso com que acolheríamos às formas mais altas da poesia ou da filosofia.

Bertaux (2010), nos diz que o verbo “contar” (fazer relato de si) é aqui essencial: significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma de *narrativa*. Ao narrar, contar ou expor um fato, oralmente, escrito ou por imagens, a pessoa se coloca no centro da história como ator, personagem e narrador, divulgando as suas experiências vividas de acordo com a sua interpretação, trazendo através da sua memória, um contínuo exercício de reflexão do vivido, retornando um passado que volta para constituir o presente.

A narrativa autobiográfica trata de uma parte de uma experiência vivida e não de uma vida toda, o indivíduo se reporta a um momento vivido, nessa perspectiva, os pesquisadores convidam o sujeito a considerar suas experiências e suas aprendizagens, considerando a expressão desse pensamento através da linguagem. Sem a narrativa das experiências vividas pelo humano não há o seu conhecimento, é através das narrativas que o ser humano se conhece, se identifica, se reinventa, se recompõe, se constrói enquanto indivíduo. Vivem organizados em sociedades através das narrativas, se relacionam através da linguagem, ela passa a fazer parte importante nesse processo de formação da construção do pensamento, passando a ocupar um lugar primordial da ação humana na construção da realidade.

A narrativa autobiográfica é uma investigação, na qual buscamos reconhecer as vozes e as subjetividades, as singularidades e a coletividade, se constitui um ato de síntese social, que reflete um sistema social por meio de uma história individual, uma práxis que nos revela a importância teórica explicitada por Ferrarotti (2014a), na qual o geral é conhecido por meio do particular. Esse novo paradigma em Educação tem como matéria-prima a fala e a escrita dos sujeitos, ele ainda nos chama a atenção que para [...] as narrativas biográficas das quais nos servimos não são monólogos diante de um observador reduzido ao suporte humano de um gravador. (Ibid., p.22), pois o pesquisador deve interagir com o pesquisado, porém deve manter

uma certa distância para poder analisar a narrativa sem se envolver, visto que a história do pesquisado pode em algum momento parecer com a sua história.

Uma narrativa biográfica não é um relatório de “acontecimentos”, mas uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida (biografia) e a interação social em curso (entrevista), por meio de uma narrativa-interação. (FERRAROTTI, 2014b, p.44). Bertaux (2010), nos chama a atenção de que é prioritário, distinguir com clareza a *história real* de uma vida, da *narrativa* que dela se faz. (grifos do autor). Ele se refere a narração de um mesmo acontecimento social, vivido por várias pessoas e que cada uma na sua singularidade pode relatar o fato de uma maneira diferente, enriquecendo-o de detalhes, então aconselha, fazer a coleta de várias narrativas para que seja possível superar as suas singularidades e construir uma representação sociológica dos componentes sociais (coletivos) da situação. O autor ressalta ainda que entre uma situação social ou um acontecimento e a maneira como ele é vivido pelo sujeito, existe uma mediação subjetiva e cultural, por exemplo, numa greve de ônibus, quem depende dele vê a situação de um jeito e quem não depende dele vê a situação de outro ponto de vista.

Para a recolha das fontes primárias, recolhidas direto pelo pesquisador, optamos pela entrevista autobiográfica narrativa. Está se usando a nomenclatura fontes para diferenciar da nomenclatura dados, usada geralmente na pesquisa quantitativa. Nos processos de biografização, em entrevistas narrativas, rodas de conversas ou em grupos reflexivos, os sujeitos narradores e pesquisadores não são produtos de um meio, eles são produtos e produtores sociais, eles atuam e modificam a sociedade em que vivem, e por isso, ao ouvir suas histórias individuais, conhecemos o social, não do plural, mas a partir do singular.

O pesquisador, conforme Duarte (2002, p. 143), nos descreve:

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro de entrevistas que dificilmente pode ser determinado *a priori* – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações.

Além dessa delimitação das pessoas que participarão da pesquisa também é muito importante a escolha do local adequado para a realização da entrevista, que de preferência seja reservado e tranquilo. Entrevistas realizadas em locais de trabalho, geralmente dificultam a análise posterior em virtude das interrupções que possam ocorrer, ou do pesquisado ficar preocupado com o toque do telefone ou com a agenda a ser cumprida, enfim na residência do entrevistado, onde ele tivesse um lugar mais reservado e que não ficasse sendo interrompido ou

preocupado com as atribuições inerentes ao seu trabalho, onde ele não ficasse preocupado com o tempo, seria o ideal. A interação entre entrevistador e entrevistado constitui parte integrante do material a ser analisado. Registrar toda essa interação, a maneira como o entrevistado recebeu o entrevistador, gestos, alteração do tom de voz, sinais corporais do entrevistado durante a entrevista, local em que ela foi realizada, a disponibilidade dele em prestar a entrevista, tudo constitui material importante para uma posterior análise e compreensão daquele depoimento, daquela narrativa.

Entrevista autobiográfica narrativa

A entrevista autobiográfica narrativa, conforme Appel (2005), se trata da narração da vida pessoal do entrevistado sem prévia preparação. O entrevistador começa a entrevista com apenas uma pergunta inicial que motiva o entrevistado a narrar as experiências e acontecimentos de sua vida pessoal. O entrevistador não interrompe a narração. Só quando o entrevistado termina a narração de sua vida, então o entrevistador fará mais perguntas. O entrevistador deve manter uma distância entre a narração do indivíduo e a análise das fontes, visto que o seu percurso pode ser parecido com a do entrevistado e sem essa distância, ele pode se envolver ou até influenciar nessa narrativa.

A entrevista autobiográfica narrativa se baseia em três marcos teóricos, citados por Appel (2005): Interacionismo simbólico (que parte da hipótese de que a realidade social se forma e se desenvolve com base na interação entre os membros de uma sociedade), a fenomenologia social (parte do saber diário na relação que estabelecemos com os outros) e a etnometodologia (estuda a sociedade se baseando no cotidiano dos indivíduos). Mesmo o entrevistado falando sobre partes importantes de sua vida durante a entrevista autobiográfica narrativa, ele se obriga a rever toda a sua vida, ele vai organizando ela por uma sequência de experiências vividas.

Conforme Jovchelovitch e Bauer (2002), a entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Para eles as narrativas são infinitas e encontradas em qualquer lugar, é uma capacidade do ser humano de contar histórias, porém não é somente uma história que é contada, os fatos ocorridos nessa história estão interligados, seguem uma sequência cronológica, como uma sequência de episódios, e a não cronológica, que a partir de um todo se tem a construção de acontecimentos sucessivos. A narrativa tem uma organização de datas, lugares e uma estrutura, elas seguem um enredo, que unem pequenas histórias dentro

de histórias maiores e lhe dão sentido, definindo o espaço de tempo que determina o começo e o fim de uma história.

Poupart (2008) destaca algumas maneiras de conduzir uma entrevista, de como fazer o outro falar, entre elas podemos destacar:

- Obter a colaboração do entrevistado;
- Colocar o entrevistado à vontade;
- Ganhar a confiança do entrevistado;
- Levar o entrevistado a tomar a iniciativa do relato e a se envolver;

Seguindo as orientações do autor, podemos destacar que é muito importante a preparação para a condução da entrevista, a pessoa que será entrevistada pode não ficar relaxada com a situação, pois a entrevista será gravada e isso pode intimidar o entrevistado, ele precisa ter certeza que terá seu anonimato garantido, afinal ele vai contar um pouco da sua vida, o entrevistador vai ouvir o que ele tem a dizer, gravar e vai embora com aquela história, levando consigo um pedacinho da vida do outro. Antes de começar a entrevista para deixar o entrevistado a vontade, é aconselhável manter uma conversa informal, apresentar os objetivos da pesquisa, mostrar interesse verdadeiro na história do outro.

Jovchelovitch e Bauer (2002), também chamam a nossa atenção para o ponto, considerado por eles, crucial de uma entrevista, que é *traduzir questões exmanentes em questões imanentes (grifos do autor)*, ou seja, as questões exmanentes formuladas pelo pesquisador, dizem respeito aos seus interesses, dentro de sua linguagem, elas são formuladas com antecedência, não como um questionário, mas como um roteiro a ser consultado ao final da entrevista caso alguma questão, de interesse do pesquisador, não tenha sido narrada pelo entrevistado durante a entrevista, essas questões exmanentes para chegar a ser transformadas em questões imanentes, depende de como o pesquisador conduzirá a entrevista, pois as questões imanentes são inerentes ao entrevistado, diz respeito a sua pessoa, podem ser acerca dos relatos de um fato ou acontecimento vivido por ele, algo bem pessoal dele, que o leva a uma reflexão maior. Portanto o pesquisador deve estar atento as questões imanentes surgidas durante a entrevista e anotá-las, e em tempo certo, preparar perguntas para serem feitas.

A transcrição minuciosa da entrevista, é um trabalho lento, demanda muito tempo, visto que se tem que ouvir o áudio, retornar algumas passagens, ouvir novamente e escrever, ao final é muito gratificante. “A transcrição, por mais cansativa que seja, é útil para se ter uma boa apreensão do material, e por mais monótona que o processo de transcrição possa ser, ele

propicia um fluxo de ideias para interpretar o texto”. (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 106).

Neste trabalho, entrevistou-se cinco jovens egressos do curso profissionalizante, uma entrevista foi feita no próprio Instituto e as demais nas casas dos participantes, todas no horário da manhã. Em todas as entrevistas eles se mostraram entusiasmados com a oportunidade de contarem um pouco de seu percurso escolar e seus familiares me receberam com alegria. Após a apresentação do projeto a entrevista autobiográfica narrativa foi iniciada com uma pergunta e concluída a fala inicial do participante outras perguntas foram feitas, em consideração ao que tinha sido contado. Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes para posterior transcrição. Fez-se a transcrição na íntegra das entrevistas autobiográficas narrativas, com a retirada de alguns vícios da fala, observando que para cada entrevistado fez-se uma gravação sem interrupção, para uma melhor reflexão e escrita do material. Todas foram transcritas pela própria pesquisadora para um melhor aproveitamento desse momento, considerando os gestos e emoções que foram despertadas ao longo da entrevista. Terminada a transcrição, as narrativas foram organizadas e devolvidas aos entrevistados por e-mail, para uma leitura e aprovação por parte deles antes da escrita final das falas.

IV PERCURSO METODOLÓGICO

A realização da pesquisa

Este capítulo está dividido em seis itens, o qual inicia-se com a apresentação da narrativa da pesquisadora, contando a sua proximidade pessoal com o tema da pesquisa, falando um pouco do seu percurso escolar, em seguida apresenta-se o cenário da investigação destacando o *Campus* do IFRN – Nova Cruz, continuando com uma breve explanação sobre o município de Nova Cruz onde o *Campus* está localizado, depois a constituição das fontes da pesquisa, com o levantamento de fontes primárias e o levantamento de fontes secundárias, que foram feitos simultaneamente com uma pesquisa bibliográfica constante ao longo de toda a produção da dissertação e a conclusão do capítulo com a apresentação e caracterização dos participantes da pesquisa.

Proximidade pessoal com o tema

Minha origem social e escolar se assemelha, em muitos aspectos, com o percurso dos participantes pesquisados nessa dissertação. Com o presente estudo, de alguma forma, tenciono entender o meu próprio percurso. A minha história é talvez igual a sua...

Falar sobre si não é tarefa fácil, fazer uma narrativa da própria vida é algo bem incomum na minha vida, pois comecei um mestrado pensando em analisar casos de evasão escolar, ou seja, a vida dos outros e terminei fazendo uma análise, um memorial, uma narrativa da minha história biográfica, narrativa de um percurso, de uma vida. E o que vou contar? Toda a história de uma vida? Uma parte dessa vida? Um percurso acadêmico? Enfim, uma confissão? Contar as histórias, buscar pela memória, organizar as lembranças ordenadamente, reviver momentos, antes guardados, alguns lá no fundo do baú, alguns silenciados que não querem ser contados nem revividos e outros que devem e precisam ser lembrados, sentimentos, uma mistura deles.

Escrever requer concentração, organizar os fatos, as lembranças em ordem cronológica dos acontecimentos, dar sentido as emoções vividas dentro de um contexto social e de relevância das experiências vividas ao longo desse caminho.

Nasci em Natal, capital do Rio Grande do Norte, em outubro de 1970, filha de Zezinho e Penha, meu pai trabalhava como cozinheiro e na época não tinha um trabalho formal, fazia pequenos trabalhos em restaurantes da cidade, tendo conseguido um emprego formal em 1977 quando entrou para o quadro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, no restaurante universitário, assumindo o cargo de Auxiliar em Administração e minha mãe era do

lar, se ocupava do trabalho doméstico e ajudava os filhos nas tarefas escolares, até onde ela sabia. Ambos não tinham muito estudo, tinham pouco letramento e meu pai era melhor com os números. Ele era natural de Itabaiana/PB e minha mãe de Souza/PB, ambos se conheceram em Natal/RN e constituíram família. Filha primogênita, tendo mais dois irmãos com o passar do tempo. As primeiras lembranças que tenho do início da minha vida escolar, datam de 1975, quando com cinco anos fazia o jardim de infância em uma escola particular, na época chamada de Chapeuzinho Vermelho, mas depois tive de sair por meu pai não ter condições de pagar a mensalidade, então comecei a estudar na Escola pública chamada Escola Estadual Ambulatório Matias Moreira, que era dirigida, a mãos firmes por uma freira chamada Irmã Doninha. Escola que ingressei no pré-primário e estudei até a conclusão da 4ª série em 1981, sempre no horário matutino. Era uma escola localizada no bairro próximo a minha casa, eu fazia o percurso casa-escola caminhando com outras amigas que estudavam comigo e também levava meus irmãos menores, que com o tempo, passaram a estudar na mesma escola.

Figura 1 – Foto da Escola Ambulatório Matias Moreira



Fonte: <http://matiasmoreiranatal.blogspot.com.br>.

Sempre fui uma aluna dedicada, mesmo quando faltava a aula por algum motivo, eu ficava esperando as amigas passarem para pedir o caderno emprestado e copiar a lição do dia para não ficar atrasada em relação a turma. Tanto que na passagem do Pré-Primário para a 1ª série, os melhores alunos foram contemplados com uma colônia de férias que foi realizada no 16º Batalhão de Infantaria Motorizado – Batalhão Itapiru, localizado Av. Hermes da Fonseca, 16 - Petrópolis, Natal – RN, e fui uma das contempladas, recebendo uma bolsa com camisa,

calção, boné e tênis e para fazer o traslado Escola-Batalhão, um ônibus do Exército vinha nos buscar.

Tenho ótimas recordações das brincadeiras de infância na hora do recreio, dos colegas de turma, das filas no pátio, antes da entrada para a sala de aula e a oração matinal com direito a Pai Nosso e Ave Maria, das comemorações juninas com ensaios da quadrilha para apresentação e também lembranças da primeira eucaristia celebrada na própria escola pelo Padre Pedro com a orientação de Irmã Doninha e saudade das professoras da infância, que até os dias de hoje, ainda tenho contato com a professora do pré-primário tia Terezinha e da segunda série tia Idália.

O ensino fundamental, na época chamado de 1º grau, compreendido da 5ª série a 8ª série, cursei na Escola Estadual Padre Miguelinho, no bairro do Alecrim, no período de 1982 a 1985, também no horário matutino, porém era distante da minha casa e dependia de ônibus para me locomover até ela, também fiz muitas amizades, algumas até os dias de hoje.

Figura 2 – Foto da Escola Estadual Padre Miguelinho



Fonte: <https://www.facebook.com/pg/InstitutoPadreMiguelinho/photos>.

Um fato marcante que ocorreu foi por volta da 6ª série, em 1983, quando ouvi falar por uma amiga, da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte – ETFRN, pois ela tinha um irmão mais velho que estudava lá, eu não tinha muita noção do sistema de ensino da escola,

mais sempre tive vontade de estudar em escola particular por saber que a qualidade do ensino era melhor, por ter mais oportunidades de conhecimento tendo em vista a estrutura de uma escola particular para uma escola pública, pude constatar isso quando a minha turma foi visitar a feira de ciências do Colégio Instituto Sagrada Família, que era uma escola particular e fiquei encantada com a escola. A ETFRN era a oportunidade de realizar um sonho, de conseguir estudar em uma escola melhor e também de conseguir ao terminar os estudos, após a conclusão do curso profissionalizante, um emprego e tudo isso em uma escola que não pagava mensalidade e apenas o que eu tinha que fazer era estudar e passar no processo seletivo que era feito anualmente para ingresso na Instituição. Passei a estudar com esse objetivo e em 1985 ao iniciar a 8ª série também me escrevi na seleção para cursar o Pró-Técnico oferecido pela ETFRN para alunos que estavam cursando a 8ª série, tanto em escolas públicas quanto particulares, esse curso ofertava uma revisão das matérias de português e matemática da 5ª a 8ª série, era oferecido à noite no horário das 19:00h às 21:30h de segunda-feira a sexta-feira, por um período de 10 meses e também era uma preparação para o exame de seleção para ingresso nos cursos técnicos oferecidos pela Instituição, que na época eram: Estradas, Saneamento, Edificações, Eletrotécnica, Mecânica, Geologia e Mineração. Nesse período de oferta do Pró-Técnico a Instituição reservava, anualmente, 15 vagas em cada curso para os melhores classificados no Pró-Técnico que se matriculavam direto no curso escolhido e não faziam o exame de seleção.

Esse ano foi muito desafiador, pois estudava pela manhã no Padre Miguelinho, das 07:00h às 11:30 e a noite na ETFRN das 19:00h às 21:30h, da minha casa para o Padre Miguelinho eu pegava um ônibus na ida e um ônibus na volta, já para a ETFRN eu pegava dois ônibus na ida e dois ônibus na volta, chegando em casa por volta das 23:00h, indo dormir por volta da meia noite e tendo que acordar cedo no outro dia para ir estudar no Padre Miguelinho. Na época das provas da 8ª série, eu acordava por volta das 05:00h para revisar a matéria e na época das provas na ETFRN, que eram a cada bimestre, eu chegava mais cedo a Escola por volta das 15:00h ou 16:00h para estudar. Durante o curso visitamos a Escola, no horário vespertino, para conhecermos melhor sua estrutura administrativa, esportiva e os auxílios estudantis (alimentação, transporte, assistência social, setor de saúde com tratamento odontológico e até atendimento psicológico). Também ao ingressar éramos divididos em classes sociais A, B ou C, depois de passarmos por uma entrevista para a classificação socioeconômico. Visitamos os laboratórios de cada curso, nesse momento eu não me identifiquei com os cursos oferecidos, porém decidi tentar o ingresso no curso Técnico em Edificações. Ao final do ano de 1985 tive duas respostas positivas, duas vitórias, depois de todo

o empenho e dedicação as atividades estudantis por mim enfrentadas, consegui a aprovação por média na 8ª série, algo que eu estava acostumada, pois sempre passava por média desde a 1ª série e também o ingresso direto, em segundo lugar, com um ótimo aproveitamento das disciplinas, no curso Técnico em Edificações, sem passar pelo exame de seleção, iniciando assim em 1986.1 a minha história na ETFRN.

Figura 3 – Foto da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte



Fonte: <http://centenario.ifrn.edu.br/cronologia>

Em 1986 no primeiro semestre letivo, também chamado de primeiro período, visto que o curso era dividido em oito períodos, sendo o último o estágio, passei a frequentar as aulas no Curso Técnico em Edificações, no turno vespertino, no horário das 12:40h às 17:40h, devido ao ensino médio ser integrado ao curso profissionalizante, com duração de quatro anos. Não tive problemas de adaptação com a turma pois alguns já eram conhecidos do Pró-Técnico o que facilitou a aproximação com os demais novatos que entraram pelo exame de seleção. Comecei o ano estudando as disciplinas propedêuticas, no sistema de ensino seriado, adotado experimentalmente nesse ano com todas as turmas ingressantes em 1986.1, nesse sistema se o aluno fosse reprovado em alguma disciplina seria reprovado no semestre e não tardou muito para chegar as dificuldades, principalmente nas disciplinas de Química, Matemática e Física, durante o período em que estudei na escola Estadual nunca tive aula de iniciação nas matérias de Química e Física, ao contrário de alguns colegas que vinham de escolas particulares que já estavam bem familiarizados com essas disciplinas. Matemática nunca foi para mim uma disciplina difícil e durante o ano que passei fazendo a revisão no Pró-Técnico consegui nela um ótimo desempenho, porém a matemática no ensino médio era bem diferente. Procurei estudar mais, pegava livros na biblioteca, perguntava aos colegas da sala, fazíamos estudo em grupo,

porém não consegui melhorar em Física e tive a minha primeira e única reprovação durante a vida acadêmica. Repeti o primeiro semestre, iniciei com uma nova turma, dessa vez, não conhecia ninguém, demorei um pouco para me adaptar e fazer novos amigos, porém com essa turma eu fiquei até a conclusão do curso em 1989.2. Alguns professores eu já conhecia e também a repetição do semestre me ajudou a melhorar bastante nas disciplinas de Química, Matemática e Física, lembro que apenas por volta do quinto período que fiquei em recuperação em Matemática mas consegui a aprovação. Durante o período em que estudei na ETFRN foi muito enriquecedor, não foi fácil no início, pois nessa época tínhamos que comprar livros para estudar e meu pai não tinha tanta condição, pois com a mudança de escola, também aumentou a despesa comigo, tanto de transporte, eu pegava quatro por dia, como com alimentação, fardamento e material escolar, então eu comprava o livro que podia e os outros ia pegando emprestado na biblioteca e tirando xerox do que precisava. No finalzinho do mês, já com pouco dinheiro para passagem, eu dividia indo de ônibus e voltando a pé para casa, era uma caminhada de uns quarenta minutos ou uma hora, não lembro bem, mas já ajudava bastante a economizar para chegar com passagem até o fim do mês. No penúltimo ano na Escola, consegui uma bolsa de iniciação profissional, onde trabalhei no setor administrativo COPLAN, durante um ano, com ela eu recebia 70% de um salário mínimo vigente na época, transporte e almoço, isso me ajudava bastante, pois trabalhava no contra turno, chegava às 07:00h e passava o dia na Escola, voltando para casa no final da tarde por volta das 18:00h.

Estudar na ETFRN foi como me preparar para toda uma vida, pois entramos na escola muito jovens, com sonhos e objetivos. O meu objetivo era conseguir um trabalho e ter sucesso na carreira escolhida, pensava em um dia proporcionar aos meus filhos, quando eu os tivesse, uma escola particular para que tivessem uma instrução melhor e alguns bens como brinquedo e outras coisas que eu não tive quando criança, assim sai de lá apta a encarar o mercado de trabalho e consegui através da Escola, mais precisamente através da Coordenação de Estágios e Egressos – CEE, o meu primeiro emprego em uma construtora, na área de Orçamentos, aplicando na prática o que havia aprendido durante o curso, não tentei vestibular pois preferi trabalhar para depois tentar a graduação em Engenharia Civil dando continuidade aos meus estudos no curso superior e continuando dentro da área de edificações.

Comecei a trabalhar na construtora em março de 1990, me casei em dezembro de 1991, começando assim a minha própria família, que em 1994 aumentou com a chegada de nossa primeira filha, continuei trabalhando no ramo da construção civil até 1996, quando fiz o concurso público da TELERN e fui aprovada, tendo sido contratada em maio de 1997 para o cargo de Técnico em Edificações, onde permaneci até novembro de 2003. Durante o tempo que

passsei na empresa cresci muito na minha carreira profissional, fui lotada no setor de Manutenção Predial, onde trabalhei até o ano de 2001, depois fui transferida para a Contabilidade e Finanças, onde desenvolvi o gosto pela contabilidade, até por que já tinha feito um curso de Iniciação a Contabilidade pelo SENAC quando tinha 14 anos e gostei bastante daquele movimento de Balancete, Razão, fluxo de caixa, DRE, então não foi difícil ir me adaptando, mas precisava me aprofundar mais na área e como a empresa tinha um programa que proporcionava bolsa para a graduação, custeando de 40% a 70% do valor da mensalidade do curso em uma universidade privada, eu me cadastrei nesse programa, fiz a prova da FACEX para Ciências Contábeis e passei, consegui uma bolsa no percentual de 70% na empresa, então em fevereiro de 2000 eu iniciei a graduação em Ciências Contábeis, no turno noturno, mais um desafio em meu caminho, voltar a estudar após 11 anos afastada das atividades acadêmicas e agora eu era casada, mãe, trabalhava o dia todo numa jornada de 40 horas/semanais e estudava a noite, saia de casa às 07:00h, iniciava no trabalho às 08:00h, almoçava no trabalho, saia às 17:00h, ia direto para a faculdade, jantava no caminho, a aula começava às 19:00h e terminava às 21:40h, pegava o ônibus e chegava em casa por volta das 22:30h, chegava mais cedo quando meu esposo ia me buscar, pois ele sempre me apoiou nesse momentos de correria com os meus estudos, mas ele não conseguia ir todos os dias, então era uma jornada bem cansativa, sem contar que eu tinha que estudar à noite quando chegava da faculdade e também ensinar as tarefinhas da minha filha que já estava com seis anos e em período escolar, também estudava nos fins de semana, e usava algumas madrugadas para estudar durante algumas horas quanto estava próximo as provas e por ser o momento mais tranquilo em casa. Nesse período da faculdade eu passava pouco tempo com a família e muitas vezes deixava de sair com eles para ficar em casa estudando, colocando as atividades em dia, em algumas oportunidades que eu passava em casa antes de ir para a faculdade, pegava a minha filha e levava ela comigo para ficarmos um pouco juntas, mesmo que fosse na sala de aula, já que a rotina era bem pesada. A turma da faculdade era bem diversificada, a maioria trabalhava durante o dia, as disciplinas eram desafiadoras, mas eu me identificava com o curso e buscava maneiras de ir superando as dificuldades de aprendizagem, fazendo estudos em grupo, chegando mais cedo e indo para a biblioteca estudar, reservava um tempinho no horário do almoço, de madrugada, enfim, eu precisava superar as dificuldades para ter êxito. Durante os três primeiros anos de curso eu trabalhava na TELERN e tinha ajuda financeira da bolsa, porém em 2003, em novembro, fui demitida da empresa, que tinha sido privatizada em 1998 e estava fazendo uma reestruturação de pessoal e perdi também a bolsa, passei um período sem trabalhar mantendo a faculdade com o seguro desemprego, porém em março de 2004, voltei a trabalhar na AMBEV no setor

Financeiro. Em 2004 estava no último ano de faculdade e foi bem difícil me manter estudando, tanto pelo fator financeiro pois eu pagava a mensalidade integral da faculdade, não tinha mais a ajuda financeira da bolsa e pelo fato de trabalhar no município de Extremox e estudar em Natal, distante em torno de uma hora e trinta minutos do local da faculdade, pegava três ônibus para chegar no trabalho, saía de casa às 06:30h para chegar na fábrica às 08:00h, passava o dia no trabalho até às 17:00h, saía pegava três ônibus de volta para chegar na faculdade às 19:00h, apesar do horário de trabalho ser das 08:00h às 17:00h com parada de uma hora para almoço, não tínhamos hora para sair e perdi muita aula, chegando a perder provas e trabalhos durante esse período, mas com a ajuda das amigas de grupo consegui ir estudando, remarcando provas e trabalhos para conseguir passar, sem contar que na preparação do trabalho de conclusão de curso, o temido TCC, tive que muitas vezes ir para a casa de uma das amigas que tinha computador para terminar, chegando a ir após a aula e meu esposo ia me buscar de madrugada na casa dela, que era perto da minha, para que eu pudesse descansar um pouco e ir trabalhar no outro dia. A graduação representou para mim uma ruptura de um padrão familiar, chamo de padrão o fato de em toda a família da minha mãe, pois nunca tive contato com a família de meu pai, não ter ninguém com graduação, meus avós maternos eram agricultores, minha avó não era alfabetizada e meu avô era alfabetizado, mas também sabia o básico. Tiveram sete filhos, minha mãe foi a segunda filha, com o tempo chegaram os netos, em torno de 20, me incluindo entre eles, porém todos sem graduação, os que conseguiram estudar mais pararam no ensino médio, incluindo meus irmãos. Chegar na faculdade e concluí-la era mais que a realização de um sonho era a superação de barreiras acadêmicas e culturais, de críticas das pessoas que não entendiam o motivo de eu continuar estudando, pois achavam que não valia a pena ter uma graduação, isso era para filho de rico. Superar o cansaço, noites sem dormir direito, separação dos familiares para se dedicar aos estudos, enfim, não tenho como descrever com palavras o sentimento de felicidade e realização na conclusão dessa graduação depois de passar por todas essas situações desgastantes e de dificuldade.

Trabalhei na fábrica da AMBEV de março de 2004 a junho de 2013, nesse intervalo recebemos mais um membro na família, mais um filho para completar a nossa felicidade, agora éramos quatro. Em 2013 pedi demissão da fábrica e fui trabalhar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, no cargo de Assistente em Administração, pois sempre gostei de estudar para concurso público e consegui ser aprovada e nomeada para o *Campus* Nova Cruz, contemplado na expansão do IFRN em 2008, localizado no município de Nova Cruz.

Figura 4 – Foto do IFRN/Campus Nova Cruz



Fonte: <https://www.google.com.br>

Essa nomeação foi uma mudança em nossas vidas, pois nos mudamos de Natal para morar em definitivo em Nova Cruz, distante de Natal cerca de 98 km, nesse momento todos os membros da família se empenharam em acompanhar essa mudança no nosso cotidiano, meu esposo conseguiu a transferência no trabalho dele para trabalhar no novo município, visto que ele é servidor Estadual e tinha essa mobilidade, minha filha ficou morando na casa de uma tia em Natal, devido ser mais cômodo para ela continuar estudando, visto que já estava na faculdade e para ela estudar em Natal iria depender do ônibus da Prefeitura para se locomover, o que não seria fácil em virtude da distância entre os municípios e o desconforto do enfrentamento da viagem todos os dias, o meu filho mudou de colégio, no meio do ano, saindo de uma escola pequena de bairro, onde ele já estudava a três anos com a mesma turminha para estudar numa escola particular maior e bem diferente da que ele estava acostumado, com uma turma de primeiro ano que já vinha integrada desde a educação infantil, eu tive que estudar muito com ele em casa para que ele conseguisse acompanhar a turma, inclusive fazendo todas as tarefinhas no livro que tinham sido feitas no primeiro semestre e meu pai, que está com 74 anos, é separado da minha mãe e, atualmente, mora conosco em Nova Cruz, está doente e precisa de cuidados. Enfim essa mudança de emprego causou toda uma reestruturação familiar necessária a nossa nova realidade, pois implicou uma mudança de ambiente e uma adaptação na vida de todos. Essa aprovação no concurso público significou mais um sonho realizado, mais uma meta alcançada na minha vida e como sempre contando com a ajuda e apoio da família.

Esse início de jornada no IFRN, em julho de 2013, em termos de trabalho foi muito gratificante pois estava retornando à Escola da qual um dia tinha sido aluna, estava em casa, esse era o sentimento quanto ao trabalho. Trabalhar numa escola também me despertou o desejo de voltar a estudar, ver tantos jovens buscando através da educação, do conhecimento, a realização de sonhos, também me fez sonhar depois de tantos anos e por que não? Já que estava numa casa de educação fazer algo relacionado a rotina do Instituto, ou dos alunos, então comecei pensando no projeto, o que vou pesquisar? E tive a ideia de pesquisar a evasão escolar e em 2015, na primeira oportunidade, tentei uma seleção para Mestrado ofertada pela UERN/Campus Mossoró/RN, sabia que não seria fácil, muito a estudar e pouco tempo para se preparar para a prova da seleção, mas eu sempre pensei que se dependesse só do meu estudo para ser aprovada em algo que eu desejasse, eu me empenharia em estudar até conseguir e foi assim que me preparei, trabalhando durante o dia, estudando de noite e de madrugada, fiz uma prova escrita, uma prova de proficiência em Inglês, apresentei um pré-projeto e passei por uma entrevista e, ao final dessa maratona, consegui a aprovação, após mais 11 anos distante da sala de aula, pois tinha terminado a graduação em 2004, me vejo com esse novo desafio, morar em Nova Cruz e estudar em Mossoró, distante em torno de 300 Km, não seria nada fácil, a começar pelo deslocamento que seria de ônibus, saindo de Nova Cruz até Natal, um trajeto em torno de duas horas e trinta minutos até a rodoviária, depois um ônibus de Natal até Mossoró, aproximadamente, cinco horas de viagem, chegar em Mossoró ir para um hotel, para descansar um pouco e ir assistir aula no dia seguinte, se deslocar de ônibus, de moto ou de carona até o Campus Central da UERN, enfrentando as despesas com alimentação, transporte e hospedagem, longe da família, tendo que viajar toda semana, sem contar o conteúdo das disciplinas totalmente diferentes do que eu vi na graduação pois terminei Ciências Contábeis e teria que estudar Paulo Freire, Vygotsky, um mundo à parte do meu. Ainda estava em estágio probatório na Instituição por isso não consegui afastamento do trabalho, tendo inclusive que cumprir uma jornada de dez horas por dia para compensar as horas que ficava fora assistindo aula no Mestrado, que no primeiro semestre, foram dois dias de aula, na segunda e terça feira, eu saía de Nova Cruz no domingo à tarde e viajava para Mossoró, assistia aula e voltava na terça à noite para Natal, chegando por volta das 23:00h, quando meu genro e minha filha me pegavam de carro no ponto do ônibus e eu dormia na casa deles, voltando para Nova Cruz na quarta pela manhã de ônibus ou de carona com algum servidor do Instituto, já chegando direto para o trabalho para compensar as horas que ficava ausente, nem sempre conseguia me afastar das atividades, então fiz um cronograma de estudo, no qual relacionei os dias em que poderia faltar as aulas, os dias que tinha feriado em Nova Cruz e dividi as férias em três etapas de 10

dias para conciliar com os dias de aula. No segundo semestre de fevereiro a junho de 2016, passei a ter aula um dia na semana, então trabalhava na terça pela manhã e de meio dia viajava de Nova Cruz para Natal e de Natal para Mossoró, sempre de ônibus, assistia a aula na quarta o dia todo e voltava por volta das 18:30h para Natal, chegava às 23:00h e dormia na casa da minha filha, voltava para Nova Cruz na quinta pela manhã e começava toda a rotina do trabalho, sempre com 10 horas de jornada para compensar as horas que eu passava fora. Nesse segundo ano de Mestrado, após algumas mudanças no objetivo inicial da pesquisa que era falar sobre evasão escolar, tendo sido alterado para falar sobre o sucesso escolar, seguindo o caminho da pesquisa (auto)biográfica, pesquisando através das narrativas dos jovens consultados, o que eles tinham a nos contar sobre a sua caminhada de sucesso, uma história parecida com a minha, por isso o interesse devido a minha aproximação com o tema, por se tratar de uma escolaridade com dificuldades e enfrentamentos mais no final com o êxito do sucesso escolar alcançado. Passei a viajar para Natal, uma vez por semana, e participar do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades – GRIFARS, sobre a Coordenação da Professora Dr^a Conceição Passeggi, estudando e conhecendo a pesquisa (auto)biográfica. Estou vencendo todas as etapas desse desafio com muito empenho, dedicação e compromisso. Hoje não pesquiso mais a evasão, pesquiso sobre o sucesso escolar de alguns egressos da turma do curso técnico profissionalizante de nível médio em Administração 2012.2, que concluíram com êxito no IFRN/*Campus* Nova Cruz, onde eles contam através de narrativas o seu percurso de sucesso até a conclusão do curso e a continuação na graduação perpetuando assim dentro do ambiente escolar e espero concluir essa pesquisa com êxito ao final desses dois anos de trabalho. A conclusão do Mestrado é mais uma etapa vencida nesse caminho de escolarização trilhado por mim, na busca dessa longevidade escolar, finalizada, porém não penso em parar, pesquisar me fez ver caminhos antes não vistos e oportunidades de aprendizado muito interessantes, visto que aprendemos um pouco a cada dia, com a nossa história e com a história do outro. Posso me considerar um caso de sucesso escolar, visto que na família ninguém tinha ido tão longe, mas para as pessoas que me chamam de louca por gostar de estudar, eu apenas respondo: “Eu não tenho tempo, não tenho limite, não tenho idade; eu sou o que eu quero ser, no meu tempo, no meu limite, na minha idade”, conhecimento nunca é demais.

O cenário de investigação

A pesquisa foi realizada com egressos da unidade do IFRN/*Campus* Nova Cruz, do curso Técnico Profissionalizante de Nível Médio em Administração, na modalidade Integrado, que está localizado na entrada da cidade de Nova Cruz com acesso pela RN-120, instalado a

aproximadamente uns 5 Km do centro da cidade, conforme dados coletados na Secretaria Acadêmica do *Campus*, está fixado em uma microrregião, formada por 21 municípios. Dessa forma, o *Campus* atende a 25 municípios, divididos entre dois estados, conforme quadro 6, abaixo:

Quadro 6 – Municípios atendidos pelo *Campus*

Estado	Municípios atendidos	Total
Rio Grande do Norte	Boa Saúde, Brejinho, Canguaretama, Espírito Santo, Goianinha, Jundiá, Lagoa D'Anta, Lagoa de Pedra, Lagoa Salgada, Montanhas, Monte das Gameleiras, Nova Cruz, Passa e Fica, Passagem, Pedro Velho, Santo Antônio do Salto da Onça, São José de Campestre, Serra de São Bento, Serrinha, Tibau do Sul e Várzea.	21
Paraíba	Belém, Jacaraú, Logradouro, Tacima.	4
Total geral		25

Fonte: SUAP/IFRN, 2017.

Contemplado na II fase da expansão, inaugurado em 2010, iniciando com cursos Técnicos Profissionalizantes de Nível Médio, na forma Subsequente, em Administração e Informática, ofertando a partir do ano de 2012, precisamente a partir do segundo semestre letivo, os cursos Técnicos de Nível Médio, na forma Integrada, com o ensino profissionalizante associado ao ensino médio, em Administração e Informática. Sendo oferecida uma turma de cada curso, no turno matutino e vespertino, com tempo de duração de quatro anos, tempo em que o aluno adquire uma maior interação com a escola, visto que passará quatro anos na Instituição. As formas de ensino oferecidas pelo Instituto são:

- I. **Integrada:** oferecida exclusivamente àqueles que concluíram o ensino fundamental. O curso é delineado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na instituição de ensino e com matrícula única para cada aluno;
- II. **Subsequente:** oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino médio, para estudar apenas o curso profissionalizante.

A gestão da escola é feita por um Diretor-Geral, escolhido através de eleições, onde participam a comunidade escolar, servidores administrativos e o corpo docente, eleito para um mandato de quatro anos, auxiliado na gestão pelo Diretor Acadêmico e pelo Diretor de Administração, escolhidos entre os servidores pela Direção-Geral. A equipe de servidores está completa, constituída por 45 Técnicos Administrativos, divididos entre 11 servidores com nível médio completo, 19 com Graduação, 12 com Especialização e 3 com Mestrado e 60 docentes, divididos entre as disciplinas de formação geral e as disciplinas tecnológicas, específicas da grade curricular de cada curso. Com relação aos níveis de escolaridade dos Docentes temos,

conforme fonte SUAP, 2016: 2 com Graduação, 3 com Especialização, 46 com Mestrado e 9 com Doutorado.

O *Campus* em questão, tem capacidade para atendimento a 1.200 alunos a serem distribuídos em três cursos técnicos profissionalizantes de nível médio e dois cursos de graduação, oferecendo também cursos rápidos de Formação Inicial e Continuada – FIC. Atendendo atualmente a uma clientela de 1.093 alunos, considerando como referência a matrícula de 2017.1, pois ainda não está com a sua capacidade de atendimento completa, distribuídos em 12 turmas no turno matutino, 14 turmas no turno vespertino e 1 turma no turno noturno, totalizando 27 turmas. A infraestrutura pedagógica da unidade é composta por diversos ambientes, conforme Quadro 7:

Quadro 7 – Ambientes Pedagógicos disponíveis no *Campus*

Ambientes Pedagógicos	Quantidade
Salas de aula	17 (todas climatizadas, com retroprojektor e ponto de internet)
Salas de estudo de informática	3
Laboratório de informática de uso geral	2
Laboratório de Física	1
Laboratório de Química	1
Laboratório de Matemática	1
Laboratório de Biologia	1
Biblioteca	1
Sala de Vídeo Conferência	1
Auditório com 128 lugares	1
Ginásio Poliesportivo	1
Sala de Música, Artes e Linguagens	1
Sede para o Grêmio Estudantil	1

Fonte: Elaboração da autora

O horário escolar da Instituição é das 07:00 às 12:00 para o turno matutino e das 13:00 às 18:00 para o turno vespertino, e de 19:00h às 22:10h para o turno noturno, de segunda à sexta feira. As aulas são ministradas com duração de 45 minutos, sendo oferecidas seis aulas durante o turno, com intervalos de 10 minutos entre a segunda e terceira aula e de 20 minutos entre a quarta e quinta aula. O serviço administrativo é ofertado no horário das 07:00h às 22:00h, com alguns setores com horários flexibilizados com turnos de seis horas corridas, como, por exemplo, a Biblioteca, a Secretaria Acadêmica e outros setores administrativos com turno de oito horas.

O IFRN possui programas de assistência ao aluno, como já dito antes, composto de auxílio alimentação onde é oferecido a merenda, nos dois turnos, e o almoço, também é disponibilizado auxílio transporte, para alunos que não dispõem do transporte escolar gratuito oferecido pelas prefeituras, e bolsas de iniciação profissional com três horas diárias de trabalho, no turno inverso ao da aula, onde o bolsista pode ser voluntário, sem receber valor monetário

por sua participação, ou pode ser bolsista remunerado, recebendo uma bolsa financeira por sua participação, em todos os casos, a participação deles é através de edital de seleção, são submetidos a uma entrevista socioeconômica e visita domiciliar para melhor classificação social, pois quando o aluno entra na Instituição, ele preenche um formulário, disponibilizado *on line*, com perguntas sobre sua situação socioeconômica no sistema Q-Acadêmico, que é uma ferramenta *on line* que proporciona à gestão, aos professores, aos alunos e aos pais das informações acadêmicas como matrícula, frequência e rendimento escolar, dentre outras opções. Ainda tem as bolsas remuneradas em projetos de Pesquisa, projetos de Extensão e monitoria em laboratórios.

A expansão do IFRN, ocorrida a partir de 2007, com o objetivo de fortalecer a educação pública no interior do Estado, chega oferecendo cursos voltados para proporcionar ao cidadão uma formação humana e profissional, objetivando atender aos anseios da população local e regional, perante às necessidades do mercado de trabalho.

A expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica está pautada na interiorização da educação profissional, com o compromisso de contribuir, significativamente, para o desenvolvimento socioeconômico do País. Nessa perspectiva, a criação dos institutos federais responde à necessidade da institucionalização definitiva da educação profissional e tecnológica como política pública permanente de Estado (IFRN, 2012, p. 28).

Neste cenário o IFRN chega ao interior do Estado proporcionando uma oportunidade para milhares de jovens que não tinham condições de estudar numa escola com esse nível de qualidade em educação, visto que o *Campus* Central da Instituição era localizado na capital do Estado e a maioria das vagas oferecidas eram preenchidas por alunos residentes na capital. Podemos dizer que o Estado do Rio Grande do Norte foi muito beneficiado por essa expansão, pois o IFRN, aumentou significativamente sua estrutura física e operacional, partindo de uma unidade central para 21 unidades em todo o Estado.

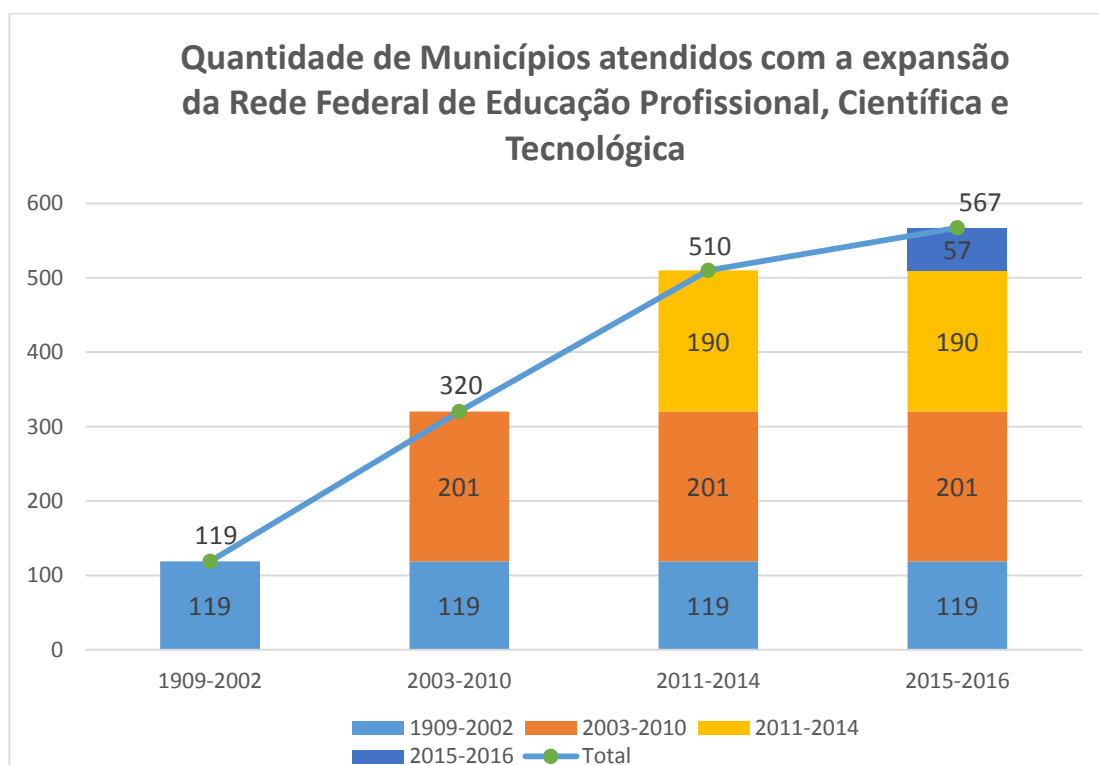
Diante do apresentado acima, espera-se que a nova missão dada a educação profissional e tecnológica, de mudar a realidade do local onde a escola for inserida, consinta a um melhor enraizamento dos alunos em sua região, pois diante do fato das escolas públicas Estaduais e Municipais, passarem por uma fase de descrença na qualidade de seu ensino, lamentavelmente, em muitas localidades, a população foi acostumada a conviver com essa dura realidade, alcançando índices de baixa escolaridade e analfabetismo entre crianças, jovens e adultos. Esperamos que essa expansão chegue trazendo o fortalecimento de diversas atividades econômicas, através do alcance social das novas tecnologias e inovações, trazidas pelo ensino

público federal, podendo se tornar, num dos mecanismos estratégicos de indução do desenvolvimento humano e socioeconômico local, territorial e regional, permitindo através da interiorização, uma maior capacidade de atuação e o acolhimento de populações historicamente colocadas à margem de um sistema educacional de qualidade e de políticas de formação profissional, além de evitar a migração de famílias inteiras do campo para a capital em busca de oportunidades e de uma educação melhor.

O município de Nova Cruz

A Rede Federal de Educação passou pela maior expansão em toda a sua história desde 1909 a 2016, em torno de 567 municípios foram beneficiados com a instalação de um Instituto Federal, de 1909 a 2002 foram 119 municípios, de 2003 a 2010 foram 320 municípios, de 2011 a 2014 foram 510 e de 2015 a 2016 foram 567 municípios, conforme Gráfico 1, abaixo, destacando que no nosso Estado tivemos 17 municípios contemplados.

Gráfico 1 – Expansão da Rede Federal



Fonte: <http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>.

O *Campus lócus* da pesquisa foi construído na segunda fase da expansão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Localizado na cidade de Nova Cruz, a 98 km de Natal, capital do Estado. Ela está inserida na Mesorregião 3 - Agreste Potiguar.

O município de Nova Cruz conta com uma população estimada de 37.547 mil habitantes, segundo dados do IBGE 2016, distribuídos por 277,65 Km² de área e com relação a escolaridade de nível fundamental, em 2015, teve 6.271 matrículas no ensino fundamental, ainda conforme dados do IDEB (2015), temos:

os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 4.1 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3.5. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 85 de 167. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 62 de 167. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 98.2 em 2010. Isso posicionava o município na posição 54 de 167 dentre as cidades do estado e na posição 1768 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Nova Cruz é uma cidade que devido a sua oferta comercial e de serviços tem uma facilidade de relacionamento com outros municípios em seu entorno, em seu espaço urbano encontramos uma diversificada de estabelecimentos comerciais instalados na cidade e sua feira livre, que acontece duas vezes na semana, segundas e quintas feiras, que é bastante conhecida, sendo de grande atrativo para as populações das regiões vizinhas.

Os cursos ofertados no IF foram escolhidos, em audiência pública, em virtude da dinâmica socioeconômica da região, de início o Eixo Tecnológico de Informação e Comunicação, com o Curso Técnico de Informática e o Eixo Tecnológico de Gestão e Negócios, com o Curso Técnico de Administração, contribuindo com a formação de mão de obra qualificada para atuar no comércio local e na área das novas tecnologias da informação, porém com a chegada do *Campus* na cidade, vivenciou-se também uma forte mudança no mercado imobiliário, em virtude de alguns servidores fixarem residência no município, adquirindo imóveis próprios e aqueles que ficam durante a semana também adquirem imóveis alugados, houve uma mudança social com a convivência de pessoas de diversos lugares, culturas, etnias e raças, devido a convocação de servidores de variadas partes do Brasil, trazendo na bagagem os seus costumes, crenças e tradições. A economia do município também foi impactada com a chegada do *Campus* e seus alunos, potenciais consumidores desde o setor alimentício, quanto os setores de vestuário e papelaria, sem contar que alguns se instalaram na cidade para ficarem mais próximos do Instituto. Enfim, percebe-se a importância dessa instalação do *Campus* no município, pois impulsiona uma mudança local e regional, mudança que afeta a todos, desde os que já residiam na cidade aos que chegam trazidos pela expansão.

Constituição das fontes da pesquisa

Entre os principais métodos que foram utilizados na construção desse trabalho está o levantamento de fontes primárias e o levantamento de fontes secundárias, que foram feitos

simultaneamente com uma pesquisa bibliográfica constante ao longo de toda a produção da dissertação.

Conforme Ferrarotti (2014b, p.40), os materiais utilizados pelo método biográfico podem ser:

Divididos em dois grandes grupos. De um lado, temos os materiais biográficos primários, isto é, as narrativas autobiográficas recolhidas diretamente por um investigador no quadro de uma interação primária (*face to face*). Do outro, temos os materiais biográficos secundários, ou seja, os documentos biográficos de toda a espécie que não foram utilizados por um investigador no quadro de uma relação primária com as suas “personagens”: correspondências, fotografias, narrativas e testemunhos escritos, documentos oficiais, processos verbais, recortes de jornal, etc. (grifo do autor).

Para a constituição das fontes primárias da pesquisa utilizou-se como principal instrumento a entrevista autobiográfica narrativa, dando voz aos atores sociais, para entender as suas particularidades, o apoio familiar e as suas motivações pessoais na busca do sucesso escolar. As entrevistas autobiográficas narrativas foram gravadas, com a autorização dos participantes, para futura transcrição. Todas foram transcritas pela própria pesquisadora, visto a intenção de refletir sobre o significado dessa experiência e do sucesso escolar alcançado por esses jovens.

A pesquisa das fontes secundárias correspondeu a coleta de dados quantitativos no Sistema SUAP e Q-Acadêmico do IF e a aplicação de questionários, conforme apêndice A, enviou-se um arquivo, via internet, com um roteiro a ser respondido e devolvido da mesma forma. Essa foi uma maneira encontrada para dar uma maior rapidez nas respostas, visto que seria difícil fazer uma entrevista com a reunião de todos. Dos 25 questionários enviados, apenas 22 egressos nos devolveram os questionários preenchidos, para esses que responderam o primeiro questionário, enviou-se um segundo questionário, também via internet, com quatro perguntas abertas, conforme apêndice B: 1 – Por que escolheu o IFRN/NC e o curso técnico profissionalizante em Administração? 2 - Que dificuldades encontrou para a realização do curso? 3 – Descreva, sucintamente, sua relação com o curso e com os professores. 4 – Comente sua permanência na escola, foi gratificante? No entanto essas perguntas abertas não foram com a intenção de análise, mas de manter uma aproximação com os sujeitos para a seleção dos participantes da pesquisa. Após termos recebido o retorno de 18 egressos, selecionou-se os cinco participantes, que foram entrevistados pessoalmente, quatro deles foram entrevistados em sua residência e um no IFRN/*Campus* Nova Cruz, levando em consideração as seguintes particularidades: a) seu caminho de dificuldades durante o curso, b) seu desempenho acadêmico

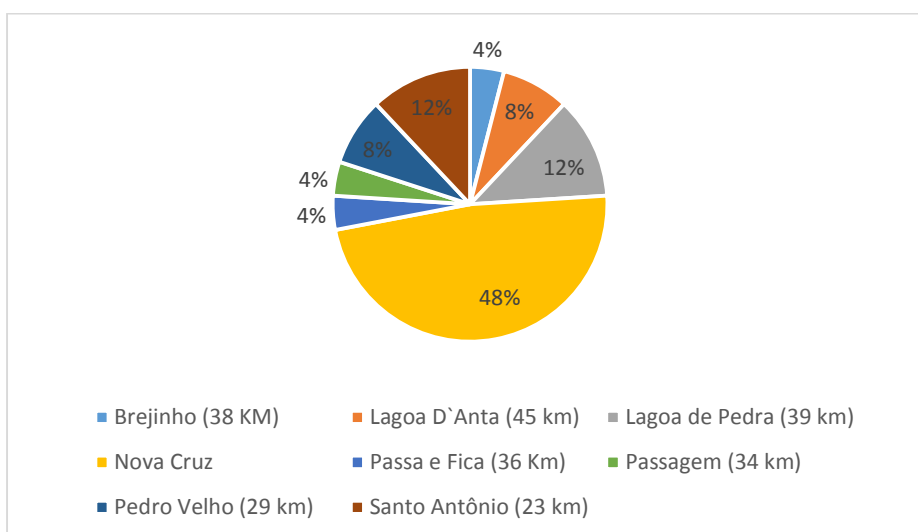
com um ótimo rendimento escolar durante o curso e c) sua longevidade escolar, avaliando a sua permanência no sistema de ensino com o seu ingresso na graduação.

Na aplicação da entrevista autobiográfica narrativa, a mesma foi iniciada apresentando aos entrevistados, um breve relato sobre a pesquisa pretendida e seu objetivo, com uma pergunta previamente construída, porém após ouvir-se um pouco da história de experiência e formação deles durante os quatro anos de curso e o convívio com a turma, formulou-se mais algumas perguntas.

Caracterização dos participantes da pesquisa

Os dados que se seguem esboçam o perfil das famílias e dos egressos pesquisados, com a informação de alguns dados que constavam no registro de matrícula de cada um dos 25 participantes, tipo endereço, escola pública ou particular que cursou o ensino fundamental, escolaridade dos pais, condução usada para se deslocar até o Instituto, e com base nos dados obtidos também através dos questionários, conforme apêndices, servem para uma melhor compreensão sociocultural dos mesmos. Esse material produzido nos permite caracterizar esses participantes, mesmo sendo uma caracterização geral, nos permite destacar particularidades semelhantes e algumas diferenças entre eles. Nos ajudando a entender se esse sucesso escolar obtido depende única e exclusivamente da forma como a família administra a vida escolar dos seus filhos ou se eles buscam uma melhor maneira de se auto ajudarem, pois a partir do momento que eles procuram desenvolver formas de estudar para uma melhor formação, eles estão ultrapassando barreiras escolares, visto que alguns pais/mães não tem o ensino fundamental completo ou nunca estudaram.

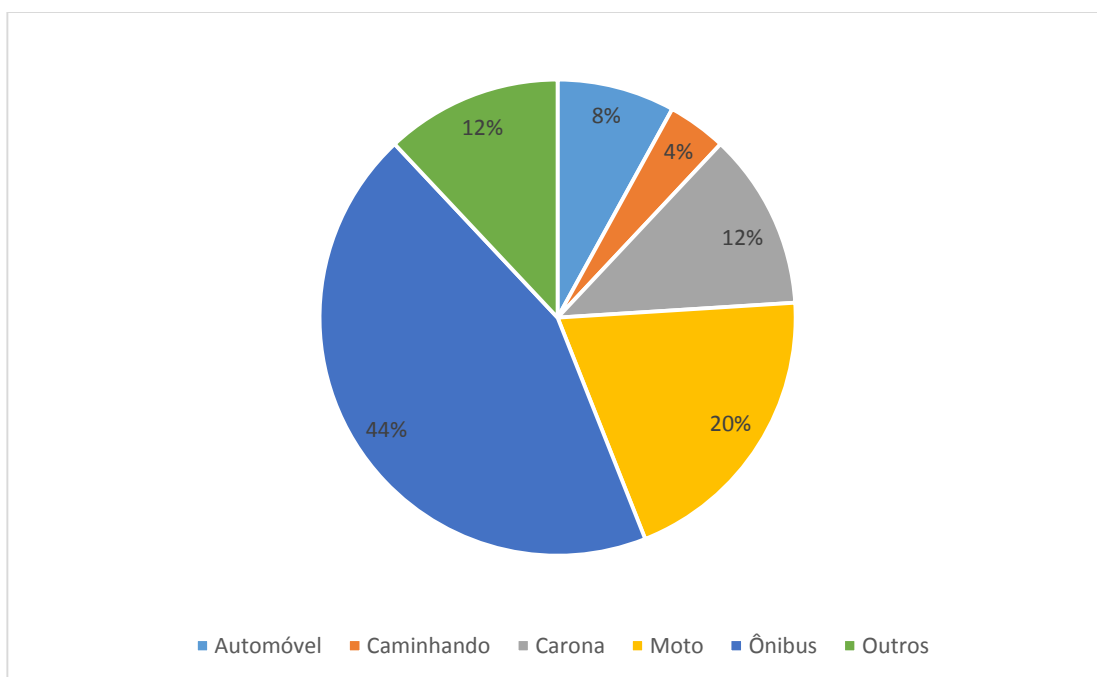
Gráfico 2: Município de residência x Distância de Nova Cruz



Fonte: Elaboração da autora.

No Gráfico 2 acima, verificamos, primeiramente, que dos 25 egressos consultados, 12 moravam no município de Nova Cruz e os 13 restantes são provenientes de municípios vizinhos a Nova Cruz (1 de Brejinho, 2 de Lagoa D'Anta, 3 de lagoa de Pedra, 1 de Passa e Fica, 1 de Passagem, 2 de Pedro Velho e 3 de Santo Antônio), destacamos que 7 moram na área rural e que 18 moram área urbana, levantamos a possível distância percorrida por esses jovens do seu município de origem ao município de Nova Cruz todos os dias, não dispondo, muitas vezes, do transporte escolar público, precisando se locomover assumindo a despesa de uma passagem de ônibus ou do aluguel de uma moto ou carro para fazer esse deslocamento até a escola. Estamos considerando essa distância partindo da Zona Urbana da cidade sem levar em consideração quando o jovem é residente na zona rural, quando ele ainda percorre um trajeto até chegar a zona urbana. Constatamos ainda que a maioria das famílias desses jovens residem na área urbana do seu município, essa localização facilita o deslocamento até o Instituto, pois algumas prefeituras disponibilizam o transporte escolar gratuito, com algumas paradas definidas ao longo do trajeto, no entanto quem mora na zona rural tem mais dificuldade ao acesso desse transporte, devido ele não passar na zona rural, tendo muitas vezes, a necessidade do jovem de se deslocar da zona rural para a zona urbana para só então conseguir usufruir do transporte escolar no percurso para o Instituto.

Gráfico 3: Meio de locomoção utilizado pelos jovens

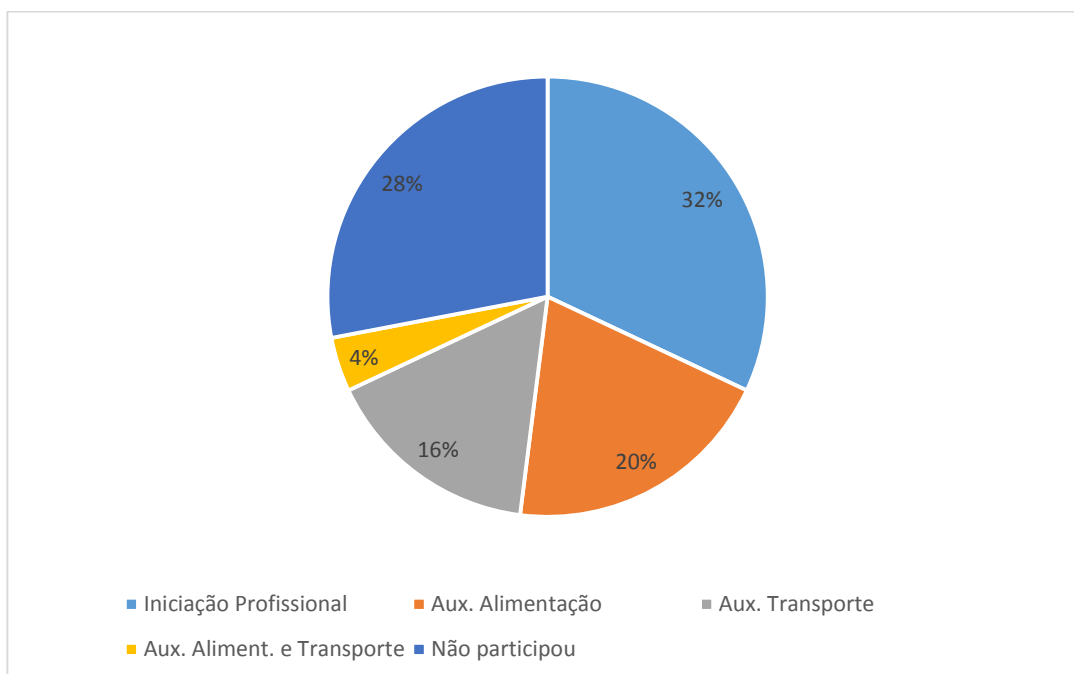


Fonte: Elaboração da autora.

Pode-se observar no Gráfico 3, acima, que 44% dos jovens utilizavam-se do transporte público, gratuito, para se locomoverem até o Instituto, porém 20% deles faziam uso de mototáxi, precisando pagar por esse serviço, isso constitui uma despesa com transporte, o que impossibilita, muitas vezes, a contratação de terceiros para efetuar esse serviço, mesmo a Instituição promovendo o auxílio transporte, não consegue contemplar a todos os alunos, então percebemos no Gráfico 3, o uso de caronas e de caminhada para se locomoverem até a escola.

A instituição promove programas de assistências social direcionada ao aluno e dentre eles estão o auxílio transporte, conforme detalhado no Gráfico 4, abaixo. Essa participação nos programas de assistência estudantil, é fundamental para ajudar na permanência do aluno no Instituto, porém ele pode não ser contemplado desde o seu primeiro semestre de curso, que é o caso da iniciação profissional, liberada a partir do segundo semestre, para que o aluno tenha uma melhor adaptação a formação escolar oferecida pelo Instituto, mas nos demais programas podem se inscrever desde o primeiro dia de aula, mas as vagas são limitadas e todos os candidatos aos programas passam por uma seleção, com exceção das turmas do integrado que tem direito a merenda escolar sem passar por seleção.

Gráfico 4: Participação em programas de Assistência Estudantil

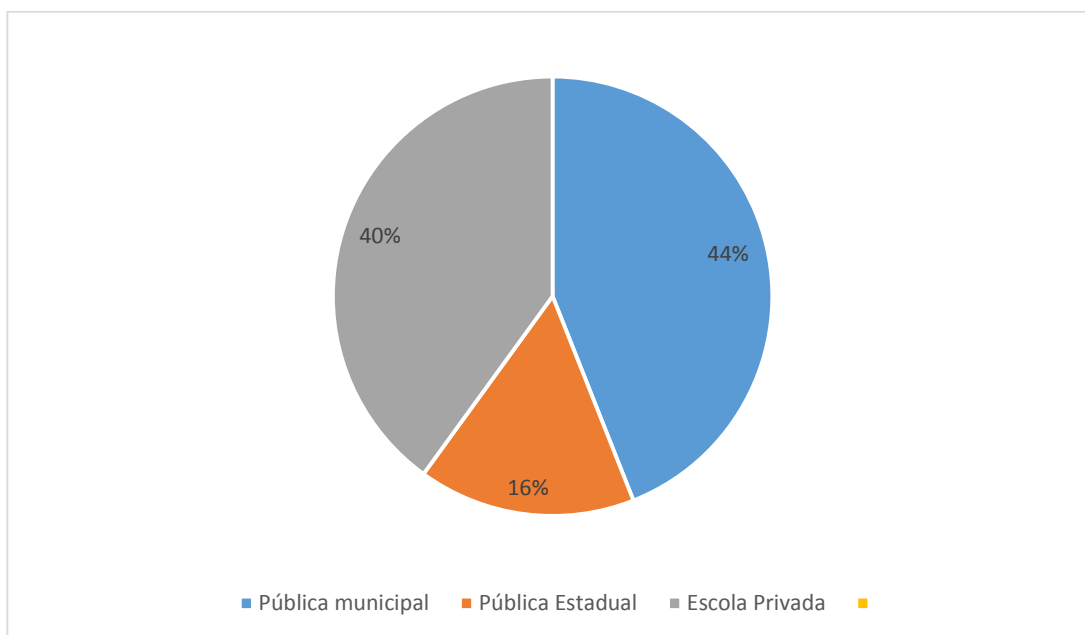


Fonte: Elaboração da autora.

Podemos constatar no Gráfico 5, abaixo, que a maioria dos jovens que ingressaram no IFRN no curso de ADM são egressos de escolas públicas, sendo 11 de escolas municipais, 4 de escolas estaduais e 10 de escolas privadas, pode-se entender que esses dados são reflexos da

política de cotas adotadas pelo IFRN, onde 50% das vagas são destinadas a alunos oriundos de escolas públicas, que é uma maneira de popularizar o acesso ao Instituto, enfim, seja da rede municipal ou estadual de ensino, eles vêm de uma escola onde não tem custo financeiro para a família, enquanto a minoria é egressa de uma escola particular onde as famílias podem arcar com esse custo financeiro para proporcionar, em tese, uma melhor educação para seus filhos, afinal a escolha da escola constitui o primeiro movimento familiar para a construção do percurso escolar desses jovens.

Gráfico 5: Escola de origem



Fonte: Elaboração da autora.

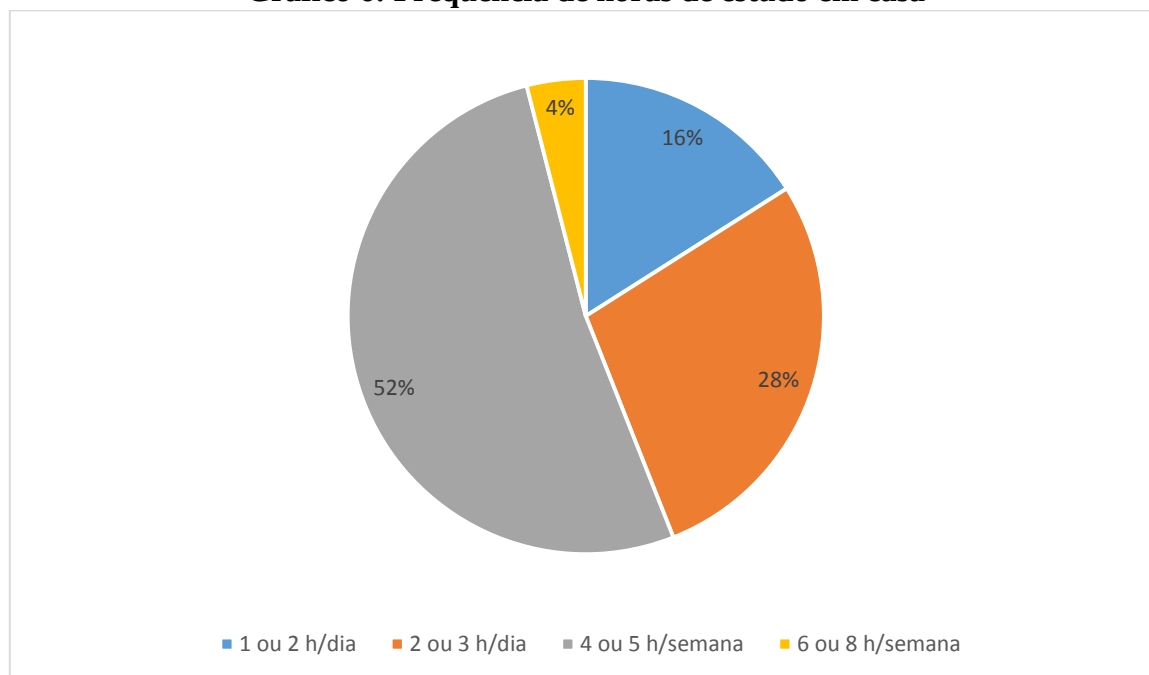
A idade desses alunos, estava variando entre 14 anos e 18 anos na época em que eles iniciaram o curso em 2012 (1 com 14 anos; 11 com 15 anos; 7 com 16 anos; 5 com 17 anos e 1 com 18 anos), todos eram solteiros e residiam com os pais ou responsáveis.

Apesar de ressaltar essa diferença de idade entre eles de até dois anos, na sua maioria, ela não é resultante de reprovações na vida desses alunos, mas que alguns deles já estavam cursando o ensino médio propedêutico em outra escola, perdendo um ou dois anos de sua escolarização, para iniciarem a formação profissionalizante no IF no primeiro ano. Essa estratégia de recomeçarem o ensino profissionalizante no IF, abandonando o ensino médio propedêutico que estavam cursando em outra escola, se justifica pelo valor atribuído por esses jovens ao IF na busca de um ensino melhor e de qualidade e na expectativa de uma oportunidade profissional e escolar para esses jovens e suas famílias visto que o *Campus* é novo na região e

está ofertando vagas em sua primeira turma no curso técnico profissionalizante de nível médio em Administração.

Outro ponto interessante revelado nesses questionários foi com relação a rotina de estudo: 3 declararam estudar em casa uma ou duas horas por dia todos os dias, 7 afirmaram estudar duas a três horas por dia todos os dias, 11 alegaram estudar quatro ou cinco horas por semana e apenas 1 alegou que estudava seis ou oito horas por semana. Estas informações chamam a nossa atenção, em virtude do enfrentamento desses jovens, diariamente, nessa longa jornada escolar, desde a saída de casa por volta das 05:30h ou 06:00h e o retorno às 18:00h, devido a distância de suas residências ao *Campus*, considerando o tempo gasto com esse deslocamento até o IF, com alimentação, com o trabalho de bolsista que alguns têm, a necessidade de passar o dia inteiro no Instituto por não terem carro para voltar para casa e ainda com a rotina pesada de estudos que o curso estabelecia, percebemos o quanto eles são motivados em busca do aprendizado. Conforme Gráfico 6, abaixo:

Gráfico 6: Frequência de horas de estudo em casa

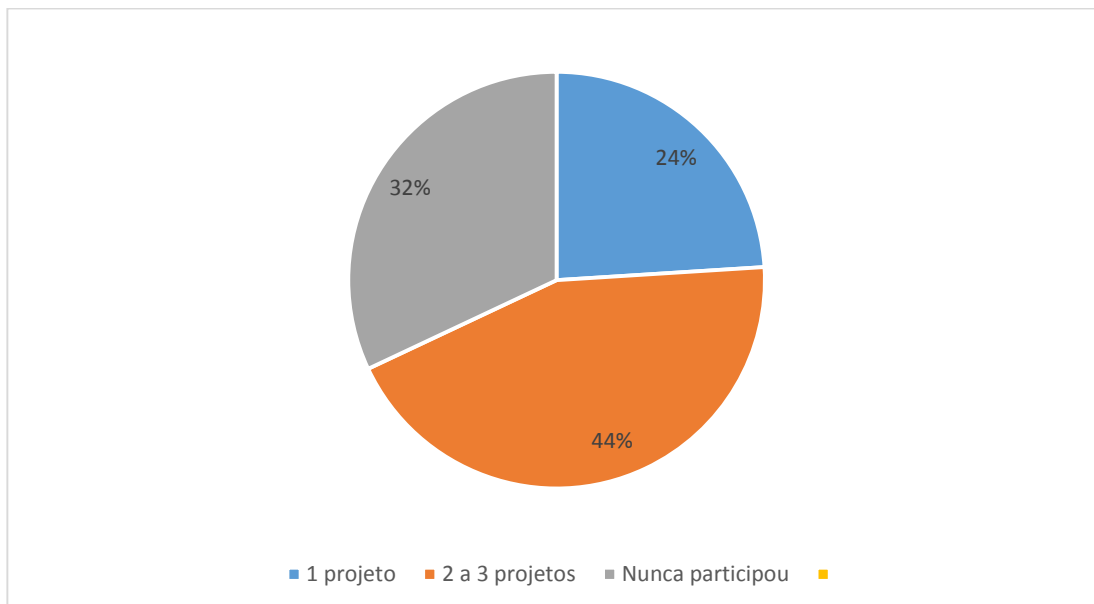


Fonte: Elaboração da autora.

No que se refere a participação dos egressos quando alunos na Instituição em projetos de pesquisa ou extensão, seja como voluntário ou remunerado, temos que 11 participaram apenas de um projeto, entretanto 6 participaram de dois a três projetos e 8 deles nunca participaram de projetos. Concluímos que 66% deles participaram de algum projeto, isso demonstra o interesse deles em adquirirem o conhecimento, em procurarem sempre o caminho

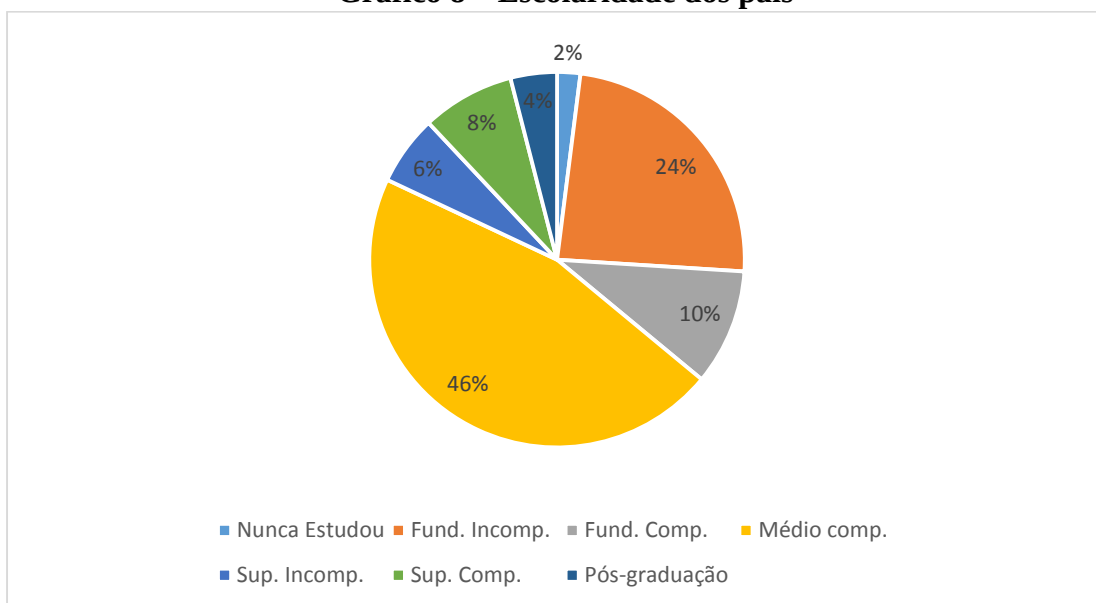
do aprendizado, aproveitando o que a Instituição lhes oferecia para uma melhor formação técnica e cidadã, conforme detalhado no Gráfico 7:

Gráfico 7: Participação em projetos de pesquisa ou extensão



Fonte: Elaboração da autora.

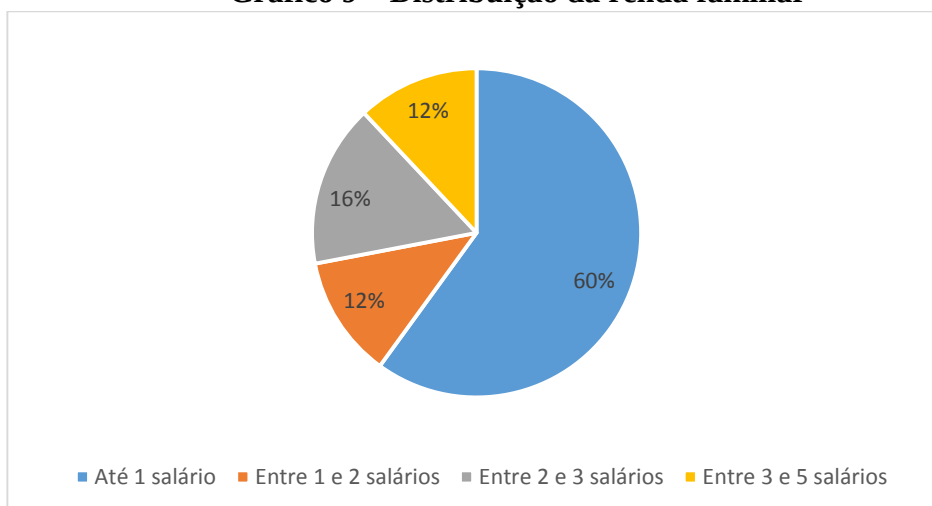
Nota-se pelos dados, abaixo expostos no Gráfico 8, que a escolaridade dos Pais também é evidenciada e percebemos que os pais demonstram uma maior escolaridade em relação às mães quando consideramos até o término do ensino fundamental, ou seja, 5 pais concluíram o ensino fundamental e nenhuma das mães concluiu essa modalidade de ensino. Entretanto com relação à conclusão do ensino médio, 12 mães e 11 pais concluíram essa etapa, nesta condição encontramos a maior concentração da escolaridade deles, no ensino superior, 3 mães e 1 pai concluíram, ainda tem 1 pai e 1 mãe com pós-graduação, 1 pai que nunca estudou e com ensino fundamental incompleto temos 7 mães e 5 pais.

Gráfico 8 – Escolaridade dos pais

Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se que esses 25 jovens consultados não herdaram de seus pais um alto capital escolar, pois mais da metade deles não conseguiram concluir o ensino fundamental nem o ensino médio, sendo que apenas 4 mães e 2 pais conseguiram um título de graduação ou acima dele. Essa relação da escolaridade impacta no trabalho dos pais e na renda mensal familiar.

A distribuição da renda mensal das famílias corresponde a soma dos salários de ambos os pais, como aparece no Gráfico 9, temos 15 famílias que estão na faixa de 1 salário mínimo mensal, 3 famílias encontram-se na faixa de 1 a 2 salários mínimos mensais, 4 famílias ficaram na faixa entre 2 a 3 salários mínimos mensais e 3 famílias enquadraram-se na faixa entre 3 a 5 salários mínimos mensais, no entanto esse perfil socioeconômico familiar, não parece configurar uma dificuldade intransponível para o desenvolvimento escolar desses jovens.

Gráfico 9 – Distribuição da renda familiar

Fonte: Elaboração da autora.

Nesse universo estudado, selecionou-se para a pesquisa 5 egressos que se encaixavam nos critérios esperados, ou seja, tinham um percurso de dificuldades durante o curso, alcançaram um desempenho acadêmico com um ótimo rendimento escolar durante o curso e sua longevidade escolar com o seu ingresso deles na graduação.

Quadro 8 – Algumas informações sobre os participantes da pesquisa

Egresso	Idade	Posição do filho na família	Escolaridade da mãe	Escolaridade do pai	Município que reside
Ana	22	1ª filha tem mais dois irmãos	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Fundamental completo	Lagoa de Pedras
Beatriz	20	2ª filha tem um irmão mais velho	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo	Santo Antônio
Carla	21	1ª filha tem duas irmãs	Ensino Médio completo	Ensino Fundamental incompleto	Lagoa de Pedras
Diana	22	1ª filha tem um irmão caçula	Ensino Fundamental incompleto	Nunca estudou	Nova Cruz (zona rural)
José	20	1º filho tem mais três irmãos	Ensino Superior completo	Ensino Fundamental incompleto	Passagem

Fonte: Elaboração da autora.

No quadro 8 acima, podemos observar que as mães apresentam uma maior longevidade escolar em relação a escolaridade dos pais, pois 2 mães conseguiram concluir o ensino médio e 1 concluiu o ensino superior, pode-se ressaltar que a mulher com todas as dificuldades impostas pela maternidade ou pelo trabalho, ela sempre que pode, procura dar continuidade aos seus estudos.

Esses jovens consultados sempre tiveram o apoio da família, mais centrado na figura da mãe para continuar estudando, 2 deles são originários de família nuclear, formada pelo pai, mãe e filhos, 1 deles é nativo de uma família recomposta e 2 deles oriundos de família monoparental, formadas a partir de divórcios e chefiadas pelas mães. Mesmo os pais não conseguindo acompanhar a escolaridade dos filhos, eles são citados em suas narrativas, seja na forma de apoio financeiro ou na forma de apoio moral ou de logística, pois nessa fase do ensino médio, geralmente o jovem é quem decide sobre a sua escolaridade, ela torna-se de sua inteira responsabilidade, é o momento da decisão de sua continuação e sobrevivência no sistema escolar.

Destacamos que todos eles foram participantes de bolsa de iniciação profissional ou de pesquisa e extensão, todos de maneira remunerada, o que os ajudou a se manterem firmes no propósito da longevidade escolar. Eles também enfrentaram as dificuldades com o transporte

escolar gratuito, tendo alguns que sair de seu município para o município vizinho para utilizá-lo, conforme falaram em suas narrativas. Quanto a maneira de estudar, desenvolveram formas e horários próprios, cada um com sua singularidade, alguns horários incomuns, como por exemplo, de madrugada e estudavam dentro do ônibus no caminho de ida e volta da escola e até sentados debaixo de uma árvore no quintal de casa, quando precisavam.

V A CONSOLIDAÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR ATRAVÉS DE NARRATIVAS

Fotografia 3 x 4

Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei
Jovem que desce do norte pra cidade grande
Os pés cansados e feridos de andar légua tirana
E lágrima nos olhos de ler o Pessoa
E ver o verde da cana.

Em cada esquina que eu passava um guarda me parava
Pedia os meus documentos e depois sorria
Examinando o 3 x 4 da fotografia
E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha.

[...] A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
E pela dor eu descobri o poder da alegria
E a certeza de que tenho coisas novas
Coisas novas pra dizer.

A minha história é ... talvez
É talvez igual a tua, jovem que desceu do norte
Que no sul viveu na rua
E que andou desnortado, como é comum no seu tempo
E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo [...]

Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você que me ouve agora
Eu, eu sou como você
Eu sou como você.

(Belchior, 1976)

“Eu sou como você que me ouve agora” é com essa frase que iniciamos esse capítulo, onde apresenta-se os cinco participantes e suas narrativas sobre os seus percursos escolares, o apoio familiar, hora existindo, hora não existindo frente as decisões tomadas pelos jovens na busca da longevidade escolar, o enfrentamento das dificuldades de transporte, de alimentação, de integração com a turma, dificuldades acadêmicas de conteúdo e também as estratégias utilizadas por eles para estudarem, tudo com o objetivo de alcançar o sucesso escolar na conclusão do curso. São histórias singulares, partindo de uma pessoa, com sonhos, inquietações, dúvidas e certezas, tudo em busca de um ideal de através dos estudos vencer na vida e conseguir, um dia, ajudar as suas famílias, porém dessa singularidade alcançamos o plural, o social, pois são histórias únicas, entretanto que se repetem em tanto outros jovens que estão em condições similares e não medem esforços para conseguirem realizar seus sonhos e alcançarem o sucesso escolar tão almejada por todos eles, rompendo com padrões escolares presentes em suas famílias. O corpus da pesquisa foi delimitado em cinco participantes, os selecionados não serão identificados, mas para uma melhor compreensão e anonimato deles na transcrição da entrevista autobiográfica narrativa os chamaremos por nomes fictícios.

A motivação e atuação pessoal de cinco jovens para a conquista do sucesso escolar

- Ana: Do campo para a cidade grande rumo a conquista da longevidade escolar

Meu nome é Ana Araújo, moro em Lagoa de Pedras, especificamente no Mandu⁴(risos), faço questão de dizer isso, sempre morei aqui, sempre estudei em escola pública e estava... quando soube do IF que era um *Campus* novo, sempre tive um sonho de passar, de sair daqui e estudar fora daqui, não achava o ensino de qualidade, sentia que podia mais, ouvi falar do IF por um amigo que também passou na mesma turma, Emerson veio aqui em casa e disse assim: “Ana, surgiu um novo *Campus* em Nova Cruz!”. “Ah, eu disse: já passei por lá e quando passei por lá disse: ainda vou estudar aqui!” Quando passei na frente do *Campus* e estava em construção ainda, só que a gente já estava terminando o ensino médio, então ele disse: “só vai abrir turma de integrado e tem que fazer ensino médio, são quatro anos e você tem coragem?” “Eu tenho, eu tenho, vamos fazer!” Então fiz a inscrição, foi bem difícil a decisão de largar o ensino médio e voltar, ia fazer dezesseis anos e iria terminar o ensino médio com dezesseis anos e o IF com vinte, se eu fosse para lá. Então eu disse: “Vamos”. Quando a gente soube da

⁴ Mandu – Distrito do município de Lagoa de Pedras.

aprovação, os três daqui que fizeram, passaram, surgiu a dúvida: “E agora? A gente vai como?” Uma cidade que não é perto e sem dinheiro para custear transporte, alimentação, mas o sonho é maior, nos reunimos os três, fizemos uma reunião (risos), foi bem complicado e aí vamos ou não vamos? O Emerson disse: “eu vou”. Minha mãe, que na época, vivíamos uma realidade bem complicada, porque minha mãe estava separada, ela era sozinha para cuidar da casa e dos três filhos, que era eu e mais dois, ela me deu um super apoio, foi assim, o que me motivou a ir, porque se ela não tivesse motivado não tinha ido, primeiro porque sabia que ela não tinha como me ajudar e eu tinha que fazer tudo sozinha. Carla ficou um pouco em dúvida e eu disse: “eu vou” e foi o dia da decisão de fazer a matrícula. Chegou o dia, fomos e fizemos a matrícula, a primeira parte deu certo, mas como chegar a ir para lá? Foi outra complicação, fomos pegar informações nas cidades mais próximas que tinham transporte e fomos pedir as prefeituras que nos acolhessem, para nos levar nesses transportes, então pegávamos carona ou íamos de coletivo até essas cidades que eram Santo Antônio e Serrinha e de lá íamos nos transportes das prefeituras junto com eles, só que tinha outro problema, já era superlotado nas prefeituras e para nos caber nesses transportes? Por ser uma pessoa que não é da cidade, todos já olhavam torto, você não é da cidade, então por que você está vindo aqui? A gente teve que abrir mão dos transportes das cidades e teve que ir pegando carro, transporte de cidade em cidade até chegar em Nova Cruz por que não tinha um direto, tinha uma até Santo Antônio e de Santo Antônio a gente ia e chegava em Nova Cruz, os seis primeiros meses foram assim, no final desse período, souberam da nossa realidade e o Professor Assis, foi assim um cara que..., nossa a gente deve muito a ele, nós fomos falar com ele, tivemos a coragem de ir lá e dizer: “olha nós estamos passando por isso e isso e se continuar assim a gente não vai conseguir concluir o curso”, e ele providenciou as bolsas, que na época, como o *Campus* era novo, não tinha seleção de bolsistas, era assim, você pega uma aqui, outra ali, ao saber da nossa realidade e nos deu as bolsas; Carla, eu e Emerson, já nos tornamos bolsistas nos seis primeiros meses, e foi o que nos ajudou a continuar. Uma outra realidade difícil foi o embate, quando a gente chegou lá a dificuldade de nivelamento, a gente se deparou com pessoas de várias cidades que tinham realidades escolares, acadêmicas, totalmente diferente da nossa e de escolas particulares tops das suas cidade, no ano em que a gente entrou no IF, a minha escola ficou entre as piores no IDEB⁵ do Brasil, eu vim da pior, de uma das piores, ela ficou entre as três piores do Brasil, não era uma coisa simples, você não tinha uma base de matemática, não tinha uma base de química e chegar lá e deparar com professores doutores em química que até ajudam, mas acreditam que você já vem com

⁵ IDEB – Índice de Desenvolvimento na Educação Básica.

uma base, foi muito sofrido no início porque para se acostumar e conviver com pessoas bem a sua frente em relação ao conhecimento e ter que esforçar e se dedicar o dobro do que você se dedicava para conseguir tirar notas para passar no primeiro bimestre, lembro que na minha primeira prova de matemática sai chorando da sala porque tirei três na prova e nunca tinha tirado três numa prova de matemática, sai me sentindo muito incapaz e chorei no banheiro muito nesse dia, porque sabia que não ia conseguir e foi bom porque a partir daí foi um choque, você tem que estudar mais! E comecei a estudar mais e mais e na segunda prova tirei oito, aí me animei, e dizia: “ai vai! Então acredito! Vai dar certo”. Então nessa primeira etapa foi de se adaptar a questão da realidade de diferença de nivelamento, acho que no segundo, terceiro bimestre, já deu para conseguir, porque você vai pegando o ritmo de estudo e vai conseguindo e veio a questão de como vou me adaptar com a bolsa?

A bolsa, fui direto para recepção do *Campus*, fui trabalhar na recepção, depois fui para Chefia de Gabinete e depois fui para a Contabilidade/Financeiro e eu nunca tinha tido experiência nenhuma de trabalho, então tinha dois desafios, conseguir passar de ano, não podia ter notas baixas para permanecer com a bolsa e ter uma experiência de trabalho, mas achei fascinante porque consegui lidar com o público, aprendi a falar com as pessoas e consegui resolver problemas que não me sentia capaz disso, pela idade também, nunca tinha tido essa experiência, tive que organizar meu tempo, tinha que trabalhar até as onze, de sete as onze, se eu pegasse as sete e meia ia até as onze e meia, almoçar, ir para aula até as seis, pegar uma hora e meia de viagem para casa, chegar em casa eram oito horas da noite, sete e meia, oito horas da noite. Saía de casa umas seis horas, cinco e quarenta, seis horas, para chegar lá na hora, então como a gente trabalhava, tinha a bolsa de iniciação profissional e tinha a aula, não tinha como voltar para casa.

Eu recebia no início R\$ 240,00 ou R\$ 260,00, não lembro direito, mas para mim já era um mega salário, me sentia a poderosa (risos), sim, tinha alimentação, ajudou muito porque a gente, as vezes, não tinha como pagar transporte e no início não tinha o transporte da prefeitura, então as passagens eram pagas com esse dinheiro, a alimentação do lanche, porque a gente tinha auxílio alimentação, o IF pagava o almoço, mas os lanches não e na época não tinha lanche no IF, foi outra luta também que conseguimos depois, e a gente tinha que custear esse lanche da manhã e o lanche da tarde e as passagens, foi fundamental essa bolsa. Depois nós conseguimos o transporte pela prefeitura e essa bolsa ficou como ajuda de custo para comprar material, porque tinha que comprar material, até em casa, mesmo nas necessidades eu ajudava, minha mãe não tinha trabalho na época, depois que ela conseguiu trabalhar mudou um pouco, mas no início foi bem essa luta.

No início a gente passou por muitas situações porque a gente não tinha transporte, por exemplo, no período da greve, no início quando a gente entrou no IF pegamos uma greve de três meses, e tínhamos que trabalhar, a gente não foi liberado da bolsa, tinha que trabalhar e como a gente ia voltar se saia mais cedo, não tinha transporte naquele horário, então vinha de carona, nessa época, ficava pedindo carona, mesmo, na rua, na pista ali na frente e pegava uma carona até Santo Antônio e de Santo Antônio tinha o horário da besta, que era de meia em meia hora, de uma em uma hora e ficava na rodoviária esperando para vir, então nesse início foi bem louco, a gente tinha medo, mas tinha que ir, nossa passei por muitas situações de medo mesmo, de se preparar para ligar para casa porque não sabia o que ia acontecer naquele carro, mas foi mais nessa fase da greve e no início que a gente não conseguiu o carro da prefeitura, pegamos muita, muita carona.

Primeiro quando vi a diferença dos colegas que vieram de escolas privadas e de escolas públicas boas, vi que eu tinha que estudar mais que eles, tinha que estudar o dobro do que eles estudavam em casa e como que não tinha tempo? É, na bolsa, ficava, mas quando chegava lá, por exemplo, tinha que começar as sete horas, me organizei, falei com meu chefe para eu começar as oito, então quando eu chegava lá ia para biblioteca ou para um local que tivesse, a biblioteca abria de oito, ia para cantina ou para algum lugar e ficava revisando o conteúdo da aula anterior ou da do outro dia, porque, as vezes, quando chegava em casa o cansaço não deixava e no horário da manhã, antes de começar a bolsa que eu saia só as doze e ia direto almoçar e no horário antes de entrar para aula, então era o horário que eu tinha que revisar o que dava e quando tinha prova, é sim, contando o fim de semana também, e quando tinha prova era a noite, não podia abrir mão da noite, mas prezava para dormir bem, porque se não dormisse bem, não dava certo, mas assim, nos intervalos entre almoço, horário de almoço, manhã quando chegava lá antes de entrar e nos fins de semana, mas prezava muito pelo domingo, se não desse o domingo todo sem estudar, ficava o domingo à tarde pelo menos mas ficava algum horário do domingo sem estudar.

O relacionamento com a turma foi complicado, acho que só me dei, consegui me adaptar porque já entrei lá com dois amigos, como os três amigos meus daqui da minha cidade que passaram, estudaram na mesma turma, já conhecia e entrei lá com uma amiga de infância que é Carla, com quem estudei desde o primário, como já conhecia, não foi um embate tão grande, mas demorei muito para fazer outras amizades, porque eram pessoas de classes diferentes: sociais, econômicas, entendeu? Grupinhos que já vieram de escolas privadas e que já se conheciam, então assim, foi muito difícil, mas no final, acho que o retorno foi tão positivo, que consegui conviver com realidades tão diversas e consegui fazer amizades que nunca imaginei

fazer se você tivesse continuado aqui, desse modo foi muito válido no final, mas no início foi muito complicado.

Como foi que tive todo esse estímulo para não desistir? O que me motivou a continuar? O que me motivou? Essa parte é emotiva. Na minha família ninguém se formou, então assim... Ai vou chorar! (risos) Passa um filme na cabeça. Ninguém nunca pode colocar na parede o diploma e a foto com a beca segurando o canudo, o sonho era esse primeiro, não, o primeiro sonho era ajudar minha mãe, porque ela não teve a oportunidade de estudar, porque aqui a vida, hoje, você vê isso aqui evoluído, mas antigamente era agricultura, minha mãe vem de uma família de agricultores onde estudar era uma perda de tempo, estudar era tá lá ajudando na roça, desde criancinha, ela foi ensinada a isso, mas ela sempre..., eu agradeço muito porque ela sempre teve uma mente aberta para permitir que os filhos quisessem, então como somos três irmãos e fui a única que me interessei, os dois são meninos e fui a única que me interessei a ir além, então o que me motivou foi que eu tinha que fazer diferente para que as outras pessoas da minha família pudessem ver que existiam outros caminhos que aquele não era o único e que nada tinha que acabar ali, então assim, foi a motivação e lembro muito também de um professor do IF, posso falar o nome? O professor Luiz Alberto, não sei se você conheceu? Ele fez um trabalho chamado: Letra e Vida, naquele momento acho que caiu a ficha do quanto eu estava descumprindo a regra da família, porque ele colocou um vídeo chamado: Vida Maria, eu acho..., e era justamente o que eu estava vivendo, uma pessoa que não estava seguindo o que era regra para aquele círculo social, que você tem que nascer, casar, ter filhos e trabalhar, viver aquela sociedade patriarcal, você não pode fugir, a mulher, ela tem que ocupar aquele lugar e pronto, então isso me motivou, acho que isso até hoje, por que terminar e prosseguir isso não foi fácil, não é fácil, e muitas pessoas julgam também que você só estuda, estuda, estuda e não consegue nada, porque estudar não é uma coisa fácil, não é você está ali hoje e amanhã está bem sucedida, é algo que gera tempo e esforço, você tem que estar muito motivada e ter um foco porque senão você desiste.

Em relação ao curso achei estranha a grade, porque era dividida, por exemplo, tinha ano que você não via português, matemática, história, tinha ano que você só via química, física, matemática, no ano seguinte você não via mais química, você acabava, então química era dois anos, história era dois anos, quando você esperava que fosse os quatro e isso dificultava porque quando você fosse fazer o ENEM, você estava dois anos sem ver matemática ou a dois anos sem ver química, então achei muito estranho porque achava que não ia conseguir passar no ENEM e a questão do curso não me encantei, não fiquei apaixonada por Administração, mas me ajudou muito na vida e acredito que qualquer profissão que você vai seguir o curso de

Administração vai contribuir, vai contribuir para minha formação e contribuir para minha vida, para se organizar, para planejar o que vai fazer e para profissão também, você vai precisar planejar, você vai precisar se organizar e o curso deixa isso de herança em você. Eu acho isso importante.

Com relação ao sucesso escolar, conseguir ir até o final do curso enquanto muitos não conseguem, muitos desistem no caminho por diversos motivos, olha, eu vejo que, primeiro tive que ter muito foco, porque o IF, ele não é fácil, ele é uma escola de uma qualidade muito superior a todas, acho que conheço, porque ele lhe dá as ferramentas para estudar, mas só o que você vê lá não é o suficiente, você tem que ter um planejamento fora dali para você conseguir passar e também porque você tem um acúmulo de disciplinas, tendo em vista que você tem as matérias do curso e as matérias do ensino médio, então acumula aquilo tudo junto e você tem que dar conta de tudo, você diz que a média... quando você entra a média é seis para passar, “ah, vai ser moleza!” Mas não é, não é mesmo, você tem que coordenar seu tempo para pagar doze disciplinas num semestre, não é fácil, você entra numa universidade e é seis, você sai de lá com uma base muito boa em relação a isso a se organizar mas para alcançar seu objetivo você tem que ter foco.

Acho que o IF é diferenciado justamente por isso, eu jamais, jamais teria vivido o que vivi, você entra lá com uma visão micro e sai lá com uma visão macro do mundo, você vê, não, não é só isso, não é só o que eu imaginava que era e numa escola pública estadual de onde vim, por exemplo, jamais iria ter contato com pesquisa, com extensão, se tiver é muito pouco, muito limitado, lá você tem oportunidade de se empenhar em projeto de pesquisa, você tem a oportunidade de se empenhar em projeto de extensão, você tem a oportunidade de participar de congressos e lidar com pessoas com tipos de graduação muito além da sua e falar com você de igual para igual sem lhe menosprezar e acreditando que você pode chegar lá, então isso foi muito legal, em relação aos projetos de pesquisa que participei, aos congressos que fui podia ter ido mais, me arrependo de não ter me dedicado mais, acho que poderia ter ido mais, mas foi muito gratificante. As experiências de turma, primeiro que você convive mais com a turma até do que com sua família, pois você passa o dia todinho lá e volta para casa à noite, são quatro anos vivendo com o mesmo grupo todos os dias e você cria um vínculo de família, a turma cria um vínculo de família com você, de sentar e conversar como se, como se você já se conhecesse a muito tempo, existe um vínculo fora da sala de aula também, os congressos, as viagens, as aulas, visitas técnicas, serviram para aproximar a turma e também adquirir conhecimento com a vivência da turma, olha, não tenho nem o que dizer. Engraçado, quando você entra na universidade você encontra muita gente que foi do IF lá, acho que da minha turma, todos as

pessoas que vieram de escola pública foram do IF, conta nos dedos um ou dois que não foram, quando não é de escola particular é de Instituto Federal, então quando a gente senta para conversar: “o que vocês fizeram no seu *Campus*? Ah, eu estava num congresso na Bahia, você estava? Estava!” É muito legal, muito legal, você saber que existem outras pessoas vivendo o que você viveu, de outras cidades e compartilhando da mesma coisa que você compartilhou e você se sente orgulhoso por ter feito parte disso, isso é muito gratificante, eu acho, não me arrependo de ter voltado, de ter repetido o ensino médio. Eu ia para o terceiro ano do ensino médio, estava terminando na escola estadual de lá de Lagoa de Pedras, aqui é um distrito, estava terminando o segundo ano do ensino médio, no outro ano já ia prestar vestibular, então abri mão, voltei para começar o primeiro ano e terminar os quatro anos no IF, é como se fosse, para muitos eu perdi dois anos, mas digo que ganhei quatro, ganhei quatro e ganhei muito além do que somente, vida acadêmica, foi muito além disso.

Para outros jovens que estão nessa situação de dificuldade de trajeto, financeiro, familiar, que pensa em desistir, olha diria e digo, como digo muito para o meu primo, por exemplo, que está tentando, está estudando agora, que nada, nada, é impossível, quando você acredita que pode, quando você acredita que quando você se esforçar vai dar certo, não é impossível, o que para muitos parecia impossível para mim, você..., “ah, você é louca, você é louca, você está indo para ali todo dia, você está ganhando o que com isso?” Principalmente aquelas pessoas que tem a mente muito fechada, que viveram a vida toda naquele lugar, que nunca saíram de lá, como minhas avós, mesmo assim, eu incentivo, digo que acredite, que corra atrás, que vá, que persista e se der errado, tente de novo, porque vai dar certo num momento, e quando dá certo, você se sente muito realizado, olhe para você e se sinta orgulhoso do que você fez, de não ter se arrependido, de não ter desistido, de não ter caído na primeira dificuldade, então isso é muito gratificante e que vale muito a pena.

Minha graduação hoje? Foi outro desafio, outra coisa, porque agora você saiu de Nova Cruz e foi para Natal que é mais longe, mas eu sabia o que queria e sabia que se deu certo no IF vai dar lá também, entendeu? Se deu certo lá quando parecia impossível, lá vai dar certo, de um jeito ou de outro vai dar, quando fui tentar ENEM, não sabia direito o que queria, estava em dúvida em dois cursos, bem diversos inclusive, Serviço Social que é o que curso hoje e Odontologia, só que minha nota não coube para Odontologia, porque deu uma diferença de nota, por muito pouco, eu tentei, como me interessei e trabalhei próximo a uma Assistente Social do IF, na verdade, foi ela que me inspirou, meu sonho era ser igual a ela, (risos) então disse: “vou tentar”. Hoje não sei exatamente se é isso que quero, mas não desisti de tentar outra coisa, estou tentando trocar de curso, sei que vou conseguir, sei que vai ser mais difícil ainda porque

é caro, mesmo de graça, Odontologia, como não trabalho ainda, tenho uma bolsa na universidade também como no IF, ganho um pouco mais, mas é o mesmo sistema para você ter uma vivência profissional, mas me sinto muito realizada e me sinto ainda subindo os degrauzinhos para chegar onde quero.

No início eu estava indo e voltando, porque quando a gente passa, como o IF tem um calendário um pouco complicado por causa das greves, quando um aluno do ensino integrado está terminando o IF ele tem que já tentar ENEM, senão ele perde o prazo, quando passa no ENEM você ainda está no IF, então quando passei no curso de Serviço Social tive que conciliar Nova Cruz e UFRN durante três meses, fiquei dois dias lá, três dias lá e assim foi e no início foi muito conturbado, mas eu sabia que ia se tranquilizar porque a universidade oferece programas como auxílio residência e alimentação, eu tentei tudo logo de cara quando cheguei lá e consegui, hoje moro na residência universitária de lá, não pago nada, é muito bom inclusive, e alimentação também tenho, não tenho gasto nenhum lá e assim tenho uma vida, uma qualidade de vida bem melhor do que quando morava no IF porque moro perto da universidade, diferente de lá que o único jeito era ir e vir todo dia, mas lá, hoje, está muito tranquilo e estou muito realizada, apesar de não estar muito realizada no curso mas sei que vou conseguir trocar, ainda estou me adaptando no curso mas tenho quase certeza que não é o que eu quero, estou tentando reingresso lá, pois há um modo de se trocar de curso lá dentro, passei a minha primeira fase e estou esperando o resultado.

Lá dentro tem ônibus, como a universidade é grande demais tem muitos ônibus que levam os alunos de um polo para outro e de graça, não gasta nada, para vir para casa venho nos fins de semana. Gostei muito de nossa conversa; não vou desistir do meu sonho, quando eu for aprovada mando para você.

+ Quando a entrevista foi realizada, Ana tinha realizado uma prova de transferência voluntária na UFRN para o curso de Odontologia, porém não conseguiu a aprovação, no entanto ela tinha tentado uma aprovação através do PROUNI em uma universidade particular para o curso desejado de Odontologia e conseguiu a vaga na Universidade Nove de Julho em São Paulo/SP. Então ela migrou de Natal/RN para São Paulo/SP, trancou a matrícula no curso de Serviço Social na UFRN e foi para a nova Universidade, indo morar com um irmão em São Paulo e deixando a mãe e os demais familiares em Lagoa de Pedras/RN. Será o início de uma nova fase em sua vida, um novo desafio na sua caminhada em busca da longevidade escolar, principalmente para quem sai do Nordeste, do campo e vai viver na cidade grande, em São Paulo/SP.

- Beatriz: A maternidade como incentivo para a concretização do sucesso escolar

Meu nome é Beatriz, moro aqui em Santo Antônio, comecei no IF, não comecei diretamente, fiz cursinho para poder entrar no IF, só que fiz a prova no IF de Natal e não passei, no outro ano fiquei fazendo o primeiro ano em escola pública, sempre estudei em escola pública, passei no primeiro ano estudando lá em Nova Cruz, fiz cursinho de novo para tentar passar, só que abriu vaga no IF lá de Nova Cruz, aí fiquei sem saber se fazia lá para Natal ou aqui para Nova Cruz, minha mãe pediu para eu fazer para cá, para ficar mais perto de casa por que se fosse para Natal ia ter que morar lá; fiz a prova daqui e passei, fiz em Jundiá⁶ também e passei, só que então preferi ficar aqui mesmo, fiquei aqui e comecei a estudar aqui mesmo, foi assim que começou...

Escolhi muito por que aqui em Nova Cruz não tinha muita opção, lá em Natal eu ia fazer Eletrotécnica, mas quando cheguei lá era Informática e Administração, então preferi Administração; quando comecei o curso, comecei a ver as matérias técnicas foi que eu comecei a gostar e até hoje mesmo no meu curso, faço Ciências Contábeis, é parecido com a área, por que já vi, me identifiquei muito, gostei muito do curso, me ajudou muito assim, tanto para arrumar um emprego, quanto para vida, porque no emprego em que eu estou hoje o curso me ajuda muito. É um curso muito para vida também, gostei muito do curso assim que comecei mas para ir foi mais por não gostar de Informática mesmo que só tinha duas opções e tal.

No primeiro ano para me adaptar foi muito difícil, muito difícil, sempre tirei nota baixa (risos), tipo era o professor que dava coisas que a gente já deveria ter visto e eu não tinha visto, por isso hoje acho muito importante o que tem, que eles dão um curso de nivelamento antes do povo começar a estudar, achei isso muito importante porque, realmente, a pessoa vem dar aula aqui, aqui só estudei função do segundo grau, quando cheguei lá tinha um monte de coisa e não consegui me adaptar e minha mãe: “Beatriz calma, é assim mesmo!” , eu só tirava nota baixa e ela: “Beatriz calma é assim mesmo, lá é mais difícil!” Daí comecei a tentar, a me dedicar mais, comecei a me acostumar, a me adaptar, pedir ajuda, assim foi que no segundo ano me estabilizei, mas no primeiro ano foi muito difícil, aquele ano que você: “Ai não, eu vou desistir! Não, não vou desistir, vou conseguir!” Você se desespera mais consegue, mas para se adaptar mesmo é muito difícil, principalmente quando vem de uma escola pública, que não tem praticamente nada, você chega aqui, tinha aula de sete da manhã, nove e pouco acabava e lá

⁶ Referindo-se a realização da prova do processo seletivo da Escola Agrícola de Jundiá da UFRN, em Macaíba/RN.

não, estudava até uma às seis da noite, não faltava aula, era tudo bem certinho, você estranha muito.

Minha ida para o Instituto, no primeiro ano comecei estudando de manhã, pois de manhã tinha um ônibus que a prefeitura cede, ia de manhã umas seis e meia e voltava de meio dia, por ai, quando acabava a aula de onze e quarenta e cinco, onze e cinquenta, a gente voltava de meio dia, chegava aqui meio dia e quinze, meio dia e meio, no primeiro ano ainda comecei a trabalhar, trabalhei no cartório daqui, trabalhava de oito às doze aqui, saia do cartório e vinha para casa correndo, tomava um banho, tinha uma “bestinha” também cedida pela prefeitura, só que como eram menos alunos à tarde, era só uma “bestinha”, eu pegava a “bestinha” e ia, umas doze e meia, doze e quarenta também, chegava aqui umas seis horas da noite, só que quando o prefeito perdeu, isso foi em 2012, ele tirou a “bestinha”, a gente ficou de outubro a dezembro pedindo carona, ia pra rua e pedia carona e quando conseguia a gente ia, quando não conseguia a gente pegava o Rio Grandense⁷, e na volta também, as vezes, a gente voltava mais cedo e ficava pedindo carona.

Pagava, no Rio Grandense a gente tinha que pagar passagem, o começo foi assim, comecei a trabalhar e estudar, trabalhar e estudar, e só parei de trabalhar por que engravidei e disse: “mainha”, não vou aguentar ficar nessa correria, e ela disse: “então pare de trabalhar por que você não vai parar de estudar”. E pensei: “realmente é mais importante”, pois no trabalho eu ganhava só R\$ 300 reais, então decidi: “Vou continuar estudando”. Fui lá no IF, conversei e as meninas me deram uma bolsa, a Assistente Social Graça, na época, decidi: “vou lhe dar uma bolsa até você ter seu filho”.

Tratava-se de bolsa de iniciação profissional. Sai do trabalho e fui para lá, passava o dia inteiro lá, saia daqui seis e pouquinho, seis e meia, seis e quarenta e chegava em casa seis horas da noite. Lá eu fiquei com Graça na pedagogia, com Graça e Dalvanize, não mudei de setor, sempre fiquei lá, até ter meu filho.

Era financeira também. Lá eu ganhava o almoço, porque quando você é bolsista, você ganha o almoço, eu passava a manhã lá, são três horas, sempre chagava cedo, por causa do ônibus, sempre entrava lá sete horas, saia umas dez, as vezes, ficava até umas dez e meia, era mais acompanhamento com os alunos, as vezes, não ficava na sala por que, as vezes, o assunto é confidencial, só que ela gostava de mim porque não falava para as outras pessoas o que acontecia, as vezes, eu ficava na sala e via muito acompanhamento com aluno, ajuda e com

⁷ Ônibus de transporte intermunicipal da empresa Rio Grandense que faz a linha Natal-Nova Cruz-Natal.

professor também, porque ela falava com aluno e falava com professor, foi mais essa parte, peguei as férias dela, aí a gente ficou meio parado, a gente ajudava em outro setor.

Não tinha merenda também; só o almoço. O que me ajudava a passar o dia na Instituição.

Quanto a minha família o apoio vinha principalmente de “mainha”, ela me ajudou muito, muito, muito, o que eu consegui hoje, foi por causa de “mainha”, porque tive meu filho, fiquei aqui em casa e quando passei dois meses em casa, Dalvanize vinha e trazia uma atividade, o professor mandava por e-mail, e consegui ficar em casa fazendo as atividades, estudar, as meninas, as vezes, vinham, dava o caderno, pegava o assunto, copiava, quando deu dois meses, que acabou meu resguardo, decidi: “Não, vou ter que ir para a escola, não aguento mais ficar em casa”. Por que sempre fui assim, muito ativa, não aguentava ficar em casa sem fazer nada, “mainha” trabalhava de manhã, eu falei: “não vou passar o dia todo no IF, a senhora vai trabalhar, fico com o bebê, quando a senhora chegar vou estudar e volto, não trabalhei, fiquei só estudando, “mainha” passava a tarde com meu filho e eu ia só estudar, consegui de novo me adaptar, no segundo ano, no terceiro, quando chegou no quarto, foi que começou a pesar, ele já era mais grandinho, começou a dar mais trabalho, teve o TCC⁸ também e o quarto ano é bem pesado lá, eu tinha que estudar de manhã, as vezes, não conseguia por causa do bebê, chagava cansada, ia estudar a noite, ficava estudando até duas ou três da manhã, que era a hora que ele já ‘tava’ dormindo, assim foi, pra conseguir terminar, e no TCC foi o final de semana todo, eu dizia: “mainha” olha aí o bebê que eu vou fazer meu TCC, ela ficava, tipo agora, ela sempre pega ele pra não atrapalhar e eu ficava escrevendo, passei três finais de semana fazendo isso pra conseguir terminar. (Sobre essa parte da maternidade, após desligar o gravador, ficamos conversando e Beatriz falou mais um pouco sobre a sua gravidez, ela muito jovem, solteira e durante esse período teve momentos difíceis devido o apoio familiar ser maior da mãe que dos demais, principalmente o pai que ficou muito desgostoso em virtude do momento pois não esperavam essa gravidez, chegando Beatriz a ir para o IF, antes do horário previsto, até para se afastar desse clima em casa e distrair um pouco, porém após o nascimento do bebê, toda a família mudou e ela passou a ter o apoio familiar, inclusive do pai que voltou a falar com ela).

Com relação a turma, são meus amigos até hoje, a gente no primeiro ano foi bem, eles eram bem separados e eu já peguei eles na metade, passei já na metade do ano, (ela estudava no turno da tarde e mudou para o turno da manhã), aí foi bem difícil conseguir me aproximar, mas no segundo ano, principalmente com a SEMADEC⁹, a primeira SEMADEC que teve, a gente se

⁸ TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

⁹ Evento interno do Campus onde reunia diversas apresentações envolvendo atividades artísticas, culturais e esportivas.

aproximou muito, a gente ficou muito unido e tipo não foi só vivência no IF, a gente se encontrava depois, um ia para a casa do outro, as meninas sempre vieram para cá, principalmente depois que tive meu filho, e isso é uma coisa muito importante, porque eles me ajudaram muito, principalmente no chá de bebê que eles fizeram, ganhei tudo, tudo para meu filho, tudo! Não precisei arcar com nada, meu pai trabalhava também e eu tinha bolsa, mas precisava me sustentar lá, e ficava muito pouco dinheiro, assim consegui, tudo, tudo, tudo, foi uma ajuda muito boa, muito mesmo, tenho eles como pessoas próximas a mim, independente de IF, de todos eles eu gosto muito, pergunto, até hoje converso com alguns, teve alguns que se afastaram mais, mas converso com alguns, principalmente lá na UF, que o povo foi muito pra lá, só Niwanderson que foi para Maceió, e teve os meninos que foram para Paraíba. (Além do chá de bebê preparado pela turma, também prepararam o aniversário de um ano do bebê e novamente ele ganhou muitos presentes, dentre eles roupas e brinquedos).

Nesse último ano de IF além do TCC, entrei na universidade. Fiz o ENEM, pela nota que consegui, pensei: “Vou tentar contábeis que é o que gosto”, porque sempre tive muito..., eu não sabia o que queria, tipo, sabia que não queria medicina e sabia que não queria engenharia, aí ficou para eu saber o que queria? Pensei: “vou tentar contábeis porque é o que gosto”, pelo o que vi no IF eu gosto, tentei, passei, só que passei na segunda chamada, mas quando comecei o curso, pronto, foi amor à primeira vista!

Gostei muito, sabia que ia gostar desse curso, comecei, estou no segundo período agora, agora que minha vida está corrida, trabalho, saio de seis e quarenta e cinco, saio para o trabalho de seis e quarenta e cinco, venho para cá de meio dia para almoçar e volto de uma hora, saio às quatro horas, o ônibus sai daqui de quatro e meia, chego em casa, tomo banho, pego a comida e como no ônibus, estudo a noite e volto de meia noite.

Estudo na UFRN, lá em Natal, gasto uma hora e meia, uma hora e quarenta, dependendo do trânsito de Natal, para sair daqui pra Natal e depois voltar. Vou de ônibus escolar, de amarelinho como o povo chama. Chego por volta de meia noite, onze e cinquenta. E no outro dia bem cedinho acordo seis horas, saio umas seis e quarenta e cinco, as vezes dá um sono, mas... não consigo ficar, só tipo, só estudando, no primeiro semestre estudei pela manhã, morei lá em Natal, morei em Natal seis meses e só estudava, para mim era muito..., só aquilo, precisava fazer outra coisa, aí apareceu a oportunidade de trabalhar aqui, então eu mudei, vim morar aqui, fiquei mais perto do meu filho também, por que eu passava a semana toda longe dele, e isso estava pesando também e vim para cá de vez, estou trabalhando e estudando, por mais que é uma correria, prefiro assim do que não fazer nada, ficar só estudando e graças a Deus consigo conciliar, estou conseguindo conciliar. (Ela mudou seu horário de aula da manhã para noite).

Durante a maternidade, durante toda a gravidez o que eu pensava? Pensava que precisava continuar porque ter um curso era melhor do que não ter e eu precisava sustentar meu filho, então precisava ter o curso para poder ter um emprego um pouquinho melhor para poder sustentar ele, ajudar aqui em casa também, por que sempre fiz isso, comecei a trabalhar com 15, sempre trabalhei, sempre ajudei e ficar sem trabalhar era uma coisa muito difícil para mim, por que já era acostumada e tinha ele agora, que a responsabilidade é minha, por mais que a minha mãe ajude, minha família ajude, a responsabilidade é minha, sempre pensei nisso e mesmo assim, depois que eu estava em casa, depois que tive ele, eu... estudei até na segunda feira e tive ele na quarta, praticamente estudei até ter ele, comecei a sentir dor na segunda, estudei ainda na segunda, mas na terça não fui mais por que fui para o hospital, mas fiquei até ter, e fui para bolsa também, na segunda passei o dia, quando chegou de tardezinha foi que comecei a sentir dor, então “mainha” foi lá para Nova Cruz, a gente fez uma consulta, na terça feira foi que fui para o hospital e na quarta tive ele, sempre pedi ao povo para vir para cá, sempre perguntava a Dalvanize sobre as atividades, mandava e-mail para o professor, sempre fiquei atenta as provas, sempre tive um acompanhamento, não tive nenhum prejuízo, o povo dizia que eu ia atrasar um ano, que ia me formar com outra turma e me formei com a mesma turma, não tive nenhum prejuízo, consegui fazer as provas, consegui estudar em casa, pegava o assunto, fazia a prova e fazia a mesma prova que eles, só que fazia em casa com mais tempo, mas fazia a mesma prova, as vezes Dalvanize vinha, quando o professor mandava por e-mail, fazia aqui com ela, foi assim, mas não parei, não, nesse momento não pensei em desistir, pensei em desistir mais no primeiro ano, que foi um momento muito difícil, assim, para me adaptar, mas já havia decidido: vou conseguir e consegui me adaptar e no quarto ano? no quarto ano que era bem pesado, teve o TCC também, pensei em não fazer o TCC, aí o “povo”: “Vamos faz!” O apoio da turma toda foi muito importante. Quando não faz tu vai atrasar mais meio ano para apresentar esse negócio, vai faz, faz, aí eu fiz: é melhor realmente fazer, me livrar logo, conseguir logo o diploma do que atrasar, fiz, mas o primeiro e o quarto ano, assim, foi pra você desistir mesmo.

No final também, tipo assim, passei quatro anos aqui e agora o que vou fazer? Passei quatro anos aqui, tem gente que passa os quatro anos indo dia todo, quando acaba a gente vai fazer o que? Ai tem uns que ingressam logo na universidade, terminei em abril e só comecei a estudar em julho, passei esse tempo todo sem fazer nada, não, tem que fazer alguma coisa, comecei a trabalhar, trabalhei na farmácia da família aqui (de uma tia), para não fazer nada, mas você sente muita falta, por que lá, a universidade é como se fosse..., O IF é como se fosse uma mãe, você precisa de alguma coisa, tá ali, você precisa falar com outra pessoa, tá aqui, eles sempre lhe apoiam, lhe apoiam, lá na universidade não, lá é tudo assim, você que tem que ir atrás, as

vezes consegue, as vezes não, os professores não estão nem ai pra você e tipo lá (referindo-se ao IF) os professores lhe acolhem muito, muito, muito, as vezes, Chicão que foi um professor de lá, as vezes, quando eu estava grávida ele ia e comprava uma salada de fruta pra mim, por que ele dizia que eu precisava me alimentar, ai ele ia comprava...

E tudo um apoio emocional também. Passa da profissão. Qual o sentimento que tenho hoje em relação a esse sucesso alcançado? Essa vitória conseguir ir até o final do curso? Tenho orgulho, tenho muito orgulho de dizer: “não, eu consegui! eu estou aqui, meu diploma tá aqui, tenho muito, muito orgulho mesmo, mas de mim também por ter conseguido, por ter enfrentado dificuldades e tenho muito, como posso dizer? Agradecimento, por que não ia conseguir sozinha, teve minha mãe, teve os professores, teve os alunos, então agradeço muito a eles, tenho orgulho de ter conseguido mas tenho aquele agradecimento pelas outras pessoas ter me ajudado e fico muito triste também com as pessoas que não conseguiram, se eu pudesse, estava ali: “não desiste, já consegui, já passei por isso, vai passar”, porque, as vezes, a pessoa não tem contato e é muito triste, o povo que desisti, depois a pessoa se arrepende, quando a pessoa desiste: “ah, eu deveria ter continuado”, por que por mais que a dificuldade seja muito grande, é melhor você ter do que não ter.

Meu primo mesmo, ele passou por um..., por um processo..., teve uma depressão, não foi tão grave, mas ele teve, ele quis desistir e tal, eu disse: “não desista, isso vai passar”. Porque ele tinha muita dificuldade em matemática, eu disse: “peça para mudar de professor, com certeza lá eles vão mudar, por que eles lhe ajudam”, ele teve muita dificuldade com as provas, eu disse: peça para mudar de professor ou peça para você fazer uma prova separada lá na assistência social, que eu sei que eles vão fazer, vai ter algum jeito, mas não desista, por que você vai gostar, e ele: “não, não vou”; passou uma semana sem aula, comecei a conversar com minha tia, tia vá lá, fale com eles peça para mudar de professor, que eu sei que eles vão mudar, sei que eles vão ajudar, minha tia foi lá e conversou e tal, ele começou a se acostumar, agora pronto, está terminando já e continuou graças a Deus. Porque é uma coisa, é uma experiência muito boa lá, porque você não sai só com um diploma de técnico você sai com uma bagagem de vida, é uma experiência muito, muito grande lá, muito mesmo, não é só um certificado, certificado eu acho que é um dos menores deles, mas as experiências que você tem lá é muito forte.

Com relação ao curso, você se identificou com as disciplinas? Uso tanto na graduação, porque vejo matérias parecidas como no meu trabalho, porque trabalho num escritório, trabalho com imposto, com o que pode e o que não pode, essas coisas, folha de funcionário, então o curso foi muito importante tanto na graduação, que está me ajudando muito, como no meu

trabalho, vejo muita coisa, as vezes, pesquiso alguma coisa que sei que vi mas a pessoa não lembra, aí a pessoa vai lá, pesquisa, vê, principalmente as matérias técnicas, o que tenho assim... é... o que eu queria que, as vezes, mudasse no IF, é as matérias do ensino médio mesmo, porque para você fazer o ENEM você precisa, tipo assim, você só vê química, física em dois anos, então isso eu acho muito... é o mais puxado de lá que você vê três anos em dois, as vezes, dá aquela puxada mesmo, e não é só uma matéria são várias matérias adiantando o conteúdo e você fica sem saber o que fazer, você tem que realmente se dedicar só aquilo, tem gente que não consegue trabalhar e estudar, tem que se dedicar só aquilo mesmo, eu ainda consegui me adaptar e estudava a noite.

Rotina eu não tinha, mas passava o dia estudando, as vezes, quando o conteúdo era mais pesado, passava a noite estudando, aí acontecia que eu estava mais cansada, ia dormir, mas sempre um dia ou outro estudava e no final de semana, também sempre estudava, tirava o final de semana para fazer atividade, acho que essa era a rotina, final de semana fazia as atividades que tinha para fazer, e a semana ficava mais leve para estudar, só quando aparecia uma atividade que tinha que entregar na semana ainda que tinha que fazer durante a semana, eu preferia fazer no final de semana, que a semana ficava mais leve para você aprender mais conteúdo, porque se você não aprendesse naquela hora, na hora da prova você não ia conseguir aí você tinha que aprender logo, que estudar logo, fazer um exercício para saber daquilo logo, principalmente no segundo ano que tive muita dificuldade no primeiro, tive que me adaptar mas no segundo, tentei mais e consegui nivelar com o povo.

Fiz dois artigos, fiz um artigo que falava sobre a condição feminina em Mafalda¹⁰, o que Mafalda mostrava sobre a condição feminina e fiz outro que foi na área de administração mesmo mas esse não publiquei, esse de Mafalda publiquei e foi aprovado em Pau dos Ferros/RN e aprovado em São Luiz/MA no CONNEPI¹¹, fui apresentar nos dois lugares, apresentei em Pau dos Ferros e lá a gente passou uns três dias e apresentei em São Luiz, lá a gente passou uma semana, lá no evento, no CONNEPI, em São Luiz, lá apresentei esse artigo que falava da condição, de como Mafalda retratava a condição feminina, por que tinha muitas tirinhas que ela criticava a mãe, pela mãe que só lava louça, essas coisas, então peguei algumas tirinhas e fiz o artigo falando sobre a condição feminina, usei muito Simone de Beauvoir¹² também para falar

¹⁰ Mafalda: personagem das tirinhas infantis criada pelo cartunista Quino em 1964.

¹¹ CONNEPI – Congresso Norte e Nordeste de pesquisa e Inovação, evento anual promovido pela Rede Norte Nordeste de Educação Profissional e Tecnológica e pela Secretaria de Educação Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação.

¹² Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

sobre esse artigo, é um artigo bem feminista. Por mais que as tirinhas de Mafalda foram feitas em... algumas foram feitas em 1980, procurei pegar umas bem antigas e isso se retrata até hoje, foi esse o trabalho que graças a Deus apresentei e foi muito boa a experiência também do IF levar a gente, conheci Pau dos Ferros, conheci São Luiz, que mal tinha saído do Rio Grande do Norte e fui para o Maranhão apresentar um trabalho também.

O Instituto nos levava. É uma porta muito ampla, você lá, com certeza vai seguir um caminho, eles sempre dão oportunidade. Um momento em que pensei em desistir também foi quando Alis morreu, quando ela morreu fiquei: “não vou aguentar mais ficar aqui”; mas a gente vai se ajudando, foi se apoiando, a gente passou por isso. Alis era uma colega que estudava com a gente, ela era muito próxima, era minha melhor amiga, tinha eu, Elielson, Mara e ela, a gente sempre eram os mais próximos, ficava sempre nós quatro e tal, aí ela morreu num acidente de carro, isso foi um impacto muito grande, mais aí a gente foi se ajudando e conseguiu.

A turma naquele momento ficou mais triste, mas a gente se uniu muito, se a gente não se unisse a gente não ia conseguir. É muito bom contar essas coisas, que a pessoa lembra, às vezes, fica esquecido e daí quando você para pra lembrar, lembrar de tudo que passou mesmo...

- Carla: O gosto pelos estudos em prol da realização de um sonho

Sou Carla, moro em Mandu¹³, estudei a minha vida inteira em escola pública, numa escola municipal que tinha no meu interior e quando terminei o ensino fundamental aqui tinha que ir para uma escola estadual, que ficava na cidade de Lagoa de Pedra, que era para fazer o ensino médio já, passei dois anos lá, fiz o primeiro e quando ia acabar o segundo ano e ir para o terceiro, dois amigos que moravam no mesmo interior que eu perguntaram se não queria fazer a prova do IFRN que ia abrir e nunca tinha ouvido falar do IF, na verdade, dizia que não ia fazer porque já tinha tentado fazer a prova da Escola Agrícola de Jundiá e sempre perdia a inscrição ou acontecia alguma coisa que não conseguia ir fazer a prova, então, falei: “ah, vou fazer a inscrição mas nem vou fazer essa prova”; a gente conseguiu um carro para ir fazer a prova, mas antes tive que escolher o curso; lá só tinha duas opções, que era informática e Administração, como eu não tinha muito contato com computadores e também achei que seria um pouco mais difícil, por conta de onde eu morava não ter acesso a internet ou algo do tipo, vi já uma barreira, então migrei para Administração porque achava que ia ser mais fácil e não por ter algum tipo de identificação com o curso; a gente arrumou um carro para ir fazer a prova, e acho que no caminho a gente foi até falando qual era o tipo de redação que ia cair e por incrível que pareça eu chutei que ia cair uma carta e realmente caiu uma carta, só que nenhum de nós sabia fazer e fomos falando no caminho como era que íamos fazer e tal e deu certo. Saiu o resultado da primeira fase, eu tinha me saído muito bem, tinha ficado acho que entre os cinco melhores colocados na lista geral, por que tinha pontuado muito em português e tinha me dado muito mal em matemática, mas quando saiu a segunda fase que era depois da redação, tinha caído bastante e já não estava mais na lista geral, estava na lista diferenciada, mas ainda tinha passado em décimo segundo ou décimo primeiro lugar e na verdade, nem ia começar a estudar no IF, porque a gente tinha falado com o prefeito e o secretário de educação e eles disseram que era inviável disponibilizar um carro só pra ir deixar a gente de tarde, porque a gente tinha combinado de colocar os três no mesmo curso e no mesmo horário, porque se desse certo a gente dava um jeito e ia os três juntos e também tinha uma outra menina que morava em Natal, que tinha feito para lá e só depois que a gente passou que tomou conhecimento e ajeitou com ela pra ir também; como a prefeitura não ia disponibilizar me vi de mãos atadas porque minha família não tinha condições de pagar o valor do transporte, e acho que o transporte ficava em R\$ 180,00, cento e alguma coisa e para levar daqui de Mandu até Nova Cruz por mês eu não tinha como conseguir, porque minha mãe era doméstica e meu padrasto não trabalhava de carteira assinada ainda e

¹³ Mandu – Distrito do município de Lagoa de Pedras.

meu pai não contribuía com ajuda financeira, contribuía com um valor muito pequeno e eu também não poderia exigir dele por que ele trabalha na agricultura e não tem renda certa; fui fazer a matrícula contra a vontade da minha mãe, porque ela dizia que eu já ia para o terceiro ano, já estava perto de acabar e não sei o que, e eu começava a dizer a ela que não ia terminar lá, porque não queria ter o mesmo final que todas as outras pessoas que via aqui, porque na minha cidade as pessoas tinham o ensino fundamental, o ensino médio eram, “Oh! As pessoas que tiveram o maior sucesso!” E elas paravam naquilo. Paravam no ensino médio e ficavam morando com os pais, depois arrumavam um namorado, casavam logo, ficavam cheias de filhos e eu não queria de jeito nenhum estar incluída naquilo, nunca pensei em ser aquilo, se eu continuasse; pesei as coisas e vi que quem tinha terminado lá no Estadual, não conhecia ninguém que estava na Federal, ninguém que estava na UF ou ninguém que fazia faculdade, não conhecia, pelo menos as únicas pessoas que eu conhecia de Lagoa de Pedra que estavam numa faculdade era o pessoal da Escola Agrícola de Jundiaí e um colega meu que tinha terminado o ensino médio e jogaram ele para ensinar lá na minha sala, que era uma pessoa que admiro muito e me espelho muito que ele conseguiu por mérito dele mesmo, estudava em casa sozinho, esforçava, virava a noite estudando que era para conseguir passar na UF porque ele dizia que o ensino dali se você parasse ali não ia conseguir nada e lá eu sempre tirava nota muito boa mas nem precisava me esforçar, mas o IF, via o IF como uma oportunidade de conseguir aquilo que não ia conseguir no Estadual e também uma oportunidade de ter um ensino de qualidade que me proporcionasse, me desse a possibilidade de fazer uma faculdade, uma boa faculdade, um bom curso para que eu conseguisse ajudar a minha família no futuro, como eles não tinham conseguido me ajudar e também porque na minha família eu não conhecia..., só conhecia uma prima que tinha um ensino superior e coloquei na cabeça que ia mostrar para todo mundo que era possível, se tivesse força suficiente para continuar nada ia lhe impedir; minha mãe começou a dizer que não tinha como pagar o carro para eu ir, então fiz a matrícula mas precisava levar o histórico homologado e acabei não levando o histórico porque já chorava noite e dia dizendo que não tinha como ir; minha madrinha, que é mãe de Emerson e o pai dele, na verdade, disseram que enquanto eu não conseguisse alguma coisa para ..., algum tipo de bolsa, um estágio, alguma coisa, eles custeavam uma parcela da viagem e minha mãe dava um jeito de conseguir a outra, mas minha mãe disse que mesmo dando metade ela não conseguia, ela não ia conseguir e eu meio que entendia a parte dela e toda noite ficava rezando, pedindo a Deus e dizendo que ele me desse o que eu precisava e não o que eu mais queria, porque eu queria muito ir para o IF mas se não fosse aquilo que precisava eu ia entender com o tempo. Emerson e Ana foram deixar o histórico homologado e pediram para levar o meu, eu disse que

não ia mandar porque não ia estudar lá mesmo; eles foram, conheceram Jordana de algum jeito e ela levou eles para falar com o professor Assis que era o Diretor na época, Diretor-Geral na época; o professor Assis disse que eles pedissem para eu ir lá que eles tinham um programa de iniciação profissional e eles não podiam, na verdade eles não podiam permitir aluno novato entrar no programa mas eu era um caso à parte e que ele ia conseguir a bolsa; os meninos falaram comigo e eu: “Vocês são loucos!” (risos) Fui, levei o histórico, professor Assis disse que a partir do primeiro dia que pisasse os pés no IF eu já estava com a bolsa, a bolsa nesse tempo era de R\$ 240,00, era o dinheiro que eu precisava para custear as passagens e custear alimentação ou algum material de estudo; o que eu precisasse e minha mãe ficou muito, muito feliz, porque ela sabia que eu queria muito ir mas que ela não podia contribuir e mesmo com o dinheiro, lembro que ficava indo de carona com as prefeituras no primeiro ano porque só pagava..., o carro ficou muito caro mesmo sendo para quatro pessoas e a gente só pagava o carro de Santo Antônio para Mandu e de Nova Cruz para Santo Antônio; vinha de carona no ônibus de Santo Antônio, sempre veio de carona no ônibus de Santo Antônio e de manhã eu acordava cinco horas da manhã e pegava uma carona com um senhor que vinha entregar pão no mercadinho da minha madrinha, que é a mãe de Emerson, a gente falou com ele, e ele dava carona até Serrinha que é uma cidade que fica a sete ou oito quilômetros daqui; de Serrinha ia de carona com o ônibus da prefeitura de Serrinha que a minha tia mora em um município de Serrinha e a minha tia foi na secretaria de educação e deu meus dados lá, dizendo que eu e Ana estava morando com ela, que era para gente ter direito a ir no ônibus e Emerson disse que estava morando com a tia, só que era tudo mentira (risos), era para gente ter direito a ir; teve um tempo que proibiram a gente de ir no ônibus de Santo Antônio por que já estava vindo bem cheio e eram quatro pessoas e vinha ocupando o lugar de quatro outros alunos, quando foi em 2013, de 2013 para 2014, se não me engano, teve eleição, o prefeito, nunca nenhum candidato tinha vindo aqui na minha casa, minha mãe falou que não tinha nenhum candidato para voto a prefeito da cidade porque quando eu..., a única vez que ela precisou tinha sido quando eu precisei do transporte escolar e ninguém se disponibilizou, eles colocaram mil empecilhos, sendo que era direito, era obrigação da prefeitura fornecer transporte, e ele disse que se ganhasse, não ia prometer nada, mas se ele..., que era uma obrigação que ele tinha de oferecer transporte para aquelas pessoas que estavam procurando educação de qualidade e em um outro lugar, porque sabia que no município não tinha; no primeiro dia do mandato dele, ele já entrou em contato com a gente e já colocou o carro, só que esse motorista do carro, ele não queria ir até Nova Cruz, porque ficava realmente bem puxado o valor do combustível para prefeitura; a gente continuou vindo de carona, as vezes, outros dias ele ia buscar; teve tempo que parou de custear,

a prefeitura cessou o transporte, a gente contratou o mesmo cara que ia, que ficava indo com a gente para pagar e ficou vindo e indo e de carona, era bem difícil para gente, bem puxado porque passava o dia inteiro no IF, acordava de cinco horas da manhã, me arrumava, seis horas pegava o carro da prefeitura, ia para..., isso quando já não estava mais nas caronas, porque quando estava nas caronas era bem pior, acordava de cinco, pegava um carro até Serrinha de carona de cinco e meia, esperava o ônibus da prefeitura de Serrinha de seis e meia e ia para Nova Cruz, quando era a noite, ficava na aula até..., ficava na bolsa de manhã, almoçava, tinha aula a tarde até as seis, de seis e vinte, seis e meia o ônibus de Santo Antônio vinha e a gente ia até Santo Antônio e de Santo Antônio pegava um carro para cá; chegava em casa quase sete e meia, quase oito horas da noite, eu só tinha ânimo de tomar banho, jantar e ir dormir, porque precisava acordar cedo no outro dia e foi essa peleja, bem, bem durou os quatros anos de IF e no quarto ano piorou um pouquinho porque quando foi nos dois últimos bimestres eu tinha que me dividir entre o IF e a UF, já tinha começado, foi o período que basicamente não dormia e também a prefeitura de Lagoa de Pedras não estava dando transporte para Natal porquê da UFRN só tinha basicamente, só tinha eu a noite e uma menina pela manhã, era inviável eles darem porque as outras duas ou três pessoas já moravam em Natal e o resto eram todas pessoas de escola particular, de universidade particular, o jeito que vi de não perder o curso foi ir duas ou três vezes por semana e nessa de ir duas ou três vezes por semana vinha assistia só os dois primeiros horários em Nova Cruz; tentei me esforçar ao máximo até o terceiro bimestre que era para estar com notas boas e ter passado já nas disciplinas porque sabia que no quarto bimestre ia estar na UF, de algum jeito, em algum curso, mas ia estar na UF, então eu vinha por Nova Cruz, ia para Passagem, para casa de José, da casa de José pegava um ônibus que era da prefeitura de Passagem, a mãe de José disse também que eu estava morando lá, porque sempre fui abrigada na casa dos outros; ia para UF no ônibus de Passagem, voltava, chegava na casa de José de meia noite, dormia, para acordar de cinco horas da manhã de novo e voltar para o IF e nesses dias eu não vinha pra casa, mal via minha mãe ou então a outra possibilidade de chegar era vir no de Nova Cruz para Santo Antônio, pegar outro ônibus de Santo Antônio para Lagoa de Pedras e em Lagoa de Pedras pegar o ônibus da prefeitura, isso já em abril de 2016, quando as particulares começaram então eles deram o transporte, sendo que eu sempre ficava recebendo piada dentro do ônibus porque eu era do interior e o pessoal de Lagoa de Pedras se achava a última coca-cola do deserto; como eu vinha desesperada do IF para Lagoa de Pedras para pegar o ônibus, as vezes, não dava tempo tomar banho, vinha descabelada do jeito que estava, ficavam dizendo piada por conta do meu cabelo, depois ficavam dizendo piada porque eu era do sítio, dizendo que as meninas do sítio eram tudo feia e que não sei o que, que eram burras e as vezes,

como eu estudava a noite, tinha que pegar o circular ainda, atravessar a passarela e ir pra AGAÉ pegar, porque o ônibus não ia me deixar nem me buscar dentro da universidade, as vezes, chegava atrasada e ficavam soltando piadas, dizendo que o motorista só esperava quem era da UF e não sei o que, porque ficavam me bajulando, me bajulavam porque eu era da UF, e não sei o que; nunca fui de brigar, também só sentava no meu canto e ia, pedi até pelo amor de Deus a minha mãe para não me deixar ir mais naquele ônibus, aí me inscrevi..., porque o resultado da residência estava demorando muito e eu já tinha perdido as esperanças também e, ah! No primeiro ano sofri bastante porque eu não estava acostumada com o ritmo do IF e com a dinâmica que eles tinham, quando foi no primeiro bimestre eu tive nota..., principalmente em matemática, passei o ano todinho, tirando nota, não era nota baixa, abaixo da média mais era seis, seis vírgula dois, seis vírgula três, a nota mais alta que consegui foi seis vírgula sete em matemática e em filosofia quase fui reprovada, falei... “gente, pelo amor de Deus!” não sou assim não, não sou inteligente mas sou esforçada, próximo ano vocês vão ver vou mudar tudo isso, quando foi no outro ano nas primeiras matérias já consegui pegar o ritmo no segundo bimestre e “meti o pau” a estudar mesmo, porque eu tinha a bolsa de iniciação profissional e ficava de manhã, tinha alguns momentos que conseguia estudar e as vezes, conseguia a noite e me reunia com Ana e com Mersinho para estudar porque eles moravam na mesma cidade que eu e fazia o mesmo curso e a gente ficava estudando juntos, no segundo ano consegui acompanhar bem e sempre tentei ter um bom desempenho porque, os bolsistas são obrigados a terem um bom desempenho por conta da bolsa e também porque sou uma pessoa muito dedicada, que disse, digo, costumo dizer que tem dois tipos de pessoas, as pessoas inteligentes e as pessoas esforçadas, se as pessoas inteligentes não se esforçarem o mínimo possível, elas não vão obter nada na vida delas, pode ter a inteligência que for, já os esforçados, podem ser até burros, mas eles são até esforçados que vão ser recompensados de alguma forma, não importa qual, mas um dia eles vão ser recompensados de alguma forma, nem que seja com um brinde, mas vão ser recompensados, e sempre quis estar, ah! sempre queria estar no grupo dos esforçados porque não me considerava inteligente, tinha alguns professores da minha época, que diziam que eu era muito inteligente, quando minha mãe ia para as reuniões, ela também quase nunca ia porque não tinha como voltar, era muito ruim de carro, as vezes, ela ia com a mãe de Emerson, as vezes, conseguia carona com algum pai que era de Santo Antônio ou alguma coisa, era difícil ela ir para as reuniões e ela sempre gostava muito de ficar... ela ficava até sem jeito, porque os pais de outros alunos eram todos muito chiques, muito elegantes e minha mãe era tão simples, era uma das que mais recebia elogios, ela ficava sem saber o que fazer porque via o pai de uma colega minha que o professor tinha ido comentar com ela o

péssimo rendimento dela e minha mãe ficou: “mas minha filha, tão simples, ter um rendimento assim tão bom”, mas é porque eu queria sempre mostrar a ela que tinha valido a pena ter largado o Estadual no finalzinho do ensino médio e ter começado do zero, porque o maior medo dela era eu ter largado o ensino médio no final para ter começado do zero e eu dizia a ela que para conseguir..., que eu não estava pensando a curto prazo, estava pensando a longo prazo, que tinha começado tudo de novo, mas tinha começado tudo de novo com qualidade, porque coisas do tipo, estava lá fazia dois anos no Estadual e o que eu tinha visto lá, vi num dia de aula, mais ou menos no IF, e foi muito, muito bom, uma experiência maravilhosa o IF, foi muito engrandecedora, tanto na vida acadêmica, as possibilidades que ele me deu de participar de congressos, de viajar, de conhecer pessoas, de saber como é a dinâmica de outros IF, de outros IF no RN, de outros IF no Brasil, esse contato foi muito bom e também da formação pessoal, do conhecimento crítico que ele me possibilitou, que hoje a gente vê esse cenário político e econômico do Brasil, tem pessoas que ficam abismadas, não sabem nem, meio que... não querem se envolver, acho tão engraçado porque eu e Lídia ficamos sempre debatendo, e fazendo críticas, sim, e fica julgando o que é? Esse legado sim que eles deixavam de você ficar incomodado e ir buscar conhecimento a todo momento para não ser uma pessoa leiga e não deixar de ser enganado por alguém.

Em meu primeiro ano, comecei bem, porque já comecei com dois amigos na sala que era Emerson e Ana (risos) e sempre fui uma pessoa muito, muito cativa, e consegui fazer amizade rápido com as pessoas, mas no primeiro ano eles eram muito na deles e eram pessoas de uma realidade completamente diferente da minha, as pessoas que eu mais consegui contato foi com Taynara, José, que tinha uma história razoavelmente parecida com a minha, Eliel, eu falava com quase todo mundo da sala mas esse contato mesmo eu tinha com pouquíssimas pessoas e com Taynara era por que é..., como eu falei eu tinha muita dificuldade para esse negócio de computador, programa office, nosso meu Deus! Eu não sabia o que era um *powerpoint* e Taynara vinha de uma escola particular que exigia isso e ela tinha muita habilidade, mas ela não sabia falar em público que ela era muito tímida então a gente montou, fez um grupo que ela conseguia passar esse conhecimento para nós desse negócio básico de mexer em computador e tal e a gente ajudava ela para se expressar melhor, terminou o quarto ano que ninguém..., se você pegasse a Taynara do primeiro ano e pegasse a do quarto ano, você não dizia nunca que era a mesma pessoa, completamente diferente e no segundo ano, estava mais de boa, todo mundo era amigo de todo mundo, no terceiro, do segundo para o terceiro, teve alguns problemas na sala, a sala ficou bem dividida, era muito egoísta, muito egoísta mesmo, tinha caso de grupo sabotar grupo em seminário, do segundo para o terceiro ano foi

bem pesado mesmo, a gente recebeu muito sermão, acho que no segundo ano a gente foi considerada a turma problema do IFRN Nova Cruz, a turma de Administração da tarde, (suspiro) quando foi no terceiro ano teve a morte de Alis e a gente ficou sem chão, quem tinha um pouquinho mais de força foi dando apoio ao outro, (voz um pouco trêmula, sentida), mas na verdade ninguém mais tinha força, ninguém mais tinha condição nenhuma de continuar, foi assim, um momento em que o *Campus* se mobilizou para tentar salvar uma turma inteira porque a gente não queria mais ir para aula, os professores não sabiam como dar a aula, porque quem estava era só de corpo presente e foi um trabalho, um trabalho bem pesado para o *Campus*, mas costume dizer que a gente renasceu das cinzas mas porque um apoiou o outro, a turma em si quis voltar a viver e no quarto ano estava todo mundo muito unido, amorzinho, era muito bonitinho de ver, porque todo mundo falava com todo mundo de novo, todo mundo ajudava todo mundo, mas a gente ficava se questionando até quando aquilo ia durar? Por que tinha que ter acontecido só depois da tragédia que aconteceu? Depois foi só planejar viagem, formatura, planejar aula da saudade e hoje meio que todo mundo, a maioria está afastado de todo mundo porque tomou caminhos diferentes, outros estão na particular, outros estão na Federal, outros não conseguiram nada estão trabalhando, outros estão estudando ainda para conseguir alguma coisa, eu mantenho contato basicamente com poucos, tenho muito contato..., procuro sempre manter contato com Brenda que foi uma pessoa que no primeiro e no segundo ano morria de medo de Brenda, porque ela era do ônibus de Santo Antônio, ficava fazendo terror porque a gente ia de penetra, ela e Ana Paula ficavam fazendo terror (risos), mas hoje está de boa, procuro sempre ter contato com uma maioria pelo menos, sempre fico perguntando como é que eles estão? O que eles estão fazendo? Mas como ficam com a vida bem corrida, a gente nunca conseguiu fazer um reencontro com todo mundo.

A gente pensou que como tinha terminados muito unidos no quarto ano o afastamento não ia acontecer, porque a gente até vê em outras turmas que eles conseguem e a gente fica se questionando e se culpando, muitas vezes, por que isso não aconteceu com a gente? Mas foi muito bom, cresci muito, muito com eles, sempre gostei muito de lidar com pessoas, e lá era um ambiente perfeito para lidar com vários tipos de pessoas, desde os mais calados, os mudos, até as que falavam demais, eram extrovertidos demais e os intermediários, que eram bons em fazer uma coisa, mas não era em outra e eu sempre estava rodando em todos os grupos.

Como estudava? Estudava durante a bolsa, as vezes, sempre que tinha tempo estudava no horário da bolsa, mas estudar mesmo, estudava quando chegava em casa, mesmo cansada, tinha que estudar pelo menos uma hora, duas horas, ia dormir tarde por conta que estava estudando, minha mãe apagava..., eu pedia para minha mãe apagar todas as luzes e deixar só a

luz da cozinha acesa, porque no meu quarto não podia deixar a luz acesa porque tinha a minha irmã, ficava estudando na sala ou estudando na cozinha, já teve dia de minha mãe acordar de madrugada e eu estar dormindo em cima dos livros (risos), quando era final de semana ficava estudando, me trancava na garagem que era o canto mais calado que tinha, ia para o quintal ficava debaixo dum negócio de bananeira que tinha, que eu achava ótimo que fazia sombra, tinha vento, minha casa é muito quente e ficava lá, montava uma mesinha improvisada e ia estudar, no final de semana que ia para casa de meu pai levava os livros, não tinha computador em casa, se eu quisesse fazer algum trabalho no final de semana ou a noite tinha que ir na casa de Emerson para fazer ou ia ter que ir numa *LAN House* para fazer, só que a *LAN House* era muito cara e eu acabava deixando, fazia os trabalhos por último, nem fazia! Acho que foi no terceiro ano, tinha juntado um dinheiro da bolsa e comprei um computador que facilitou mais, comprei um *notebook*, ai facilitou mais, o que eu conseguia fazer sem internet, tipo apresentação em *powerpoint*, algum arquivo no *word*, algum arquivo no *excel*, a gente trabalhava muito por conta das disciplinas de cálculo que pagava, de custo, contabilidade usava muito, facilitou bastante, também antes, Ana tinha comprado um antes de mim, acho que ela comprou no segundo ano, eu já fazia com ela, porque Emerson tinha brigado com a gente e não falava mais, foi bem difícil na época que ele não falava.

A turma estava desunida. Ele não falava com a gente, a gente foi se virando, foi do jeito que deu, eu realmente estudava..., considero que estudava pouco para o que eu queria mas tentava estudar ao máximo que conseguia mais não tinha tempo, a oportunidade que tinha pegava alguma coisa para ler, algum material, gastava muito tempo nos ônibus, se fosse de dia conseguia ir estudando alguma coisa, tive que desenvolver a habilidade de não ficar bêbada durante a viagem para ver se conseguia dar conta, para ver se conseguia dar porque só o tempo que ficava em casa não ia dar certo, o tempo que passava na bolsa, dependendo do setor que passei, teve setor que passei que era impossível, impossível estudar e fui me virando como deu.

Os quatro anos fui bolsista de iniciação profissional. Alimentação... O almoço a gente tinha no IF por conta da bolsa, porque os três eram bolsistas, mas café da manhã, tomava café da manhã correndo, minha mãe acordava bem cedinho para ir comprar pão, para eu comer alguma coisa, e com o dinheiro da bolsa eu comprava biscoito, pipoca, o que era mais barato de levar e mais fácil, e levava na mochila para comer e ou levava fruta, o que tivesse em casa que conseguisse levar eu levava.

Para alcançar este êxito, esse sucesso escolar, o que não deixava eu desistir? Um, deixa eu ver... é por que já tinha sido muito difícil conseguir e pensava que estava tomando a vaga de outra pessoa que podia querer estar ali, e essa pessoa tinha um objetivo e eu tinha que fazer essa

oportunidade valer a pena, por que como falei, não tinha ninguém na família que tivesse o ensino superior e todos se limitavam ao mesmo destino ou destino parecidos e eu queria mostrar que era possível aquilo acontecer, queria mostrar tanto para as pessoas da minha família, queria servir de exemplo para as minhas irmãs, porque como sou a mais velha e sempre as mais novas se espelham na mais velha e já que era para se espelhar em mim, era para se espelhar nisso, queria que elas se espelhassem nisso, que hoje a gente só consegue alguma coisa com educação, porque com educação a gente tá!, a gente sente dificuldade de arranjar um emprego ou de ter uma vida de sucesso, imagina se você não tiver e eu sempre quis isso, queria alcançar alguma coisa pelos meus méritos e vi na, no IF uma possibilidade de conseguir isso através dos estudos; E ficava... pensei muitas vezes em desistir, realmente, porque não tinha tempo de estudar, ficava com medo de ter desempenho baixo e também mal dormia, ficava igual a um zumbi, semana de prova a pessoa passava por mim e falava comigo e eu era capaz de não responder porque basicamente não tinha vida social, me limitava a ficar trancada em algum lugar estudando, mas sabia que em algum momento ia ser recompensada porque estava sendo esforçada, estava abrindo mão, digo: “abro mão disso hoje para ter outra coisa no futuro!”, estava abrindo mão de vida social que nem tinha tanto..., mesmo que quisesse não ia ter tanto vida social porque eu morava no interior e não tinha nada para fazer, mas eu deixava de sair para conversar com meus amigos ou estar dormindo, ou estar com minha família fazendo alguma coisa, para estar estudando mas hoje tenho a recompensa, estou numa das melhores faculdades do país que é disputadíssima, bem dizer tipo no Brasil e no mundo, estou em um curso que me dá um leque de oportunidades muito bom, não era realmente o que eu queria mas nunca me decidi sobre o que eu queria da vida (risos), mas que já me dá um leque de possibilidades fica bem mais fácil para mim, porque quero muito dar uma vida melhor para minha família, muito, muito mesmo, ficava dizendo..., que era..., o pessoal que estudava comigo queria cursos que tem uma rentabilidade muito grande porque eles querem ser ricos e não sei o que, mas sempre pensei bem menor, não sei se isso é um problema mas, sempre pensei bem menor, “Ah! gente, não quero isso não, não tem para que, quero só ter uma vida com conforto, uma vida razoável, quero dar para minhas irmãs o que não tive na infância, quero dar para minha mãe o que ela não teve ao longo da vida”, só queria isso, mesmo que não tivesse mais nada para mim, mas se eu tivesse para elas eu daria, se hoje me esforço, se me esforcei durante o IF (voz emocionada) é porque queria dar uma vida melhor para minha família, sempre pensei isso, porque a minha mãe também, a minha mãe não teve oportunidade de estudar, quando foi ao ensino médio, já em idade adulta, porque ela morava aqui também, mas como era a um tempinho atrás, aqui tinha uma mentalidade muito minúscula de que quem estudava..., quem saía do sítio para estudar na

cidade ia se perder na vida e não sei o que, e então minha avó proibiu minha mãe de fazer o ensino médio por conta disso e minha mãe só veio concluir o ensino médio depois que já estava casada com meu pai, já estava com..., já me tinha e ao longo do ensino médio teve minha irmã, assim, concluiu também com muita peleja mas concluiu o ensino médio, e eu estava tendo uma oportunidade ali batendo a minha porta e eu não podia deixar a oportunidade ir embora, queria ver o que ela ia me dar, sempre quis isso, a minha motivação veio disso, veio da possibilidade de dar uma vida melhor para minha família e a oportunidade de conhecer um mundo que não tinha acesso nenhum, não tinha acesso as coisas que o IF me proporcionou, não tinha nenhum acesso as coisa que a UF me proporciona e tento usar essas oportunidades da melhor forma possível, tenho que extrair o máximo, hoje, na UF vejo tantas possibilidades que nem consigo, “meu Deus! Vou extrair de onde?” Fico tão perdida que acabo não extraindo nada, mas continuo me culpando por isso, tenho que aproveitar porque já vai fazer dois anos bem dizer que estou lá, um ano e meio que estou lá e não participei de eventos que era do meu próprio setor, não participei de congresso, que se eu quiser continuar na vida acadêmica de Administração, na vida acadêmica tenho que começar a produzir, “meter o pau” para ter publicação e ao mesmo tempo não quero. Esses dias sai do estágio, falei para minha mãe que prezo muito por uma boa convivência e um bom relacionamento com as pessoas, um clima organizacional legal para poder trabalhar e não via isso no Estágio.

Minha relação com o curso... Administração é um curso muito abrangente, porque o administrador tem várias competências e trabalha com muitas áreas, durante o curso vi áreas de cálculo, áreas de gestão de pessoas, tinha área de produção e de alguma forma fiquei tentando: “gente estou aqui, tenho que me identificar com alguma coisa, vamos lá, e vi que a área de gestão de pessoas era muito boa, tinha muito a ver comigo, tinham áreas que eu achava muito boas como a área de *marketing*, sempre achei fabulosa a área de *marketing*, mas sabia que não tinha habilidade para aquilo, mas até que consegui desenvolver alguma coisa, e quando fui pensar num curso superior para fazer, pensava em fazer teatro, só que o lado racional falou mais alto e fiz: “gente, assim, tenho que dar uma vida melhor para minha família, o teatro não vai dar agora, vamos para outro curso que dê uma possibilidade de estabilidade”, então como Administração era um curso que eu já tinha me identificado por causa do técnico optei por fazer Administração e me ajudou muito porque hoje quando os professores passam algumas atividades de uma disciplina, você já tem pelo menos uma base ou um norte e facilita bastante e tem outras que não tem tanto a ver mas consigo fazer uma ligação com um outra disciplina que paguei no passado, nos primórdios da terra lá no IF e consigo fazer.

Hoje depois dos problemas que tive com a ida no ônibus da prefeitura por conta das piadinhas e tal, consegui residência, saiu o resultado da residência em abril do ano passado, fui deferida e hoje moro com três meninas que estudaram comigo no IF e isso é muito bom porque começar sozinha lá na residência é um choque muito forte de realidade, é uma vivência muito diferente, hoje moro na residência e fico vindo para casa um final de semana no mês, no primeiro ano eu conseguia vir mais vezes, mas esse semestre está bem apertado para mim, estou pagando sete disciplinas e são disciplinas bem pesadas, muita disciplina de cálculo e está bem puxado, a oportunidade que tenho, estou estudando porque nesse semestre estava estudando de sete e minhas aulas..., consegui fazer a permuta, sai da noite para ir para manhã, porque como a prefeitura de Lagoa de Pedras não dava o transporte, tentei colocar de manhã porque eles davam o ônibus de manhã mas era só no período que tinha aula no particular, coloquei para manhã por conta disso e porque era muito perigoso voltar para a residência a noite, que minha aula terminava dez e quinze e não tinha mais circular e tinha que ir a pé, consegui a permuta e desde o semestre passado estou de manhã, esse semestre estou de manhã, estudo de sete a meio dia e meio, vou almoçar, estava no estágio, eu tinha que começar no estágio de uma hora e ficava no estágio de uma até sete da noite, perdia a janta no R.U.¹⁴, porque a janta no R.U. é até sete horas, em um mês perdi mais de dois quilos e faço acompanhamento médico, e o médico falou que aquilo era inviável para mim, porque estava deixando mais ou menos de viver, porque ficava estudando até meio dia, tinha meia hora, tinha um intervalo de meia hora para almoçar, descansar, chegar no estágio, ficar no estágio até sete, ia para residência, fazia alguma coisa para jantar, tomava banho, era quase nove horas da noite, estava tão cansada que não conseguia estudar, e quando conseguia estudar ficava até duas horas da manhã estudando e tinha que acordar de seis horas para ir para aula de novo, quando foi essa semana pedi para sair do estágio mas já consegui uma bolsa de apoio técnico, só que nessa bolsa vou ter mais oportunidade de estudar, porque são só quatro horas de bolsa e o coordenador de lá já falou comigo dizendo que eu posso levar meu material para estudar porque eles têm uma demanda ociosa e mesmo que tenha aluno lá, aluno para eu ficar olhando, posso ficar estudando, que não preciso ficar até o horário final e ainda vou ter a tarde livre, porque a bolsa é a noite, vou poder estudar de sete ao meio dia e meio, almoçar com tranquilidade, ir para residência, tomar banho, descansar, posso estudar até umas cinco horas da tarde, janto e vou para bolsa, fico estudando na bolsa de novo e volto para residência, o único problema realmente é a volta para residência que vai ser a noite bem tarde, mas vou me virando do jeito que dá. Fui dizer a Assistente Social que queria sair do

¹⁴ R.U. – Restaurante Universitário.

estágio mas se eu não conseguisse a bolsa não tinha como me manter lá, mesmo com a residência, porque precisava ficar voltando pra casa, tenho que ir comprar os materiais que os professores pedem, porque tem calculadora específica para uma disciplina, tem calculadora específica para outra disciplina, tem programa que só uso para uma disciplina não tem versão gratuita, tem que comprar a licença, tem que pagar xerox, tem que lanchar e disse a ela que não dava, e ela disse que no momento não tinha nenhuma bolsa, mas antes de eu sair de lá, ela recebeu uma ligação pedindo uma bolsa, graças a Deus eu estava lá e ela me indicou para bolsa e consegui, mas é porque, realmente, sem uma fonte de renda, uma fonte de apoio, não consigo, não ia conseguir me manter, porque minha mãe não ia conseguir e, assim, não queria ter que pedir ao meu padrasto porque já acho que ele faz demais por mim, por minha mãe e pelas minhas irmãs, porque ele passa o dia inteiro trabalhando, tipo, cheguei ontem à noite, não vi ele, uma horas dessas e não vi ele porque ele estava trabalhando, ele veio chegar em casa, tipo uma e pouco da manhã, já teve que sair hoje cinco e pouco da manhã, ele estava saindo de casa, ninguém nem sabe que horas ele vai voltar, aí vou estar tirando de uma pessoa que também se esforça tanto e admiro muito ele, por que até chamo ele de pai, porque é a figura que tenho como pai e ele fica até dizendo a minha mãe que, é..., “que ela pode até tentar mas não vai ter outra filha como eu, que sou uma pessoa de ouro, que se esforça tanto e quer dar o mínimo de trabalho”, porque sempre quis dar o mínimo de trabalho para minha mãe, porque comecei a ganhar a bolsa do IF, então pronto, já não pedia mais nada a ela, até queria me dar as coisas, mas eu dizia: “não, a senhora não precisa me dar nada não”, as vezes, estava realmente precisando das coisas, tipo, estava precisando de um tênis novo, mas mesmo com o dinheiro da bolsa não estava dando, eu ficava com o tênis, ia com o tênis rasgado, ia com o tênis do jeito que tivesse, as minhas mochilas nunca duraram um ano inteiro, tentava comprar quando dava, ficava me virando aqui, acolá, tentando ajeitar, mas sempre..., quando estava na bolsa não queria mais que ela me ajudasse, agora o negócio do estágio, disse a ela dizendo que ia sair e eu não quero nem saber, as contas que se virem aí, se segurem aí, mas eu vou sair por que estava muito mal, e agora já com a bolsa, já vai dar para eu me virar, já estava pensando como é que ia, disse: “mãe vou ficar aqui direto agora vou viver do que a natureza dá, vou ficar aqui, porque não dá para ir para casa não, se a senhora quiser que eu vá para casa a senhora deposita aí cinco reais na minha conta e me dê que eu vou. Porque não estava dando, não!

Como incentivo diria que tudo é possível e não tem limitação para quem tem força de vontade, para quem quer alguma coisa na vida, porque via pessoas na minha sala que tinham bem mais oportunidades que eu, não sofriam metade do que eu sofria, porque se tem uma pessoa que sofreu durante esse tempo de IF, nessa peleja, fui eu, eu e Ana, eram uma das pessoas que

mais sofriam, porque a história de vida dela é bem parecida com a minha e diria isso: “Se você quer então você corra atrás, coloque umas viseiras e foque no futuro e que pense a longo prazo!” Porque se eu tivesse pensado a curto prazo teria ficado no Estadual, teria terminado lá e estaria aqui em casa morando com “mainha” até agora sem fazer nada da vida e consegui, é, pensar a longo prazo e ver as oportunidades que iam aparecer para mim, se eu optasse pelo IF e não pelo Estadual, acho que é isso, você consegue qualquer coisa se você tiver força de vontade, você pode até não conseguir mas se você não tentar, você também não vai saber se era possível ou não. Eu pensei em desistir mais vi a oportunidade e tentei mesmo que fosse quebrar a cara, não fosse conseguir, mas queria dizer que tinha tentado, não tinha conseguido? Está, tudo bem, mas tentei, que... assim, não sentia apoio nenhum das pessoas da minha família, só da minha mãe e do meu padrasto e..., mas das pessoas que moravam ao redor e dos outros familiares, os outros amigos, sempre, nunca escutei palavras de apoio, se você acha que todo mundo vai apoiar você na sua decisão, pode tirar o cavaleiro da chuva, porque não vai, porque tem pessoas..., conheço pessoas que queriam só o ruim para você, tipo, quando fui fazer o ENEM¹⁵ no último ano do IF, é muito puxado para o pessoal do quarto ano, a gente tem aula quase em dois turnos e eu ainda fazia um curso *on line* de preparatório para o ENEM, só que quando chegou um determinado período do ano não consegui mais acompanhar, perdi o curso *on line*, a gente já tinha pago a mensalidade para o ano inteiro, mas não consegui assistir as aulas e as aulas não ficavam gravadas, era ao vivo, já tinha que ir lá para casa de Emerson assistir, fazer as anotações e tal, escutei pessoas daqui dizendo que eu tinha obrigação de passar na UF porque estudava no IF, dizendo assim, querendo insinuar tipo, você não saiu do Estadual dizendo que era para ter um ensino de qualidade, porque o seu ensino de qualidade não colocou você na UF? Eu dizia que não era porque estudava no IF que era obrigada a passar de primeira, porque a pessoa não sabia da minha realidade, não sabia quantas horas estava dormindo por dia, o quanto estava tendo que me desdobrar entre o IF e estudar para o ENEM, tinha o IF, tinha que estudar para o ENEM e tinha o TCC para entregar, tudo no mesmo ano. É uma sobrecarga muito grande, porque a gente ficou mais prejudicada por conta da greve que teve em 2012 e até 2014 a gente estava sofrendo com ela, até hoje acho que sofre um pouquinho, foi muito difícil e a minha turma que foi a primeira do Integrado a se formar no IF ainda tinha o negócio de fazer o TCC e apresentar e sou uma pessoa muito nervosa para apresentação, ficava me cobrando demais para tudo isso, então pensava “nem minha mãe, nem meu padrasto me cobravam tanto como via as outras pessoas me cobrando”, era uma pressão psicológica muito forte, ficava pensando:

¹⁵ ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio.

“Meu Deus, se eu não passar na UF, vou fazer o que? Tenho que passar em algum curso, não importa o curso, mas tenho que passar!” Passei, acho que na minha turma fiquei em quinto lugar na minha cota, acho que foi em quinto, entre quinze ou eram vinte pessoas, fiquei em quinto lugar, pensava até que ficaria para o segundo semestre, que para mim ia ser perfeito se eu fosse para o segundo porque já teria terminado o IF e já tinha o transporte da prefeitura, mas foi para o primeiro, digo: “Vou com a cara e a coragem!”, quase reprovei por falta, porque não ia todo dia, tinha professor que perguntava se eu era da sala mesmo porque ele nunca tinha me visto, porque como só ia três dias na semana, sempre ia os mesmos três dias na semana, depois comecei a permutar, mais é isso.

- Diana: Motivação pessoal na busca do sucesso escolar e o apoio familiar

Sou Diana, tenho 22 anos, digamos Diana é uma jovem que vem da zona, rural, seus pais são agricultores, são analfabetos e ela sempre foi uma jovem que queria mudar, mudar de vida, digamos, correr atrás de coisas melhores, tanto para ela quanto para os próprios pais dela, então ela sempre viveu a vida dela até os 20 anos, morando com seus pais na zona rural, mas sempre eles davam apoio para ela estudar e foi no estudo que ela encontrou, digamos, o seu caminho para chegar ao sucesso tão desejado, então ela sempre era uma pessoa que estudava muito, passava final, finais e final de semana estudando, muitas vezes os colegas chamavam para sair, um farrinha, mas ela tinha um foco, ela precisava estudar, porque ela sabia que só através do estudo que teria a oportunidade de vencer na vida, justamente pelo meio que ela vivia, as possibilidades eram escassas, morando na zona rural, a questão de transporte, de trabalho, tudo era difícil, Diana sempre focava no estudo e quando..., sempre estudou em escola pública, sempre veio de escola pública e teve um momento que surgiu uma oportunidade, que ela viu ali uma oportunidade de iniciar esse percurso tão sonhado, que foi a questão do IF, conseguir entrar no IF, teve a prova, teve o processo de seleção, e foi um momento muito tenso para ela, onde via uma grande oportunidade; ela estudou, se dedicou, teve o apoio da família, e fez a grande sonhada prova, no início ficou um pouco decepcionada, pensando que não ia conseguir, mas sempre, como sempre, teve o apoio dos pais, ajudando ali, incentivando, motivando, e chega um belo dia que Diana, sem querer, por parte de um amigo, recebe a grande notícia que conseguiu a aprovação, no IF, (risos), fica muito emocionada, pois ali ela via que era a oportunidade tão esperada, que esperava para dar um salto na vida dela, começou a estudar no IF e vieram as dificuldades, principais dificuldade transporte, não tinha transporte por que o prefeito do município em si, valorizava os alunos do município, municipal e estadual, para eles tinham os transportes e a gente não era viabilizado por essa questão, a gente morava no sítio e não tinha transporte.

Uma distância de vinte quilômetros, uns vinte quilômetros mais ou menos desse trajeto até o IF, foi muito difícil essa questão, tinha que meu pai pegar a motinha dele, ia me deixar na pista, que é em outro município, Lagoa Limpa, e nesse município eu pegava carona com outros ônibus que passavam na pista.

Nesse trajeto demorou alguns meses, alguns meses mais ou menos, e eu sempre ali querendo buscar coisas melhores, porque era difícil a questão de trajeto e a questão financeira também pesava muito, porque tinha a questão de comprar livro, questão de tirar cópia, material escolar, fardamento e até mesmo alimentação, então de uma certa forma o fator financeiro

pesava muito e isso me, de uma certa forma me afligia bastante porque eu via as condições dos meus pais, que eram muito, eles eram muito humildes, muito precárias e eles não podiam me ajudar nessa questão, então vi que o IF, eles disponibilizavam bolsas, então sempre o IF em si dava o suporte, a questão desses alunos que necessitavam, então recorri a esse processo, inicialmente consegui participar de uma bolsa de extensão, extensão e pesquisa que foi com a enfermeira Roberta, que foi um momento, assim, de muita aprendizagem mesmo, além de aprendizagem a questão financeira me ajudou bastante, aí eu comecei de uma certa forma a ter uma certa independência, comecei ali a trabalhar e estudar ao mesmo tempo, e foi um momento muito bom, durou mais ou menos um ano, sim, além da aprendizagem, da questão financeira, a questão do conhecimento, da interação com as pessoas, também foi muito grandiosa essa questão, bom depois que inicia essa questão da bolsa de pesquisa e extensão e tem um limite, para terminar a bolsa, terminou a bolsa, digamos assim, e pensei agora o que vou fazer, a bolsa terminou! Como é que vou seguir os quatro anos, de três anos de curso que tem pela frente? Aí fui na assistência social, me candidatei, entrei no processo seletivo para iniciação profissional, que é outro tipo de bolsa.

A iniciação profissional que era uma bolsa financeira, no início, salvo me engano era de R\$ 240,00 e depois foi aumentado e chegou a R\$ 300,00 mais o auxílio alimentação, então foi muito bom pra mim, quando consegui essa bolsa, fiquei muito feliz, e agora sabia que poderia, além de ter a questão do conhecimento de como vivenciar um novo ambiente de trabalho eu teria o meu dinheirinho pra comprar minhas coisas, comprar material, essa questão financeira além da alimentação, e foi aí que começou, o IF se tornou a minha segunda casa, eu vivia mais tempo no IF do que em casa, saía de casa de 6h da manhã, não 05:50h da manhã e chegava quase 7h da noite, então minha vida era no IF, chegava lá, trabalhava, almoçava e estudava no período da tarde, e a noite também para fazer atividades, essas coisas, então, é..., no ambiente de trabalho, assim, da bolsa, eu sempre tive o apoio e auxílio dos funcionários, no local, no setor de trabalho ao qual estava inserida, então trabalhava mas ali também tinha a oportunidade, tempo vago, de estudar, de me dedicar as atividades do IF, o primeiro setor em que entrei no IF, foi o Gestão de Pessoas, foi o setor assim que eu aprendi muitas coisas, muitas coisas mesmo, coisas boas, é, de como saber lidar com as pessoas, de saber lidar com as atividades em si de trabalho, juntar tudo isso com os estudos, tive que me virar em mil, digamos assim, estudava, trabalhava e tinha que estudar a noite ainda, além do cansaço, por que aí, por mais que a gente tenha foco, por mais que a gente tenha persistência, resistência, chega um momento em que o cansaço bate, muito, outra dificuldade além do transporte e a questão financeira, era a questão, digamos assim, de acesso à internet, no IF, enquanto estava no IF eu tinha, essa

questão do acesso, tentava ao máximo resolver minhas atividades lá, só que quando saia de lá não tinha, quando chegava em casa queria estudar, ou tinha que fazer uma atividade para o outro dia e eu não tinha como fazer isso porque não tinha internet, as vezes, eu saia, chegava em casa à noite e saia de oito horas da noite, tinha que me deslocar para casa da minha avó, que é um pouco distante da minha casa, para poder ter acesso a internet, chegava em casa dez, onze horas da noite, no outro dia de cinco e pouco tinha que estar em pé novamente, na ativa, a questão da internet pesava muito, principalmente na época do meu TCC, que eu tinha que resolver muitas coisas em casa e não tinha internet, então era um desdobramento muito grande, assim, o cansaço, o esforço e tudo o mais, bom essa trajetória de trabalho foi muito gratificante para mim, depois de gestão de pessoas fui para outro setor, passei muito tempo no Gestão de Pessoas, quase um ano e meio mais ou menos e depois fui para, sim, antes de ir para outro setor, vou falar um pouco dos chefes, no Gestão de Pessoas, por que foram profissionais mesmo que me ensinaram o verdadeiro valor do que é ser um funcionário e ao mesmo tempo o que é ser uma pessoa no ambiente de trabalho, então eu tive chefes muito, muito, muito, bons mesmo nessa questão, passei por vários, não foi só um, salvo me engano não sei se foram quatro ou cinco, não foi só um chefe nesse setor, depois vim para outro setor no remanejamento, no remanejamento fui para outro setor, que foi a Chefia de Gabinete, aí ia ter outra realidade, mas que também foi muito proveitosa para mim que, tive a oportunidade de ter novos conhecimentos, de novos manejos de trabalho, pronto, passando essa etapa de transição que eu sai da zona rural, não tinha transporte, de uma certa forma tinha que me deslocar para outra localidade para conseguir o transporte, chegar no IF e graças a Deus consegui uma bolsa que me dava essa sustentação financeira, para comprar meus materiais, tem a questão da alimentação, o IF me deu todo esse suporte necessário que precisava de uma certa forma para poder me manter, por que além dessa questão, tem as questões pessoais, tem as questões pessoais que influenciam muito, então teve, teve esse trajeto todinho.

Essas questões pessoais, é a questão mesmo de desânimo, de desmotivação, as vezes... os conflitos, as vezes, você chegava em casa, pronto no final de semana, queria conversar com seus pais, tá aquele momento ali, mas você não podia por que tinha que estudar, se você não estudasse, tipo assim, você não poderia ficar em recuperação, não poderia ficar em pendência, por que quem é bolsista não poderia ficar em pendência, então você corria esse risco de perder a bolsa, então correndo o risco de perder a bolsa, me fazia, de uma certa forma esse distanciamento, de estar conversando com meus pais, de estar saindo com os colegas, então isso em alguns momentos, gerava um certo, uma certa desmotivação mesmo, eu ficava um pouco desmotivada, um pouco cansada de estar levando a vida, digo questões pessoais nessa relação,

bom aí essa questão de trabalho e tal, teve um momento de muita luta, que a gente recorreu para ver se conseguia um transporte, porque não só eu mas como outros alunos também precisavam de transporte para vir ao IF, teve um tempo que a gente recorreu mais nada de conseguir... foi quando meu irmão conseguiu também a aprovação no IF e meu pai fez todo o esforço, tudo o que ele tinha, vendeu uma roça, essas coisas que ele tinha e comprou uma motinha para gente, era uma pop preta e foi quando a gente começou a vir de pop para o IF, no caso, a gente começou a vir de pop arriscando nossa vida, a gente sabia desse risco, mas não tinha outra alternativa que agora eram dois, eram dois, eram duas pessoas, não tinha como pai levar e trazer tarde da noite, a gente foi de moto, muitas vezes a gente saía, estava chovendo, pegava chuva, teve um momento que a gente quase sofreu um acidente, porque era um caminho ainda de estrada de barro, a gente ia e do nada apareceu um caminhão pipa e já foi de frente, assim, a moto caiu o caminhão pipa parou quase em cima da gente, era aquela parte da frente, ficou quase em cima da gente, parou em cima da gente no caso, teve esses incidentes, e o pior incidente que teve foi que um dia a gente saiu do IF, a gente saiu mais ou menos umas seis horas da noite, quando a gente ia na pista mesmo, fomos abordados por dois ladrões, fomos assaltados, teve essa experiência do assalto em si, por que o bandido estava armado, apontou uma arma e tudo pra gente, foi um momento muito tenso, e aí foi um momento, assim, que nossa e agora? perdemos a moto, quase perdemos a vida, tudo para enfrentar essa trajetória em busca do sucesso através do IF e foi a partir disso aí que gente, tentamos mesmo recorrer, fomos atrás do prefeito e foi quando conseguimos uma carona, não foi nada certo, era uma carona do ônibus que levava os alunos do município e do estado, eles vinham e ficavam esperando a gente até meia hora, por que eles saíam de cinco e meia só que a gente saía umas seis horas do IF, então eles ficavam esperando meia hora a gente, foi quando teve, digamos assim, essa questão desse apoio, do município em si, aí começou a gente voltando, só que esse ônibus não parava diretamente na nossa casa, parava num município antes, um sítio antes, nosso pai ia buscar a gente de moto.

Não era muito longe não, acho que uns dez minutos, dez ou quinze minutos, mas ele ia devagar por que eram duas pessoas na moto, uns dez minutos por aí, é meio esquisito assim o percurso, a gente diz que é um percurso pequeno mas é um percurso de uma certa forma muito esquisito, bom teve essa questão do roubo que de uma certa forma a gente ficou um pouco abalado e queira ou não queira, resultou num trauma naquele momento, mas nem por isso a gente desistiu, a gente continuou persistindo e continuei na minha trajetória acadêmica no IF, tendo esse apoio que eu sempre tive dos professores em si, e sempre fui uma pessoa que por mais que tivesse a questão do desânimo, assim, da desmotivação, tinha um foco, meu foco era conseguir vencer na vida e para mim vencer na vida e ter um trabalho futuro, na minha

percepção, só ia ter aquilo por meio do estudo, porque sempre fui uma pessoa que não me interessa nem um pouco essa questão de *panelinhas*, e tem muito disso né? Essa questão de eleição e tal, vamos votar para tal prefeito e essas coisas para você conseguir um trabalho e eu sempre dizia assim a minha mãe: nunca vou precisar disso! nunca vou precisar disso para estar de *panelinha*, vou estudar, vou conseguir através o meu trabalho futuro, o meu sossego, através do estudo e meus pais sempre me incentivaram, isso tanto a mim quanto a meu irmão, eles eram umas pessoas simples, sempre trabalharam na roça, agricultores e tal, mas sempre tiveram essa consciência de nos ajudar no que pudesse, bom assim foi esses anos no IF estudando com bolsa graças a Deus, fiquei com bolsa até o meus últimos dias, digamos assim, como aluna do IF em Administração e foi muito bom esse período que passei lá, esse suporte que tive, deixa ver o que lembro mais... é tanta coisa...

Minha relação com a escola e o curso profissionalizante, também teve essas questões, teve tanta coisa, foi um impacto quando a gente viu as notas, um impacto refletido de você sair de uma escola pública, sempre estudei em escola pública, para uma escola do tipo de um IF, então no início foi um pouco difícil essa questão de adaptação, porque era um ensino muito mais puxado, um ensino muito mais complexo, por que além do médio tinha as disciplinas do técnico de administração, então senti esse impacto nas minhas notas no início, e fiquei assim, um pouco desesperada, sem saber o que fazer, só que os professores eles foram muito fundamentais, porque eles sempre deixaram bem claro essa questão de que iria existir esse impacto, porque apesar de terem alunos, ali a junção de alunos de escolas públicas e alunos de escolas privadas, o IF diferia dessas duas, tanto de escolas públicas quanto de escolas privadas, um ensino muito além, então os alunos da escola privada sentiam também esse impacto, não na mesma proporção, não sentiam na mesma proporção mas sentiam também, porque era outra realidade de ensino, mas os professores sempre deixaram isso bem claro, que existia esse impacto, mas que a gente não se desestabilizasse por que iria ter o processo de adaptação e eles iriam dar todo esse suporte para que a gente conseguisse chegar a essa adaptação, entendeu? E foi realmente o que aconteceu, a gente foi tomando noção, visão de como era ali o ensino, que para eu acompanhar teria que me esforçar mais, teria que realmente participar das aulas, das atividades, para poder conseguir acompanhar o ritmo, e foi assim que a gente foi conseguindo se adaptar mesmo, mas no início teve sim esse impacto e me lembro que foi refletido principalmente nas notas, teve esse impacto.

Com relação ao curso, na época tinha só duas opções de cursos, Informática e Administração, eu escolhi Administração pelo fato de que envolve mais a questão de pessoal, lida mais com pessoas, uma coisa que sempre gostei, né? Fiz a escolha do curso de

Administração justamente por isso... (pausa de uns dois minutos por que estava passando um carro de som na rua)

A escolha do curso se deu justamente por isso, pelo direcionamento que cada um tem, no caso Administração envolvendo mais a questão de empresas, de pessoas e Informática mais a questão de tecnologia e eu não gostava muita da questão de tecnologia, então eu escolhi Administração. No início fiquei meio que ..., um pouco decepcionada com o curso, acho que é justamente pelas disciplinas iniciais, disciplinas muito teóricas, assim, e acabava sendo cansativo, então de uma certa forma deu um desânimo no início em relação ao curso, só que depois quando foi passando, digamos assim, do processo em si, do curso, foram aparecendo as disciplinas práticas, aí foi que o interesse começou a surgir, digamos assim, e eu gostei bastante, bastante mesmo do curso de Administração, e é uma coisa que você usa para vida, você não usa só como profissional em si, atuando ali na empresa, você usa para sua vida mesmo, a forma como você se organiza, a forma como você age, a forma como você convive com as pessoas, tudo isso aprendi no curso de Administração, então teve essa questão sim.

Na turma sempre fui uma pessoa que gostava de interagir, eu não tinha implicância com ninguém mas tinha sim, a minha intimidade mais com algumas pessoas, mas isso não significava que eu tinha implicância com alguém, sempre fui uma pessoa que tentava relevar muitas coisas, justamente para evitar conflito e me relacionava, assim, com o pessoal da turma, uns com mais intimidade outros com menos, então com a turma só tem essa questão mesmo, em relação a participação em congresso, em trabalhos científicos, a minha turma tinha uma participação muito grande, em questão de... sempre estar interessada nessa área de produzir, isso se dava, justamente também, pelo apoio de alguns professores, que sempre apoiavam a gente nesse questão e tive muitas oportunidades, sim, de participar também nesses projetos, de fazer artigo, uma coisa que nunca tinha feito na minha vida e tive essa experiência, justamente, por querer participar de um evento desse e participei de alguns, que eu me lembre agora, tive um trabalho aprovado no congresso que teve em Salvador, foi assim, meu primeiro trabalho, minha primeira experiência com esse tipo de pesquisa, que é uma pesquisa diferenciada, ela é uma pesquisa que você tem que mover muitas, muitas coisas, tanto acadêmicas quanto pessoais e ali você lidando com seu orientador, uma questão de orientação, e tive um orientador muito bom, e esse orientador ele foi muito bom nessa questão, sempre dava esse apoio que eu não sabia como qual era uma estrutura de um trabalho, não sabia como fazer um artigo científico, não sabia linguagem, não sabia de nada, de nada mesmo e ele deu todo esse suporte e a partir desse trabalho que foi aprovado nesse congresso, tem a experiência de você ir pra fora, apresentar um trabalho que teve todo um esforço ali, todo um planejamento, é muito

gratificante, é muito gratificante mesmo, depois desse trabalho tiveram outros, outras participações também que gostei tanto que decidi não parar, e continuei no mundo da pesquisa, fui para o congresso em Salvador, fui para o Fórum Mundial que teve em Pernambuco, fui para o Simpósio que teve em Natal e em Pau dos Ferros, foram alguns que eu estou me lembrando agora, então teve muitas participações, assim, que devo bastante mesmo aos professores e principalmente aos meus orientadores que me deram esse apoio no mundo da pesquisa em si.

Meu estímulo sempre veio internamente, meus pais eles sempre apoiaram, mas nunca foram aqueles pais de dizer assim: Vai estudar! Faz isso! Faz aquilo! Nunca, sempre veio de mim, sempre veio de mim mesma, desde criança... teve um fator, estou lembrando agora, teve um fator que encandeou isso, essa questão de sempre vir de mim, na terceira série, eu era uma pessoa que não queria estudar, era muito bagunceira, por incrível que pareça, mas eu era muito bagunceira, não levava..., não dava a mínima para as disciplinas, só que teve um momento da avaliação em si e fui reprovada, e aquele sentimento de reprovação foi que, digamos, mudou minha vida acadêmica, foi naquele momento que cheguei em casa e disse a minha mãe que tinha sido reprovada e ela ficou, com aquela... digamos assim, aquele semblante de tristeza, de decepção e foi a partir desse momento que decidi na minha vida, disse: “nunca mais vou ficar reprovada na minha vida” e foi esse momento que me fez, como posso dizer, que me fez agir por mim mesma, começar a agir por mim mesma, não esperar que o outro diga faça isso! Ou estude isso! Você tem que estudar, não pode sair! Sempre tinha a consciência: “tenho que estudar para ser alguém na vida, porque só por meio do estudo que posso ter algo, diante da situação em que vivo, se me acomodar o que é que vou ter? O que é que vou dar para meus filhos futuramente? Ou para os meus pais, que tanto me ajudam, o que vou passar para eles”, e então, a partir daí comecei a estudar, o estímulo maior foi esse, acho que foi esse fato, que me estimulou e desencadeou toda a minha vida até hoje.

Qual meu sentimento em relação ao seu sucesso alcançado nessa conclusão de curso? Digamos assim, o IF em si, toda essa trajetória que passei no IF, me ensinou a ser uma pessoa muito adaptativa, uma pessoa resistente e persistente isso em questão de comportamento e em questões de como levar as atividades, as avaliações, se hoje, eu consegui uma aprovação numa faculdade, num curso que sempre sonhava em cursar, digamos assim, que é o curso de Psicologia, tive todo a preparação no IF ao passar pelo ENEM, então... Teve um momento nos finalmente, digamos assim, no final do curso que eu tinha essa noção: preciso me dedicar ao ENEM para poder conseguir chegar a uma aprovação numa faculdade, mas ao mesmo tempo não poderia deixar, desleixar, digamos assim, desamparado os estudos do IF, então foi um momento um pouco muito tenso, que, ai sim, tive que me adaptar em várias situações e tentar

resistir mesmo, as pressões, as dificuldades, o cansaço, tinha que estudar para o IF, tinha que concluir o IF e tinha que estudar para o ENEM, pois ali estava minha oportunidade de dar um próximo passo, para graduação e nesse mesmo período, nesse ano final, foram muitas coisas que surgiram na minha vida, nesse ano final, surgiu um sentimento de que sempre fui uma pessoa que pensei: preciso estudar, preciso ter a minha faculdade mas também preciso ter um trabalho, como é que vou para uma faculdade e me sustentar nessa faculdade financeiramente, meus pais, eles não podem dar esse suporte, então eu pensava muito nessa questão de trabalho, sempre em mim surgiu aquele sentimento de fazer concursos públicos, porque eu sabia o que era um trabalho, o que era uma renda fixa, que de uma certa forma auxiliava os meus estudos futuramente, então esse ano foi o ano, uma palavra para definir, meu Deus, foi o ano da resistência mesmo, era para resistir às pressões de todas as formas, estudava para o ENEM, estudava para o IF para fazer as provas e estudava para o concurso público, então era de manhã, de tarde e de noite e final de semana, e ainda trabalhava como bolsista, eu era bolsista no IF e estudava, estudava pra o ENEM para fazer a faculdade e, sim, bolsista de manhã, estudava a tarde e estudava a noite para concurso e final de semana, aí chegou justamente o dia de eu fazer o ENEM, fiz o ENEM e fiquei aguardando o resultado, enquanto isso fazia as provas do IF e tive a oportunidade também de fazer a prova do concurso, foi uma coisa muito, assim, simultânea, essas três coisas ocorreram simultaneamente, e eu tive no ano de 2016, digamos tive, as três respostas positivas, uma coisa que é quase impossível de se alcançar, graças a Deus, agradeço primeiramente a Deus, consegui, agradeço primeiramente a Deus, aos meus pais e aos professores em si, os educadores que me deram esse suporte, consegui justamente passar na faculdade, no curso de psicologia que sempre sonhei, pelo ENEM, consegui uma bolsa integral pelo PROUNI, que é uma coisa muito difícil conseguir e consegui uma aprovação no concurso público, então consegui concluir o meu curso no IF, o curso técnico em Administração, foram três vitórias, três vitórias simultâneas e sou muito grata a Deus por tudo isso que ele me deu e tudo num momento só praticamente, hoje em si, estou cursando o curso de Psicologia, vi que encontrei realmente a minha profissão, essa é a profissão que quero seguir futuramente, não me arrependo de maneira nenhuma, sou servidora efetiva, concursada, trabalho no município e também tenho meu curso técnico em Administração, que é justamente relacionado a área que trabalho, então hoje me sinto, sim, uma pessoa vitoriosa, em questão disso, mas para chegar onde estou hoje, eu tive que passar por toda essa trajetória e graças a Deus, por mais que existiram as dificuldades, que foram muitas, mas eu tinha apoio, tinha apoio familiar, apoio familiar é muito fundamental, e graças a Deus é a base, tinha esse apoio familiar, minha mãe e

meu pai, e hoje eles sentem muito orgulho de mim, muito orgulho mesmo, hoje sou uma pessoa independente financeiramente, pessoalmente e estou cursando minha faculdade.

Minha graduação? Como vai? Digo ao pessoal, aos meus colegas principalmente da faculdade, tenho um relacionamento muito bom também com os meus colegas da faculdade, eles falam assim: “Nossa tua vida é triplicada, por que você trabalha num município (Logradouro/PB), mora em outro (Nova Cruz/RN) e estuda em Natal/RN, em outra localidade”, então são três lugares em que passo e esses lugares não são próximos, são muito distantes, então estudo em Natal, tenho que pegar o ônibus universitário, saindo de quatro horas da tarde para chegar em Natal umas seis e vinte da noite, a gente sai de Natal umas onze e pouco para chegar de uma hora da manhã em casa, é uma rotina cansativa, é assim, estressante, por que esse percurso...

Meu horário de trabalho, saio no caso, de três horas, chego de sete horas da manhã, tem o horário para almoço que são duas horas para almoço de onze às doze e vou de uma às três, saio de três horas do trabalho, só dá tempo de chegar, pegar minha mochila e pegar o ônibus universitário de quatro horas, então tenho de três, chego em casa de três e vinte... De ônibus umas duas horas e dez minutos acho, ida, no total dá cinco horas de transporte, digamos assim, de ida e vinda da faculdade para casa, dá em torno de umas cinco horas de percurso, e é cansativo, assim, essa questão de percurso, sim, é o que mais pesa, na faculdade nem tanto, porque como lhe disse, de uma certa forma o IF me formou uma pessoa resistente, uma pessoa adaptativa, não sinto muita dificuldade, se hoje não sinto muita dificuldade na faculdade, em questão de elaborar atividades, de participar, de estar ali na ativa, digamos assim, devo justamente a esse treinamento que tive no IF, se não tivesse tido esse treinamento que tive no IF, poderia sentir muita dificuldade mesmo por que é outra realidade de ensino, é um ensino superior, é outra realidade, é muito mais complexo, é muito mais ativo, entendeu? Então não sinto tanta dificuldade nessa questão de estudos em si justamente por causa desse treinamento que tive, desse suporte acadêmico que tive no IF.

Toda uma preparação para vida, justamente o que tive, no IF foi toda uma preparação para vida, tanta a vida pessoal em si quanto a vida do nosso profissional, o que acho mais cansativo em si é esse percurso, de saída da faculdade e vinda, por que é muito cansativo, dentro do ônibus também não só a questão do percurso mas tem a questão do barulho que você é exposta durante quase cinco horas, tudo isso influencia na qualidade de vida, é o sono, é o cansaço, o cansaço, tudo isso influência, a questão da alimentação mesmo, a alimentação, o sono, cansaço, tudo isso influência na sua qualidade de vida, então de uma certa forma o que é mais cansativo, o que mais pesa, acho que nesse percurso aí é esse transporte mesmo, a

locomoção em si, de ida e vinda mas quando estou no ambiente mesmo da faculdade é muito prazeroso, para mim é muito prazeroso.

Para os jovens pensando em entrar num curso profissionalizante, pensando em escolher o caminho e com dificuldades, eu diria o seguinte: não há limites desde que você queira, não existem limites quando você quer e você encontra no estudo a oportunidade de vencer, você não pode deixar que as dificuldades lhe abalem, por que dificuldades sempre vão existir, sempre vão existir! Elas só vão mudar de endereço, digamos assim, mas elas sempre vão existir, então se você que é uma pessoa que vem de baixo mesmo, de família humilde, siga no estudo, por que só... é sempre o que digo para as pessoas que vem conversar comigo, que o estudo lhe dá a possibilidade de escolha, de escolher, quando você tem estudo você tem a possibilidade de escolher o que você quer para você, quando você não tem? Você é uma pessoa leiga, você é que é facilmente manipulada e vai seguindo com a vida, então a partir desse estudo, do estudo você vai conseguindo as suas metas, os seus objetivos e desde que você queira, desde que você persista, não há limites, sempre coloquei isso para mim, nada é impossível desde que você queira, que você corra atrás mesmo, nada é impossível, sempre coloquei isso na minha vida mesmo, as pessoas dizem assim: “Ah, tu vai fazer...” principalmente quando fui fazer a questão do concurso em si, “tu vai fazer concurso? Estudando? Não sei o que? Como é que tu vai fazer? Vai fazer concurso para um cargo mais difícil”, porque sempre focava em cargos mais difíceis, eu digo: “vou focar num cargo mais difícil porque nada é impossível desde que você queira, não existem limite”.

É que crítica, crítica é outra coisa, críticas e obstáculos sempre vão existir, mais está em você, como você vai levar essas suas críticas, você vai levar essas críticas como um crescimento, você vai crescer com elas, então você tem que levar elas, sejam positivas ou negativas, como uma forma de crescimento, como pessoa, como profissional.

E ainda tem objetivos mais para frente (risos), não para aqui, é aquela questão “não para aqui”, é algo sempre se renovando, sempre se transformando, você tem que ter isso em mente, a gente não pode se acomodar, a gente sempre tem que ter os objetivos futuros, as metas futuras e pretendo terminar minha faculdade, me formar mesmo na área, ser uma profissional e futuramente, sim, ser psicóloga efetiva, esse é o meu objetivo futuro mesmo, digamos assim, eu digo: “Senhor, como sempre digo todos os dias, muito obrigada por tudo que o senhor tem me proporcionado, até os dias de hoje, então não é uma coisa que para aqui, consegui isso e vou parar, está sempre se renovando, se transformando”.

- José: Enfrentamento e mobilização em busca do sucesso escolar

Pelo começo, vim do IF, foram quatro anos muitos bons para mim, para eu crescer como pessoa, vinha da escola municipal de Passagem e minha mãe sempre disse: “olhe você tem que ir para o IF! Tem que estudar!” Aquela coisa toda, sempre me apoiou para estudar, fiz a prova do IF pela primeira vez para o Natal Central, isso há muito tempo, e não sabia o que queria fazer, porque tinha treze anos na época, fui bem novo, gostava de desenhar e resolvi fazer Edificações, só que fui muito juvenil na época, e não sabia que Edificações era o curso mais concorrido da época, não fui aprovado dessa primeira vez e fiquei na suplência, depois que fui ser escalado, mas já tinha entrado no ensino médio, numa escola no município, e foi logo quando abriu em Nova Cruz e nessa época eu tinha experimentado o que era um ensino médio dentro de uma escola pública, para mim era um inferno e eu via como ideal o IF, como fosse algo maravilhoso, por que era muito diferente, então fiz a prova do IF de novo e dessa vez entrei em Administração, entrei com uma folguinha e entrei ainda nivelado, por que tinha ido fazer a prova do IF muito cedo na época, eu estava um ano adiantado, então não tive essa disparidade de idade e hoje acho muito positivo, só que tinha muito empecilho em ir para o IF porque era longe de casa, minha mãe nem sempre estava trabalhando, meu pai, ele nem sempre aparece, ele vem assim, quando quer, enfim é meio complicado, foi um desafio para família toda, isso tem que ver, na época a gente tinha perdido a minha avó, que era quem dava muito suporte para gente, ficou minha mãe, eu e meus três irmãos, sendo que a gente só tinha a renda da minha mãe e comecei a pegar o Rio Grandense¹⁶, que era o ônibus que eu pegava, porque o município não dava transporte para lá, a gente até tentou, mas como era só eu aluno de Passagem, acabou que não era ... não viabilizaram isso, passei alguns anos indo e vindo, mas me interessei muito rápido pela pesquisa, então desde... já no final do primeiro ano, já estava começando a produzir alguma coisinha, me envolver com alguma coisa, por que vi os projetos e isso me empolgava muito, essa ideia de fazer pesquisa, de publicar trabalho, é de estar em atividade, até porque queria tanto ir para o IF que quando cheguei lá vi um ambiente familiar, acabei passando mais tempo dentro do IF do que fora do IF, nossa, acordava de cinco horas, as vezes conseguia uma carona, porque a gente tinha um projeto de água nos municípios, que tem os carros pipas e de manhã, eles me davam carona e eu ia até Santo Antônio, de Santo Antônio pegava o transporte e ia para Nova Cruz e assim é, as vezes pegava o Rio Grandense, as vezes não pegava, as vezes, perdia o ônibus e era uma loucura mas era muito bom também, ficava fazendo esse trajeto de

¹⁶ Rio Grandense é a empresa de ônibus intermunicipal que atende a região Agreste, fazendo a linha Natal/Nova Cruz.

ir a Nova Cruz e voltar sempre, passava o dia lá, as vezes, o dia e a noite, porque tudo o que era projeto eu tentava me colocar, era projeto de pesquisa, vamos, era projeto de extensão, a gente ajuda, era teatro, vamos fazer. Então passava muito tempo lá, para mim era muito gratificante, acabei conhecendo muita gente e tendo muita experiência também, e assim foi se indo, entrei também dentro de um projeto de pesquisa remunerado que me ajudou muito na época, que foi exatamente sobre isso, que havia uma coisa que me identificava, que era um projeto de gestão pública que trabalhava a evasão dentro das escolas, no caso dentro do IF em função do transporte escolar, a gente tirou as férias para sair visitando todos os municípios que eram abarcados pelo IF, então a gente saiu para Serra de São Bento, Passa e Fica, visitando a Secretaria de Educação e de Transporte pra perguntar: Por que que está dando o transporte? Por que não está dando transporte? E deu uma pesquisa muito boa que foi realmente quando despentei dentro da pesquisa e trouxe muito boas publicações e nesse meio tempo, fui para Bahia, fui para São Luiz no Maranhão, fui para o Acre, fui para Pau dos Ferros/RN, fui para Currais Novos/RN, fui para São Gonçalo/RN, fui com a galera de canto, fui para Recife/PE num mundial de educação, aprovei meu TCC num mundial de gestão, que foi muito bom realmente, enfim tinha muita qualidade, foi na USP, só que na época e foi algo que foi muito bom para mim como pesquisador, foi um trabalho muito complicado fazer, então valeu a pena, nesse sentido. Já por isso, testou desde o início envolvido com pesquisa, consegui me qualificar muito nesse sentido, tive também muitos bons orientadores e a gente chegou foi passando, algumas matérias com mais dificuldades outras não, mas também, como estava o dia inteiro lá, estava sempre tendo contato e minha turma, apesar dos problemas das turmas, tinha algo muito positivo de todo mundo ter um TAL¹⁷, tinha muito TAL na minha turma e quem não era TAL, as vezes, se fazia de TAL, as vezes, tinha prova de filosofia, então sei filosofia, você não sabe filosofia, você sabe de química, então no dia da prova de filosofia, o TAL de matemática cedia a sala dele, que era da nossa sala e a gente fazia um aulão de filosofia para toda a turma e então produzia um slide, eu ia explicar o que era o assunto, e explicava um pouquinho antes da prova e todo mundo ia para prova e fazia, a mesma coisa quando era química, quem sabia de química dava um aulão de química e isso de dar suporte foi sempre muito bom e o fato de ensinar também me fez aprender muito, foi algo que achei positivo, e foi chegando o quarto ano... estava também muito envolvido mas eu queria estudar para o ENEM, então mudei um pouco minha rotina, quer dizer, passei esse último ano, que na verdade nem estudei tanto, sabe, foi muito

¹⁷ TAL – era assim chamado o bolsista de Tutoria de Aprendizagem em Laboratório, que se destacava por ser, tipo um especialista em uma certa matéria, que poderia ser: matemática, Química... sendo a bolsa remunerada e com direito ao almoço.

mais o que eu trazia do IF, só que comecei a resolver questão do ENEM, toda manhã resolvia questão, ah, errei essa questão, qual é o assunto dessa questão? Assunto tal, ia e estudava esse assunto e como as matérias já estavam um pouco mais flexíveis, tirava uma aula e ia estudar para aquele outro assunto, ia complementando o que já vinha trazendo do IF, focado no ENEM, focado e até o fato de escrever muito artigo, me ajudou muito no texto, a gente tem muita redação, e também foi um ano muito complicado pois foi quando minha mãe perdeu o emprego, chegou um momento que eu deixei de ir pro IF porque não tinha condição de pagar passagem, foi um tempinho meio barra, mas a gente foi se estabilizando, foi se reorganizando com a ajuda do pessoal da família e hoje em dia está bem melhor nesse sentido. E meu irmão também, nessa época já estudando para o IF, por que era pequeno ainda, prestei o ENEM, passei, tinha muita indecisão de qual curso ia fazer, acabei aterrissando em Direito, e está valendo a pena, no começo era muito complicado por que eu fazia o IF e tinha o curso aqui em Natal, então saia de manhã para o IF, passava a manhã no IF e um pedaço da tarde, quando chegava o final da tarde, já pegava um ônibus, faltava as últimas aulas, para ir para meu município, do meu município para pegar um transporte para ir para Natal, chegava em Natal fazia aula, quando saia era dez e quinze, pegava novamente um transporte para voltar para meu interior, chegava de doze e ia dormir de uma, para acordar de quatro e ficar nessa rotina, foi bem ruim de manter, mas veio dando certo, terminou o IF, entro na UF e logo quando inicio consigo pegar uma bolsa, dentro da prática jurídica em função do Técnico em Administração, por que entrei e foi logo quando abriu uma vaga para apoio técnico dentro da prática jurídica e eu tinha o Técnico em Administração, fiz isso valer no meu *curriculum*, e como era para apoio técnico, eu era Técnico em Administração e era dentro da prática jurídica e era aluno de Direito, foi uma casadinha muito boa, acabei entrando, pegando a vaga logo no início, só que também era de manhã e minha aula era à noite e eu não morava aqui, não tinha espaço aqui, voltei novamente aquela rotina, saia daqui de dez e pouco, chegava lá em casa de doze ia dormir de uma, para acordar de quatro e tantas para chegar aqui para bolsa e eu ia fazendo isso, só que o dinheiro que eu gastava de transporte e o dinheiro que gastava fazendo refeição era meu dinheiro da bolsa, então eu estava trabalhando só pra fazer isso, essa rotina, pegar transporte e comer, e comia no RU¹⁸, passava a tarde dormindo nas gramas, assim, pela UF, porque vinha com muito sono, todos temos um período ruim, eu dormia na grama, dormia no banco, o pessoal me via assim e perguntava se eu estava bem, (risos) foi bem puxado e as vezes o transporte não vinha, tipo, ia saber disso dez horas: olha a gente não vai pegar não, o pessoal do município e não tem

¹⁸ RU – Restaurante Universitário.

transporte para voltar para casa, e eu ficava sem ter onde ficar, mas pelo bem, tinham muitos colegas meus que eram residentes e então eu dizia: “olha estou sem abrigo”, e a galera me cedia um colchão, me cedia uma cama do lado, me cedia qualquer espaço, mesmo que... pelo menos para ter um teto, eu acabava conseguindo, muitas vezes com o apoio do pessoal da residência, apesar de não ser permitido você trazer gente pra dormir por lá, que me deu suporte, que me fez permanecer, porque, quase uma semana, tinha que ficar dormindo aqui, e por exemplo, as vezes, eu tinha que acabar dormindo na residência feminina, então, não conseguia ir para o banheiro das meninas, por que lá tem a circulação e alguns banheiros não podem, e o que é que acontecia, eu chegava da aula, não tomava banho, não escovava os dentes, não fazia nada, ia dormir, por que eu não podia entrar no banheiro, tinha que passar escondido para dentro do quarto, dormia, acordava de manhãzinha bem cedo também, para não pegar a rotina lá, saía, ia tomar banho, escovar os dentes, aqui no banheiro do setor 1, do lado da bolsa, já ia trabalhar, ia vivendo assim, do jeito que dava ia indo, onde dava para comer, eu estava comendo, onde dava para dormir, ia dormindo, e fui levando o semestre assim, que foi também o período que fiz o processo seletivo para entrar na residência, foi quando tive o meu, um alívio assim, fui aprovado, que foi aqui para o campus, que também foi bem confortável, pois tem umas residências um pouquinho mais distantes e foi num piso, um piso um pouco bagunçado, porque tem uns pisos que são mais ‘violentinhos’, assim, o meu foi um pouquinho mais complicadinho, mas eu acabei me dando muito bem lá, e fiz bastante amizades, nesse sentido foi mais tranquilo, e agora tenho a possibilidade de ir dormir num lugar meu, tenho um colchão meu, tenho uma cama, um espaço onde deixar minhas coisas, isso faz toda a diferença, tenho onde dormir, posso acordar, posso fazer minha rotina, então estou assim, na residência, na bolsa, na aula, e nos projetos também, porque estou desenvolvendo, a gente está... Tem agora uma extensão, que acabei de entrar, que é uma extensão maravilhosa, a gente faz vários projetos sociais e tal, e também estou fazendo algumas pesquisas, que é meu costume do IF, estar fazendo artigo, é um pouco isso, claro que hoje também ainda tem seus problemas, residência tem seus problemas, os horários tem uns problemas, o curso também tem suas dificuldades porque cada curso tem sua particularidade, mas se hoje a gente for comparar como comecei e como estou agora, estou num estado de alívio, tem meu irmão também que está no IF, conseguiu agora uma bolsa e minha mãe está trabalhando, é ele com bolsa, minha mãe trabalhando, eu também com bolsa, trabalhando, acaba que, sabe? Quando está faltando num canto aqui, tem outro que ajuda e a gente vai se segurando.

Comecei o ensino médio numa escola estadual, fiz só o primeiro período, terminei só o primeiro ano. Tinha terminado o primeiro ano e mudei para o IF, primeiro a gente tem um

impacto com o ensino na verdade, o ensino que eu tinha antes na municipal, no ensino fundamental e no ensino médio, é completamente distinto do ensino que a gente tem dentro do IF, realmente é desproporcional, não estou dizendo que: “ah, é maravilhoso, o ensino dos sonhos”, não é isso, também tem suas dificuldades, mas se você for comparar, quer dizer, realmente é muito diferente e com o curso em si, tive muita afinidade, com a questão da gestão: Como podemos melhorar isso? Qual a ideia que a gente pode ter para otimizar isso aqui? Para mim sempre foi muito agradável pensar isso, o curso em si gostei, por mais que reclamem: quem faz o Técnico em Administração não é valorizado, ou qualquer um pode se fazer de Técnico em Administração não só o Técnico em Administração, isso para mim, não implica num problema, exatamente, trouxe muita coisa do curso para minha vida e fez a diferença, até na minha própria bolsa, a que consegui.

Me identifiquei com aquela grade curricular, com as disciplinas do curso; me identifiquei sim, o ensino normal em si com que tive mais... não vou dizer nem dificuldade, mais tive o impacto realmente, como o ensino era diferente, a proporção de conteúdos era outra, então logo no início tive que correr um pouco atrás pra acompanhar realmente, porque vinha de uma outra lógica, de uma outra forma de ensino que, sinceramente, não era a do IF, então a carga de assunto era diferente, a demanda era diferente, a forma de fazer trabalho era diferente e logo no início penei muito para poder me adaptar a rotina do IF, mais aí quando foi...

O pessoal dizia que eu era “murinho”, porque a minha turma sempre foi uma turma muito temperada, teve momentos de tranquilidade, teve momentos de guerra e sempre, sempre um, sempre outro, eu sempre estava no meio, porque sempre tive, sempre soube conversar com um lado e sempre soube conversar com o outro, às vezes, a briga estava acontecendo no meio da sala, acontecia alguma coisa que eu ia me pronunciar, o pessoal parava, tipo: o que é que ele vai dizer? Por que eu era mais imparcial, sabe? Mas sempre me dei bem com o pessoal, nunca tive rivalidade com ninguém e até fiz alguns amigos e tenho ótimas relações da sala até hoje, e acho que ninguém tem ódio de mim lá não. (Risos)

Minha rotina em questão de horário de transporte sempre foi bem bagunçado, mas o último ônibus para voltar, vou começar de trás para frente, o último ônibus para voltar era de dezoito e dez, por aí, que é mais ou menos isso a hora que vinha para Natal, então tinha esse limite de seis horas já estar na parada para poder pegar o transporte, as vezes, atrasava, mais atrasava do que adiantava, mas estava lá, esse horário é um horário fixo, só quando eu ficava realmente de noite, que era para os ensaios do teatro ou era para algum trabalho, que então passava, eu virava a noite em Nova Cruz, abrigado por algum colega de lá, que era sempre assim, tinha que ter alguém para abrigar, para dar..., nesse sentido, sempre deu certo, já para ir, no início eu ia de

tarde, então pegava o das treze horas, chegava em Nova Cruz de treze e quinze, doze e pouquinho eu já estava pegando o Rio Grandense, mais foi logo bem no início quando eu estava estudando só um turno, logo, logo, comecei a trabalhar (como bolsista) pela manhã, então pegava o primeiro Rio Grandense, que era o das sete, só que precisava, as vezes, vir mais cedo, e quando precisava vir mais cedo que apareciam uns transportes diferentes, por exemplo, “ah, pega carona com o carro pipa”, eu pegava e ia até santo Antônio que tinha mais transporte para Nova Cruz, pegava um transporte, tinha um rapaz que ele servia o almoço dentro da cantina do IF, que ele passava de madrugada lá pelo meu interior para chegar em Nova Cruz, ele chegava lá tipo umas cinco e trinta, antes disso eu já tinha que estar na frente para poder pegar a carona, de madrugadinha ainda eu pegava carona com ele, porque foi por um acaso, que acordei bem cedo e fui para parada bem cedo, que encontrei com ele, e ele me deu carona, as vezes, com um professor que vinha de Natal, era sempre assim, o que dava para pegar de carona eu vinha pegando, mas os horários do Rio Grandense, sete horas pela manhã, dezoito à noite, eu ficava fazendo isso, quando precisava vir mais cedo, geralmente precisava depois que entrei na bolsa e era essa lógica de pegar o que der, carro de lotação, carro que levava os meninos para escola particular, sabe? Estendia a mão lá, parou? Ótimo.

Tá, só mais uma vez, o transporte eu pegava às dezoito mas saia mais barato, as vezes, pegar o transporte público de Santo Antônio, de penetra, até Santo Antônio e de Santo Antônio pagar para passagem, por que já não pagava o percurso Santo Antônio/Nova Cruz, que saia mais barato, as vezes, saia mais caro, porque saia do IF com fome, pegava esse transporte público para Santo Antônio, chegava onde? Na parada lá, cheia de coisa vendendo assim, se eu comprasse uma coxinha, já estava pagando mais caro do que indo direto, as vezes, dava certo, as vezes, não dava certo, mas o que me fez permanecer no IF é por que só tinha o IF, se a gente for pensar a situação do interior, o meu mundo todo de pesquisa, de ensino, de colegas, ele só existe ou só existiu dentro do IF, fora do IF não tinha nenhuma outra realidade, eu só era irmão, só era filho, e, claro, tem essas competências e trato elas com isso, mas não basta só ser irmão ou só ser filho a gente tem que ser alguma coisa própria e eu era alguma coisa que me identifico, no sentido de identidade, dentro do IF, eu era o aluno que fazia isso, era o colega que podia, sabe? Que estava junto, que estava fazendo algo meu e por ter essa noção de independência, por ter assim de construir algo, não queria e não podia largar o IF, largar o IF seria perder muito do que sou hoje.

Com relação a minha família, quando entrei no IF fui muito feliz, fui muito feliz e a minha mãe sempre me apoiou da forma que conseguiu, ela sempre me deu suporte e acho que isso é inegável, é fundamental, é reconhecer isso, mas a lógica da família também virou outra porque

eu ficava em casa, cuidava dos meus irmãos, assim, minha mãe tinha que ir trabalhar eu ficava em casa com meus irmãos, agora passava o dia no IF, então exigiu que meus irmãos crescessem um pouquinho, apesar da idade, para ficar só e a gente sempre soube se virar, todo mundo sempre soube fazer a sua comida, sabe, ah tem que fazer o jantar, vamos fazer o jantar, tem que fazer o almoço, então vamos fazer o almoço e todo mundo foi crescendo nessa lógica, tive meu tempo, também tiveram o tempo deles e acabou que o tempo que eu passava no IF criou um certo afastamento familiar, porque só chegava em casa pra dormir, chegava cansado, comia, dormia, então não tinha tanto essa relação, mas nunca, nunca, nunca se quebrou um certo vínculo e a gente sabia e a gente se ajudava, então, as vezes, meu irmão, acordava cedo, sabia que eu tinha que ir para o IF e me via lá dormindo, que não tinha conseguido acordar, ele ia e me acordava: “ei vamos pro IF!” Aquela coisa toda, ou eu acordava e sabia que ele estava estudando para fazer a prova do IF, então eu ia acordava ele, a gente ia se dando suporte para esse tipo de coisa. Tenho um irmão que está fazendo um pouco do meu caminho, está fazendo o caminho dele na verdade, mas está encontrando em algumas coisas que encontrei também um pouco de suporte, tem um irmão que quer fazer o ensino médio normal e tem o meu irmão mais novo, mas tem só seis anos e ainda tem muita coisa ainda para acontecer.

Com relação aos estudos, como estudava? Minha rotina sempre bem corrida e para estudar, como fazia? Uma ótima pergunta a sua (risos), eu prestava muita atenção na aula, então isso me ajudava bastante, mas era muito aquilo, tem um aluno exemplar, aquele aluno tipo, “ah cheguei em casa, vou estudar, revisar o que vi”, isso não aconteceu, eu chegava em casa só pensava em dormir, só desejava dormir e ia, dormia muito cedo e acordava muito cedo, mas, as vezes, pelo fato de acordar cedo, acordava muito cedo às quatro da manhã, às quatro da manhã já me organizava, ia pegar o ônibus de sete, as vezes, deixava para pegar de oito, entre quatro e seis eu estava estudando, e era até estratégico também, porque era o único horário em casa que tinha silêncio, porque são três crianças, era eu e três crianças, enquanto eles estavam acordados, estava tendo barulho, principalmente do mais novo e eu não conseguia estudar com muito barulho, então ou eu estava com o fone ou acordava muito cedo e dava preferência a acordar cedo, às vezes, acordava quatro e pouquinho e ia fazer minhas coisas, ia fazer trabalho para entregar, fazia prova para entregar e funcionava um pouco assim, então estudava assim, estudava nos intervalos da bolsa, e mais no turno da manhã mesmo sempre foi um turno que usei para estudar, estava fazendo artigo, certo fazia artigo, mas fazia uma etapa dos meus artigos e sabia que tinha uma prova para daqui a três dias, então começava a estudar, revisar aquilo, se era uma matéria que tinha dificuldade, ia para os grupos de estudo que a minha sala formava, com essa lógica do TAL também e era assim que ia levando, conciliando também porque muito

do que produzia tinha a ver com o que estudava, tentava fazer esse tipo de ponte, estou fazendo um trabalho em literatura, mas qual autor que vou usar que vai me ajudar aqui? E ia fazendo essas coisas, ah, estou fazendo gestão, qual o princípio de gestão que estou fazendo nesse trabalho que pode me ajudar nessa aula? O que também estou fazendo aqui no curso, qual é esse aqui que eu estou fazendo da jurisprudência em direito que vai me ajudar nessa matéria? E vou levando juntando as coisas.

O que me incentivava a seguir esse caminho? Se poderia diante dessas dificuldades ter desistido, não desisti e continuei... É, acho que você tocou no ponto já, realmente, foi muito mais a questão da família, quer dizer, sempre cresci, que é uma coisa que estou desconstruindo agora depois que vim para UF, no IF todo eu tinha isso na cabeça, quer dizer, desconstruir a ideia que não sou o pai dos meus irmãos, é estranho mas é verdade, tipo sempre cresci com eles, sempre cresci dando suporte a eles, e isso também transpareceu no curso, na ideia de fazer e conseguir uma posição para que eu conseguisse dar suporte para minha casa, que eu não... que minha mãe não fosse a única renda da minha casa, que já é uma renda pequena, então essa ideia de conseguir um outro, de ocupar outros espaços, ou para poder dar suporte ou para não ser um problema, então era a ideia de: “Ah, estou no IF, estou almoçando no IF então já deixa de ser um custo para o almoço da minha casa”, isso é muito verdade, a gente botava isso na conta, a gente não está gastando com o almoço de José, a gente vai fazer o que com isso aqui em casa, com que isso que está sobrando? Vamos comprar isso aqui, e já comprava, quando eu não tinha almoço, voltava tudo novamente, entendeu? Vacas magras, aperta tudo novamente, compra algo diferente, quando a banana está barata compra banana, quando a maçã está barata, compra maçã, mas não dá para comprar banana e maçã, tem que comprar aquilo que dá para fazer e a gente cresceu assim, meus irmãos cresceram assim e quando a gente teve uma folguinha que minha mãe começou a comprar uma coisa diferente, os três começaram a repreender minha mãe por estar comprando coisas diferentes: “Mãe isso aqui é caro demais! Você não pode comprar isso aqui não!” E as vezes, era um miojo diferente, uma coisa, um leite em pó mais carinho, eles repreendiam, mas é uma coisa que até hoje a gente tem, “olha isso aqui não, a gente pode viver com outra coisa” e pode, a gente é a prova viva que dá para crescer com essas coisas, mas é isso de não ser um problema de não ser um peso e sair do IF ia ser um peso sim.

Como vejo o sucesso alcançado por ter concluído o curso? Terminar o IF foi muito bom, mas ele joga a gente também na realidade, a gente sai daquele mundinho e vem para cá, assim, e aí é com você, a gente vê que o IF é só um passo, foi que me permitiu chegar aqui, mas chegar aqui já é um outro desafio, quer dizer, estou fazendo uma graduação, estou fazendo um

bacharelado e daqui vou seguir para a área profissional? Vou querer seguir para academia? Vou ser pesquisador e professor? A gente não consegue associar esse tipo de coisa hoje, então qual é a bolsa que vou fazer? Qual é o estágio que vou entrar? Isso tudo vai definir minha carreira, enfim, o IF foi muito importante para me fazer como pessoa mas chegar aqui, é outro desafio, é construir novamente, o que entendo como ser eu, sabe, como eu me colocar no mundo, é diferente e é um pouco disso, de reformular, de saber que é um passo importante, mas que tem muita coisa ainda pra acontecer sabe? Não dá para parar aqui. Tipo terminei o IF estou numa graduação, está ótimo. Não! Começou agora.

O que diria para outros jovens que estão nessa situação? Não digo nem incentivar, por que você chega, assim e diz: “Ah, vamos fazer isso!” Tem que partir muito de dentro, partir do que você quer, mas você... É interessante que se sinta desafiado, sabe? Não dá para chegar no IF ou em qualquer lugar da sua vida e tipo, “Ah, vou me acomodar aqui” por que não dá, se tiver minicurso de como pegar a galinha, vai fazer, vai lá, vai tentar, vai experimentar, vai entender o que você quer realmente para sua vida, porque é isso, você está no IF para experimentar coisas, para fazer coisas, o IF ele lhe dá essa oportunidade não é como os outros ensinos que lhe prende a aula, necessariamente, então se você tem a chance de estender, estenda, se tem a chance de pesquisar, pesquise, para saber o que você quer, realmente é isso. Aproveitar o suporte que o IF dá para saber o que você quer e fazer com paixão aquilo que você quer.

Todo esse aprendizado ele serve como tudo, mas trouxe maturidade, é diferente de você ser um aluno... Não estou dizendo que todo aluno do IF é o ser mais maduro do mundo, é um ser que transcende o conhecimento, não, longe disso, mais você consegue ver a diferença dentro da universidade, o que é um aluno de um ensino médio do Estado, o que é um aluno do ensino médio particular e o que é um aluno do ensino médio do IF, existem diferenças, você vê na forma de se comportar, na forma de fazer algo, quem tem experiência com trabalho, com trabalho científico, que é um abismo, você pulou um abismo, por que, por exemplo, o professor passa um trabalho, você já entregou naquele formato que você está acostumado a fazer no IF, o aluno que vem de uma escola diferente, ainda tem que, acanhado, sabe, fazer isso que já fazemos, mas tem os contra também, se a gente for colocar na balança, acho me trouxe maturidade para escolher o que quero, para saber como é que faço algo e que não só ao IF, mas ao Técnico de Administração, o povo de Administração influencia muito, as experiências que tive com os professores, os professores me ajudaram muito.

Hoje, minha rotina na graduação está muito facilitada, porque estou morando dentro da UF, tenho aula às dez e quarenta e cinco, se eu acordar às dez e quarenta e cinco consigo chegar na hora, que não é o ideal que você faça, a gente tenta não fazer, mas, é..., Acordo faço a refeição

dentro da UF, estudo o pouco que dá, porque aqui é muito corrido, vou para aula, tenho aula de manhã, faço minha aula de manhã, da aula de manhã já vou direto para o R.U., almoço, do R.U. vou direto para bolsa, pego na bolsa, estou fazendo a bolsa, dezoito horas saio, volto para o R.U., janto, volto novamente paro o setor 1 que tenho aula, pego até as últimas aulas, saio de dez, volto para residência, na residência não dá para estudar de noite que tem muito barulho, trinta e tanto jovens num piso é bem complicado, quatro num quarto, então a gente está sempre conversando, quando dá vou dormir e durmo, acordo, volto para aquela lógica. Então tem os dias que tenho mais tempo livre, tem os dias que tenho menos tempo livre, vou estudando quando dá, vou fazendo tudo quando dá, acabo passando muitos finais de semana aqui, porque tenho projeto de extensão ou tenho aula também no final de semana que estou tendo agora e, tem a extensão também, a extensão sempre acontece de tarde, então quando vai haver alguma ação da extensão, peço para bolsa, acabo saindo mais cedo da bolsa, quando dá, as vezes, não dá e vou fazer extensão, vou lá resolvo minhas coisas e volto.

No IF eu tinha de pesquisa, remunerada, e tinha duas como voluntário. E aqui na UF é essa bolsa de extensão, mas é uma característica do curso de Direito, a pesquisa é muito fraca, senão eu teria entrado para pesquisa, a gente acanha um pouco na pesquisa, que me incomoda um pouco, mas existem pesquisadores e eu já produzo com eles, só não é um projeto formal, sabe, só vou escrevendo ali, uma orientação, mas não é aquela coisa formalizada, com horas, carga, é diferente.

VI REFLETINDO SOBRE O VIVIDO E O SENTIDO

Iniciamos nesse momento, algumas reflexões sobre os percursos e mobilizações desses jovens para o alcance do sucesso escolar, conforme Silva (2003), no decorrer da vida desses jovens eles chegam a desenvolver estratégias para alcançarem os seus objetivos, oriundos de famílias com capital cultural baixo, visto que nos municípios em que esses jovens residem, eles não dispõem de cinemas, teatros, centros de cultura ou qualquer outro local para manifestação ou produção cultural dos quais eles possam participar, para essa aquisição de cultura eles têm apenas a televisão e o rádio. Atualmente, com a expansão da internet, inclusive nos municípios do interior do Estado, eles passam a ter contato com a cultura através dela, mudando o cenário no alcance desse aprendizado.

O capital cultural, segundo Bourdieu (1998b; 1998c apud Pereira 2005, p. 82) é o elemento de herança familiar de maior repercussão no destino escolar. Ele é constituído por valores, costumes, crenças e ideologias, assim como por elementos que o objetivam e que possuem um valor nas relações de troca (por exemplo: diplomas e títulos escolares). Entretanto, segundo Bourdieu, o capital econômico é o responsável pela obtenção do capital cultural, visto que o capital econômico se refere as condições financeiras, patrimonial e de renda de cada sujeito e de sua família, sendo um tipo de capital que pode interferir diretamente na opinião e expectativa de cada sujeito [...]. (BOURDIEU, 1998d, apud Pereira, 2005, p. 82). Desta forma, entende-se que segundo as condições econômicas e culturais, as possibilidades de um jovem desejar alcançar uma posição diferente da que ocupam, dentro da sua realidade, é algo quase improvável, porém verificamos que no caso dos jovens pesquisados, a realidade é outra, eles eram estudantes com desvantagens econômicas e culturais, porém acreditavam que através da escola conseguiriam ultrapassar as condições econômicas e culturais de seus pais, e com esse sentimento eles desenvolveram suas próprias estratégias, procuraram uma escola de qualidade, uma escola que significasse para eles uma continuidade dos seus estudos e a inclusão deles na graduação, favorecendo a sua longevidade escolar.

Verifica-se que a partir do ensino médio, o jovem passa a decidir a sua escolaridade através de suas escolhas e os pais, principalmente as mães, concordaram e se movimentaram positivamente em favor das escolhas escolares de seus filhos, que tinham como objetivo ao final do ensino médio ingressar em uma universidade e continuar com o seu percurso acadêmico.

Os jovens pesquisados, formularam para si, seus próprios projetos de longevidade escolar e se motivaram intensamente na busca de seus objetivos, podemos identificar em cada um deles, durante os seus percursos, características como persistência, determinação,

autocontrole, dedicação e disciplina. Significando para eles uma ruptura com a cultura herdada de seus pais em relação a escolaridade destes.

Contatou-se durante a pesquisa que apesar deles terem procurado o acesso ao Instituto, busca essa marcada pelo incentivo da família e de ajuda externa, tipo “de um amigo que chamou para estudar lá”, eles demonstraram que no início do curso profissionalizante eles não eram apaixonados pelas disciplinas oferecidas, porém a medida que foram estudando foram se empolgando, foram se apaixonando pela cultura da escola e buscando práticas, sentidos e métodos para conseguirem alcançar o objetivo do sucesso escolar.

Destaca-se também certas oportunidades exteriores ao universo familiar, promovidas pela escola em seus percursos escolares, oportunidades improváveis pelas suas condições econômicas, são elas o reconhecimento de seus estudos, com as participações desses jovens em congressos, simpósios e eventos de arte e cultura promovidos pelos Institutos Federais a nível municipal, estadual e nacional e eventos organizados por outras instituições escolares e as participações em projetos de pesquisa e extensão, como também a iniciação ao trabalho através de bolsas com ajuda financeira e alimentação, proporcionando condições favoráveis de manutenção desses jovens na escola. Percebe-se que independente das condições sociais, econômicas ou culturais das famílias, esses jovens não se sentiram intimidados em traçar planos para o futuro, desenvolvendo estratégias, motivando-se e buscando alternativas para conseguirem alcançar os seus objetivos, enfrentando obstáculos, em alguns momentos a separação da família, tudo em busca de um sonho, de conseguirem alcançar o sucesso escolar ambicionado por eles.

O ponto de partida da nossa dissertação e durante todo o nosso estudo foi o objetivo geral de *ouvir o que os jovens, participantes da pesquisa, tinham a nos dizer sobre o alcance do sucesso escolar na conclusão do curso técnico profissionalizante*, com a pesquisa podemos perceber que todos eles são muito motivados em relação a sua escolaridade, buscam maneiras e métodos para estudar e conseguirem um ótimo desempenho, conseguirem principalmente, no primeiro ano de Instituto, acompanhar a cultura da escola com relação a transmissão e cobrança dos conteúdos, tem-se consciência que esses quatro anos de ensino profissionalizante com o ensino médio integrado não é fácil, portanto essa mobilização do próprio aluno é uma condição importante para conseguir o sucesso escolar. Eles demonstraram muita gratidão e um sentimento de vitória com essa conquista do sucesso escolar na conclusão do curso, conforme a fala de Jose: “Terminar o IF foi muito bom, mas ele joga a gente também na realidade, a gente sai daquele mundinho e vem para cá, assim, e aí é com você, a gente vê que o IF é só um passo, foi que me permitiu chegar aqui, mas chegar aqui já é um outro desafio”, ele fala do sentimento

que sentiu ao concluir o curso e que ao sair dele, do seu mundinho, ele é jogado em outra realidade, mais um desafio na sua longevidade escolar, na busca de um novo sucesso que é o de permanecer na universidade.

Logo, o objetivo específico de saber *quais as experiências que eles trazem consigo e o que agregaram no IFRN?* Foi respondida à medida que eles falam que são egressos do ensino fundamental de escolas públicas, onde não agregaram muito conhecimento acadêmico e que para conseguirem acompanhar a grade curricular oferecida no curso, eles tinham uma rotina de estudos bastante apertada, em virtude de passarem muito tempo no deslocamento para a escola ou esperando o transporte escolar, também passavam o dia na instituição e não tinham um lugar para um repouso necessário a dura rotina de acordar cedo para pegarem o transporte, isso fica evidente na fala de Ana:

“Uma outra realidade difícil foi o embate, quando a gente chegou lá a dificuldade de nivelamento, a gente se deparou com pessoas de várias cidades que tinham realidades escolares, acadêmicas, totalmente diferente da nossa e de escolas particulares tops das suas cidade, no ano em que a gente entrou no IF, a minha escola ficou entre as piores no IDEB¹⁹ do Brasil, eu vim da pior, de uma das piores, ela ficou entre as três piores do Brasil, não era uma coisa simples, você não tinha uma base de matemática, não tinha uma base de química e chegar lá e deparar com professores doutores em química que até ajudam, mas acreditam que você já vem com uma base, foi muito sofrido no início porque para se acostumar e conviver com pessoas bem a sua frente em relação ao conhecimento e ter que esforçar e se dedicar o dobro do que você se dedicava para conseguir tirar notas para passar no primeiro bimestre”.

Todos eles sentiram muito a diferença entre o que eles tinham aprendido nas escolas anteriores e o conteúdo aplicado em sala de aula, essa nova realidade serviu de incentivo para que eles desenvolvessem métodos e maneiras de estudar para conseguirem chegar a um nivelamento acadêmico, em virtude da turma ser bastante diversificada, com alguns alunos egressos de escolas particulares que já dominavam melhor o conteúdo ministrado.

Verificamos nas narrativas deles que eles aproveitavam todo o tempo livre que dispunham na escola para estudar, visto que em casa não tinham computador, internet, impressora, enfim, essas tecnologias que ajudam no desenvolvimento escolar e que eles tinham disponíveis no Instituto.

¹⁹ IDEB – Índice de Desenvolvimento na Educação Básica.

Quais os saberes construídos no decorrer do curso? Podemos afirmar que além do aprendizado acadêmico, que para eles se constitui na busca de uma escola com ensino de qualidade, concretizando essa busca na entrada para o IF, é quase uma garantia de entrada na universidade, e ser aprovado na federal, numa universidade pública é a solução para o sonho do terceiro grau, se configurando, muitas vezes, a única opção para jovens de classe popular, que não podem pagar uma universidade particular, eles também nos contam em suas narrativas, as experiências vividas como bolsistas de iniciação profissional, da participação em congressos com apresentação de artigos científicos e das suas experiências em projetos de pesquisa e extensão, lhes abrindo um mundo totalmente desconhecido, lhes proporcionando um aumento de conhecimento, conforme a fala de Carla: “A falta de conhecimento, tipo, sai de uma escola municipal e não aprendi quase nada, quando cheguei no IFRN era outra realidade e foi difícil me adaptar. Foi uma relação gratificante e construtiva. Devo todos os meus conhecimentos acadêmicos e de vivência ao IFRN”.

O baixo capital cultural dos pais, nesses casos, tem se apresentado como uma dificuldade ou barreira na construção desse sucesso escolar de seus filhos? Todos são filhos de famílias de baixo capital cultural, constatamos essa realidade nas falas de Ana e Carla, respectivamente: “o primeiro sonho era ajudar minha mãe, porque ela não teve a oportunidade de estudar, porque aqui a vida, hoje, você vê isso aqui evoluído, mas antigamente era agricultura, minha mãe vem de uma família de agricultores onde estudar era uma perda de tempo, estudar era tá lá ajudando na roça, desde criancinha, ela foi ensinada a isso” e “porque minha mãe era doméstica e meu padrasto não trabalhava de carteira assinada ainda e meu pai não contribuía com ajuda financeira, contribuía com um valor muito pequeno e eu também não poderia exigir dele por que ele trabalha na agricultura e não tem renda certa”, apesar dessa realidade isso não constituiu dificuldade ou empecilho na busca do sucesso escolar por seus filhos.

Todas as famílias dos participantes estimulam os estudos, apesar de não terem um capital cultural alto, eles apostam no futuro dos filhos através da priorização de seus estudos e conseguem garantir o mínimo possível para que eles continuem estudando na busca da longevidade escolar tão desejada por eles. Entretanto citam a figura da mãe como a maior incentivadora, sempre pensando num futuro melhor para seus filhos, constatamos isso na fala de José: “a minha mãe sempre me apoiou da forma que conseguiu, ela sempre me deu suporte e acho que isso é inegável, é fundamental, é reconhecer isso”.

Quanto a participação na vida escolar dos filhos ainda destacamos a presença e participação em reuniões escolares, como na fala de Carla: “tinha alguns professores da minha

época, que diziam que eu era muito inteligente, quando minha mãe ia para as reuniões”, mesmo com um distanciamento entre o capital escolar familiar e a educação que estava sendo adquirida pelo filho, a família buscava dar apoio fosse no lado emocional ou financeiro para que eles continuassem na busca do sucesso escolar.

Visto que os pais não tinham capital cultural suficiente para acompanhar a escolarização dos filhos e ajuda-los nas tarefas cotidianas da escola, eles buscavam sanar dúvidas na escola, pediam ajuda principalmente a professores e amigos da turma e destacam em suas narrativas o bom relacionamento que tinham entre eles, dentro e fora da escola, o que servia para manter o apoio nas horas de dificuldades enfrentadas por eles.

Como compreendem o sucesso escolar alcançado? Eles têm consciência das possibilidades que um estudo de qualidade podem lhes oferecer no sentido de lhes garantir um futuro melhor que os de seus pais, conforme a fala de Diana: “Diana é uma jovem que vem da zona, rural, seus pais são agricultores, são analfabetos e ela sempre foi uma jovem que queria mudar, mudar de vida, digamos, correr atrás de coisas melhores, tanto para ela quanto para os próprios pais”, todos eles compreendem que o sucesso escolar alcançado na conclusão do curso foi uma etapa finalizada em seus percursos escolares, no entanto eles não demonstram um desejo de trabalhar como técnicos após a conclusão do curso profissionalizante, em seus planos para o futuro, almejam através dele, da boa formação escolar que tiveram no IF, conseguirem entrar na Universidade Federal e alcançarem um futuro promissor.

Concluimos nossa pesquisa com o sentimento de que através das narrativas apresentadas sobre o sucesso escolar alcançado em seus percursos escolares enquanto alunos da Instituição, esses jovens, apesar das dificuldades encontradas, visto que diariamente recebiam uma carga de atividades escolares ou trabalhavam como bolsistas no contraturno, não desistiram de seus sonhos, sempre se mantiveram motivados, buscando maneiras de melhorarem a sua escolaridade durante o tempo em que permaneceram no IF. Levando-se em consideração que a família e a escola dividem a responsabilidade pela educação desses jovens, porém muitas vezes, não vista dessa maneira, como uma relação de parceria, até enfrentando problemas sociais diferentes caracterizando cada família com suas culturas e economias singulares. Esses jovens conseguiram ser a ponte, o elo de ligação, o principal elemento na intermediação entre a esfera escolar e familiar, alcançando um resultado de permanência escolar, que também é um dos objetivos da Instituição, de manter o aluno até o final do curso e a conclusão do mesmo culminando com o sucesso escolar representado por cada um deles.

REFERÊNCIAS

- APPEL, Michael. **La entrevista autobiográfica narrativa: Fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes em México**. Fórum Qualitative Social Research. Volume 6. No. 2. Art. 16-Mayo 2005.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves. HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010. 167 p.
- BEZERRA, Luzia Freire da Costa. As bases da industrialização brasileira à época do desenvolvimento do ensino técnico. In. PEGADO, Érika Araújo da Cunha (org.). **A trajetória do CEFET-RN: do início do século 20 ao alvorecer do século 21**. 2. Ed. Natal/RN: IFRN, 2010.
- BOGDAN, Robert C., BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradutores Maria João Álvarez. Sara Bahia dos Santos. Telmo Mourinho Baptista. Portugal. Porto Editora. 1994. 336 p.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: **A miséria do mundo**; vários tradutores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 693-732.
- BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**, de 10 de novembro de 1937. Brasília/DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em 20.jul.2016.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Brasília/DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 20.jul.2016.
- _____. **Decreto nº 2.208**, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília/DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em 18.nov.2016.
- _____. **Decreto nº 5.154**, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília/DF. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br>>. Acesso em 18.nov.2016.
- _____. **Decreto nº 7.566**, de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes e Artífices para o ensino profissional primário e gratuito. Brasília/DF. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto>>. Acesso em 20.jun.2016.

_____. **Decreto nº 11.530**, de 18 de março de 1.915. Reorganiza o ensino secundário e o superior na República. Brasília/DF. Disponível em:
<<http://www2.camara.leg.br>>. Acesso em 18.nov.2016.

_____. **Decreto Lei nº 4073**, de 30 de janeiro de 1.942. Lei orgânica do ensino industrial. Brasília/DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4073.htm>. Acesso em 18.nov.2016.

_____. **Decreto Lei nº 4244**, de 9 de abril de 1.942. Lei orgânica do ensino secundário. Brasília/DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm>. Acesso em 18.nov.2016.

_____. **Lei nº 4024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e base da educação nacional. Brasília/DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em 18.nov.2016.

_____. **Lei nº 5692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília/DF. Disponível em:
< <http://www2.camara.leg.br> >. Acesso em 18.nov.2016.

_____. **Lei nº 7.044**, de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Brasília/DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7044.htm>. Acesso em 18.nov.2016.

_____. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília/DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 18.nov.2016.

_____. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas Instituições federais de ensino técnico de nível médio. Brasília/DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em 24.jun.2016.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília/DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em 27.jun.2016.

_____. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9394/1996 e 11.494/2007; revoga a Lei nº 11.161/2005; e institui a Política de Fomento à implementação de Escolas de Ensino Médio em tempo integral. Brasília/DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em 19.maio.2017.

_____. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio**. Brasília/DF. Disponível em:
< <http://portal.mec.gov.br/component/content/article> > . Acesso em 22.jun.2017.

_____. Ministério da Educação. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília/DF. Disponível em:
< http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf > . Acesso em 22.jan.2017.

COSTA, César Lima. A política de integração do ensino médio à educação profissional no Brasil e a escola unitária em Gramsci. **Ensino Médio: história, mobilização, perspectivas**. Albano Oliveira Nunes... [et al.]; organizadores, Jean Mac Cole Tavares Santos, Francisco das Chagas Silva Souza, Elione Maria Nogueira Diógenes. – Natal: IFRN Editora, 2013. Páginas 127-138.

DELORY-MOMBERGER, Chistine. Franco Ferrarotti ou a construção compartilhada do saber. In: FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais**. Trad. de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN. EDUFRN, 2014. p. 17-23.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de pesquisa. Nº 115. P. 139-154. Março/2002.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais**. Trad. de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN. EDUFRN, 2014a.

_____. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio. FINGER, Matthias (orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. – 2ª ed. - Natal, RN: EDUFRN, 2014b, 29-55.

FRIGOTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria. RAMOS, Marise (Orgs). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. 3ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

GUSDORF, G. Lingnes de vie. Auto-bio-graphie. Paris: Odile Jacob, 1991. In: JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 90-113.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativa da população 2016**. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=240830> >. Acesso em 09.abr.2017.

IFRN. **Resolução nº 38/2012-CONSUP/IFRN**, de 26 de março de 2012. Aprova o Projeto Político-Pedagógico do IFRN, incluindo a Organização Didática e demais volumes. Disponível em:
< <http://portal.ifrn.edu.br/conselhos/consup/resolucoes/2012/resolucao-no-38-2012/view> >. Acesso em 09.abr.2017.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio em Administração, na forma Integrada, na modalidade presencial**. Ano 2011.

Disponível em:

<<http://portal.ifrn.edu.br>>. Acesso em 14. jul.2016.

JACCOUD, Mylene; MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In. NASSER, Ana Cristina. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 254-294.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes Reforma Capanema**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em:
<<http://www.educabrazil.com.br/reforma-capanema/>>. Acesso em: 17.jan.2017.

NEVES, Luis Freire. Pesquisa qualitativa. Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, V. 1, nº 3. 2º sem./1996.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PEREIRA, Adriana da Silva Alves. **Sucesso escolar de alunos dos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontífica Universidade Católica de Minas Gerais-MG – Belo Horizonte, 2005. 219 p.

PINEAU, Gaston, LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal, RN: EDUFRN, 2012, 181 p.

POUPART, Jean. A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In. NASSER, Ana Cristina. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 215-253.

Portal da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. **Expansão da Rede Federal**. 2016. Disponível em:
<redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>. Acesso em 09.abr.2017.

SILVA, Jailson de Souza e. **“Por que uns e não outros?” caminhada de jovens pobres para a universidade**. Rio de Janeiro: 7letras, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO PARA OS EGRESSOS

1. Qual o meio de transporte utilizado para se locomover até o IFRN?

- a. ☐ Moto ☐ própria ☐ alugada
- b. ☐ Automóvel ☐ próprio ☐ alugado
- c. ☐ Bicicleta
- d. ☐ Ônibus Escolar
- e. ☐ Carona
- f. ☐ Caminhando
- g. ☐ Outros _____

2. Com que frequência você estudava em casa?

- a. ☐ Todos os dias
- b. ☐ Duas ou três vezes por semana
- c. ☐ Uma vez por semana
- d. ☐ Outros _____

2.1. Quantas horas você estudava?

- a. ☐ Uma ou duas horas por dia todos os dias
- b. ☐ Duas ou três horas por dia todos os dias
- c. ☐ Quatro ou cinco horas por semana
- d. ☐ Outros _____

3. Escolaridade da mãe:

- a. ☐ Nunca estudou
- b. ☐ Ensino Fundamental ☐ completo ☐ incompleto
- c. ☐ Ensino Médio ☐ completo ☐ incompleto
- d. ☐ Ensino Superior ☐ completo ☐ incompleto
- e. ☐ Pós-Graduação
- f. ☐ Outro _____

4. Escolaridade do pai:

- a. ☐ Nunca estudou
- b. ☐ Ensino Fundamental ☐ completo ☐ incompleto
- c. ☐ Ensino Médio ☐ completo ☐ incompleto
- d. ☐ Ensino Superior ☐ completo ☐ incompleto
- e. ☐ Pós-Graduação
- f. ☐ Outro _____

5. Você participou de algum programa de assistência estudantil do IFRN?

- a. ☐ Sim
- b. ☐ Não

5.1- Quantos semestres? _____

6. Qual programa?

- a.() Iniciação Profissional
- b.() Auxílio Alimentação
- c.() Auxílio Transporte
- d.() Nunca participou

7. Você participou como bolsista de algum projeto/tutoria:

- a.() Projeto de Pesquisa e Inovação () remunerado () voluntário
- b.() Projeto de Extensão () remunerado () voluntário
- c.() Tutoria de laboratório () remunerado () voluntário
- d.() Nunca participou

7.1. Se participou, por quanto tempo? _____ meses

7.2. Trabalhou em mais de um projeto? () sim () não

APÊNDICE B – MODELO DE SEGUNDO QUESTIONÁRIO COM EGRESSOS

Responda brevemente as questões, abaixo:

- 1 – Por que escolheu o IFRN/NC e o curso profissionalizante de Administração?
- 2 - Que dificuldades encontrou para a realização do curso?
- 3 – Descreva, sucintamente, sua relação com o curso e com os professores.
- 4 – Comente sua permanência na escola, foi gratificante?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE POSSÍVEIS PERGUNTAS A SEREM FEITAS NA ENTREVISTA AUTOBIOGRÁFICA NARRATIVA

- 1 – Como você superou as dificuldades encontradas durante o curso?
- 2 – Quais estratégias você usou para estudar?
- 3 – Como era sua convivência com os demais alunos da turma?
- 4 – Como era sua convivência com a família durante a realização do curso?
- 5 – Como você compreende seu sucesso escolar obtido com a conclusão do curso?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

Título da Pesquisa: **ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUCESSO ESCOLAR:
Estudo realizado com jovens do Agreste Potiguar através de Narrativas
Autobiográficas.**

Nome do Pesquisador: Zenileide Rejane de Azevedo

Características da Pesquisa:

1. **Natureza da pesquisa:** Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade estudar casos de sucesso escolar no curso técnico profissionalizante de nível médio, na forma Integrado, em Administração do IFRN/*Campus* Nova Cruz.
2. **Participantes da pesquisa:** 5 (quatro) alunos(as) egressos do referido curso.
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo você permitirá que a pesquisadora faça perguntas relacionadas a permanência e conclusão do curso. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a você.
4. **Sobre as entrevistas:** as entrevistas serão realizadas na residências dos entrevistados, ou em outro lugar a sua escolha, com o interesse de ouvir as narrativas dos entrevistados sobre as suas experiências e formação durante o curso e na conclusão do mesmo.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa não oferecem riscos à sua dignidade.
6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.

7. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o sucesso escolar alcançado, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa, motivar muitos jovens a prosseguirem com o objetivo de estudar para conseguirem uma vida melhor e realizarem seus sonhos. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.
8. **Pagamento:** Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Observação: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

A presente entrevista narrativa é parte integrante da pesquisa. Deixamos claro que os dados serão utilizados e publicados de forma que os participantes da pesquisa terão sua identificação preservada, mantendo-se em sigilo e ética.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa, de forma voluntária, e que posso dela sair a qualquer momento, sem prejuízo algum. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados apresentados não possam identificar-me.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Como pesquisador responsável pela pesquisa de Mestrado: **ENSINO
PROFISSIONALIZANTE E SUCESSO ESCOLAR: Estudo realizado com jovens do
Agreste Potiguar através de Narrativas Autobiográficas.**

, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodológicos e direitos que foram esclarecidos e assegurados aos participantes desse estudo, assim como manter sigilo e a confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Assinatura do Pesquisador

Natal/RN, ____ de _____ de 2017.